



Aldo Fernandes da Rocha

Anúncio e práxis do Reino de Deus
Uma percepção escatológica no pensamento de Edward
Schillebeeckx

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Cesar Augusto Kuzma

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2015



Aldo Fernandes da Rocha

Anúncio e práxis do Reino de Deus

**Uma percepção escatológica no pensamento de Edward
Schillebeeckx**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Joel Portella Amado

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Erico João Hammes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof^a. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Aldo Fernandes da Rocha

Sacerdote da Diocese de Bragança-PA. Estudou Filosofia e Teologia no Centro Teológico do Maranhão, em São Luís-MA, Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição, em Ananindeua, e no Instituto de Pastoral Regional, em Belém-PA, de 1988 a 1995. Bacharel em Teologia (Faculdade Dehoniana - Taubaté-SP), em 2010. Fez Curso de Formação para Formadores no *Athenaeum Regina Apostolorum* (Roma – 1995); Curso para Peritos em Causas de Canonização (Congregação das Causas dos Santos, Cidade do Vaticano – 2003); Licenciatura Plena em Ciências da Religião (Universidade Vale do Acaraú – Sobral-CE – 2003); Ensinou Escatologia no Instituto Regional de Formação Presbiteral – IRFP-CNBB-N2, em Ananindeua-PA.

Ficha Catalográfica

Rocha, Aldo Fernandes da

Anúncio e práxis do Reino de Deus : uma percepção escatológica no pensamento de Edward Schillebeeckx / Aldo Fernandes da Rocha ; orientador: Cesar Augusto Kuzma. – 2015.

139 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Reino de Deus. 3. Edward Schillebeeckx. 4. Profeta escatológico. 5. Anúncio. 6. Práxis. 7. Fé. 8. Metanóia. 9. Bem-aventuranças. 10. Parábolas. 11. Ressurreição. I. Kuzma, Cesar Augusto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Àqueles/as que até aqui me ajudaram a conhecer Jesus Cristo: minha
Família, Diocese de Bragança, Religiosas, Leigos, os pobres e pecadores. Deles é
o Reino de Deus!

Agradecimentos

Ao Pai que, pelo Filho, no Espírito Santo, chamou-nos a participar do seu Reino na história, seguindo Jesus Cristo, na Igreja. À Virgem Maria, cuja glória em corpo e alma é a imagem antecipada da Igreja escatológica.

Ao Cardeal Orani João Tempesta e Dom Nelson Francelino, pela acolhida na Arquidiocese do Rio de Janeiro; às Paróquias de São Paulo Apóstolo e Nossa Senhora de Copacabana, seus Sacerdotes, Religiosos e Leigos/as, que me incentivaram com paciência, alegria e testemunho na vida do Reino.

A Dom Luís Ferrando, Bispo da Diocese de Bragança, aos meus confrades Sacerdotes, aos Religiosos e Religiosas, aos Seminaristas, Leigos e Leigas, meus alunos, e à minha Família, que me desafiaram a prosseguir na investigação teológica e no interesse pela Escatologia.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que me acolheu no seu programa de Pós-Graduação em Teologia.

À CAPES, pelo financiamento investido nesta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma, pela sugestão desta pesquisa, acolhida em seu grupo de estudos, acompanhamento, revisão, incentivo e amizade que, no seguimento de Cristo, me fascinou mais ainda pelo Reino de Deus e pela obra de Edward Schillebeeckx. À Profa. Dra. Ir. Lina Boff, pelo fraterno apoio. À Profa. Ms. Kátia Filippi Pecoraro, pela leitura e correção dos textos.

Aos Professores da Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, pelas luzes projetadas sobre a temática do Reino de Deus.

Aos meus colegas de Mestrado da PUC-Rio, com quem pude partilhar alegrias, esperanças e desafios no mútuo crescimento humano e em nossa Fé.

Sejam recompensados/as com as alegrias do Reino de Deus!

Resumo

Rocha, Aldo Fernandes da; Kuzma, Cesar Augusto. **Anúncio e práxis do Reino de Deus. Uma percepção escatológica no pensamento de Edward Schillebeeckx.** Rio de Janeiro, 2014, 139p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação trata do anúncio e práxis do Reino de Deus, com a finalidade de perceber os elementos escatológicos da temática, presentes no pensamento de Edward Schillebeeckx, contidos na obra *Jesus, a história de um vivente*, além de outras obras do autor e de outros autores em diálogo com ele. A metodologia adotada é a da revisão bibliográfica, e os pontos de relevância são o anúncio, a práxis do Reino, e a percepção dos elementos escatológicos destacados por Schillebeeckx. Jesus anunciou o Reino de Deus, por meio das bem-aventuranças, parábolas e a reinterpretação da Lei mosaica a favor dos pobres, trazendo de Deus a ajuda salvadora para a humanidade. Se as bem-aventuranças são o programa de vida do Reino, as parábolas são sua ilustração vital, e todas elas se referem ao próprio Jesus, que é, em pessoa, o Reino de Deus. Consequente do anúncio, a práxis do Reino em Jesus se verifica em suas atitudes de cura e libertação do mal, revelando a compaixão e misericórdia de Deus. O anúncio e práxis do Reino geram a comunidade de discípulos, que, após a morte e ressurreição de Jesus, na força do Espírito Santo, dá continuidade à sua missão na história. Com Jesus, o Profeta escatológico, o Reino de Deus se aproxima da humanidade e realiza já o que ainda há de ser plenamente experimentado no futuro escatológico de Deus.

Palavras-chave

Reino de Deus; Edward Schillebeeckx; profeta escatológico; anúncio; práxis; fé; metanóia; bem-aventuranças; parábolas; ressurreição.

Abstract

Rocha, Aldo Fernandes da; Kuzma, Cesar Augusto (Advisor). **Proclamation and praxis of God's Kingdom. An eschatological sense in thinking of Edward Schillebeeckx.** Rio de Janeiro, 2014, 139p. MSc. Dissertation – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation deals with the proclamation and praxis of the God's Kingdom, in order to realize the eschatological elements of the theme, present in the thought of Edward Schillebeeckx, contained in the book “Jesus, the story of a living”, and other works by the author and other authors in dialogue with him. The methodology adopted is the literature review, and the points of relevance are the announcement, the praxis of the kingdom, and the perception of the eschatological elements highlighted by Schillebeeckx. Jesus proclaimed the Kingdom of God, through the Beatitudes, parables and the reinterpretation of the Mosaic Law for the poor people, bringing God's saving help for Humanity. If the beatitudes are the life program of the kingdom, the parables are a vital illustration, and they all refer to Jesus himself, who is, himself, the kingdom of God. Subsequent announcement, the praxis of the kingdom in Jesus is found in their attitude healing and deliverance from evil, revealing the compassion and mercy of God. The announcement and praxis of the kingdom generate a community of disciples who, after the death and resurrection of Jesus, in the power of the Holy Spirit, continues His mission in history. With Jesus, the eschatological prophet, God's Kingdom is approaching humanity and accomplishes what has yet to be fully experienced in the eschatological future of God.

Keywords

Kingdom of God; Edward Schillebeeckx; eschatological prophet; ad; praxis; faith; metanoia; beatitudes; parables; resurrection.

Sumário

1. Introdução	11
1.1. Perfil biográfico-acadêmico de Schillebeeckx e sua obra teológica	15
1.2. Metodologia e desenvolvimento	17
1.3. Amplitude temática, bibliográfica e delimitações	18
1.4. Notas sobre o objeto formal da pesquisa	20
2. O Reino de Deus está perto: o anúncio	23
2.1. O anúncio do Reino feito por Jesus	26
2.2. O futuro e o presente do Reino de Deus	33
2.3. O Reino anunciado nas bem-aventuranças	38
2.4. O Reino anunciado em parábolas	43
2.5. O Reino de Deus é dom gratuito	49
2.6. Reflexões conclusivas	53
3. O Reino de Deus já chegou: a práxis	57
3.1. Em Jesus e no discípulo o Reino se torna acontecimento	59
3.2. Os milagres: sinais do Reino em ação	64
3.3. A fé: condição para acolher a ajuda salvadora do Reino de Deus	69
3.4. Comensalidade de Jesus com pecadores: festa escatológica do Reino de Deus	74
3.5. Seguimento de Jesus: metanóia exigida pelo Reino de Deus	81
3.6. A práxis do Reino de Deus e a práxis da Lei	84
3.7. Reflexões conclusivas	91
4. Percepção escatológica do Reino de Deus no pensamento de Edward Schillebeeckx	95
4.1. Experiência pascal: realização do Reino de Deus na Comunidade escatológica	97

4.2. Jesus, o profeta escatológico	104
4.3. Os credos escatológicos	107
4.4. Ressurreição: o Pai aprova o Filho e inaugura a era escatológica	115
4.5. Reino de Deus: síntese do anúncio e da práxis de Jesus no pensamento de Schillebeeckx	119
4.6. Reflexões conclusivas	124
5. Conclusão	129
6. Referências Bibliográficas	134

Durante a vida, Jesus se identificara com a causa de Deus, com a vinda do Reino de Deus; assim, com ele se identificou o próprio Deus, fazendo-o levantar-se dentre os mortos; o próprio Jesus é esse Reino de Deus.

Edward Schillebeeckx

Introdução

A presente pesquisa se ocupa da temática do anúncio e práxis do Reino de Deus, com a finalidade de apresentar a percepção escatológica da temática colhida no pensamento de Edward Schillebeeckx, particularmente encontrada em sua obra *Jesus, a história de um vivente*, além das ressonâncias do tema presentes em outros artigos e obras do autor e de outros autores em diálogo com ele. A pesquisa coincide com o centenário de nascimento de Edward Schillebeeckx (1914 - 12 de novembro – 2014), e colhe desta data a ocasião para homenagear este grande Teólogo.

Desde o Concílio Vaticano II, a temática do Reino de Deus¹ comparece de modo transversal em todos os tratados teológicos. Embora sendo expressão encontrada com maior frequência na Cristologia, e, certamente por causa da centralidade que este tratado ocupa no edifício teológico, o Reino é termo de amplo uso que perpassa todas as áreas da investigação e do saber teológico, desde a Revelação à Escatologia, e desta à Pastoral.

Em nossa pesquisa, a temática do Reino de Deus será aprofundada do ponto de vista da Escatologia, destacando o anúncio e a prática do Reino nas palavras e nas ações salvadoras de Jesus. A intenção da pesquisa é perceber como Schillebeeckx apresenta esta temática, que permeia toda a sua obra cristológica, a partir dos elementos escatológicos que o autor evidencia. De fato, impressiona como Schillebeeckx utiliza uma farta linguagem escatológica, aplicando a Jesus o título de “profeta escatológico” e comentando à luz deste todos os demais títulos cristológicos colhidos nas fontes e tradições que geraram os textos dos evangelhos, em consonância com toda a expectativa apocalíptica dos Livros Históricos, Proféticos e Sapienciais, além dos Salmos.

Nossa pesquisa está centrada na perspectiva da Escatologia, disciplina teológica cujo discurso tem amadurecido notavelmente, de modo a ir além da sua

¹ A respeito do conceito do Reino de Deus, vale ler as sínteses oferecidas por: AURRECOECHEA, J. L. “Reino de Deus”. In: *Dicionário Teológico O Deus dos Cristãos*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 776-786; BUSSMANN, M. “Reino de Deus”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993, p. 765-775; FUELLENBACH, J. “Reino de Deus”. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida-SP, Vozes/Editora Santuário, 1994, p. 738-745; BERNABÉ, C. “Reino de Deus”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999, p. 674-683.

etimológica², porém, insuficiente definição de “doutrina sobre as últimas coisas”. Segundo Schillebeeckx, “*Escata* significa ‘as coisas extremas’; tudo o que diz respeito ao sentido final, mais profundo e ultimíssimo da vida humana, é chamado de ‘escatológico’”³. Entretanto, escatológico não se refere apenas ao que se situa após a vida terrena, mas também ao que diz respeito ao sentido definitivo da vida, ao fim dos tempos, ao tempo da salvação, ao fim da história, de modo a compreender que o futuro se antecipa e se constrói, e até já começa a se decidir a partir da atualidade. A virtude da Esperança⁴, amplamente aprofundada na Escatologia mais recente, é o horizonte no qual se tece a reflexão das temáticas escatológicas, tendo como ponto de partida a Revelação da vontade salvífica de Deus em Jesus Cristo. Desse modo, o Reino de Deus, temática recorrente ao menos 122 vezes nos Evangelhos, a maior parte delas na voz do próprio Jesus⁵, constitui assunto central da Revelação bíblica e o ligame entre o Antigo e o Novo Testamento, de modo que o que se esperava no Antigo se viu realizado no Novo

² Sobre o conceito de Escatologia e sua evolução nas pesquisas recentes, ver: TAMAYO, J. J. (Dir.). *Novo Dicionário de Teologia*. “Escatologia”, p. 166-171; SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J.-J. (Dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. “Escatologia Cristã”, p. 220-227; LADARIA, L. F. “Escatologia”. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida-SP, Vozes/Editora Santuário, 1994, p. 260-262; VORGRIMLER, H. “Escatologia/Juízo”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993, p. 229-235; GRESHAKE, G. “Escatologia”. In: *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo, Paulinas/Loyola, 2004, p. 620-625. Sobre as grandes temáticas da Escatologia Clássica clássica é a *Historia Salutis* - Série de monografias de Teologia Dogmática dirigida por Cândido Pozo, Justo Collantes e José Caba. Cf. POZO, C.; COLLANTES, J.; CABA, J. *Teologia del más allá*. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1992.

³ O autor oferece um glossário com os termos específicos da linguagem teológica, utilizados por ele ao longo da obra. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 685.

⁴ A respeito da virtude da Esperança, o Papa Bento XVI oferece um aprofundamento enriquecedor para a Escatologia atual. Vale acompanhar o ensinamento de Bento XVI na inteira Encíclica. Cf. BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi, sobre a Esperança Cristã*. São Paulo, Paulinas, 2007. Igualmente, é de vivo interesse para a Escatologia atual a contribuição de Jurgen Moltmann, considerado por C. Kuzma como o “fundador” da Teologia da Esperança. Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo, Teológica/Loyola, 2005. Sobre a temática da Esperança, recomenda-se bem a obra de Kuzma. Cf. KUZMA, C. *O futuro de Deus na missão da esperança*. Uma aproximação escatológica. São Paulo, Paulinas, p. 79-113. Igualmente clássica para os estudos atuais de Escatologia é a citadíssima obra de J. B. Libânio e Maria Clara Bingemer. Cf. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia Cristã*. O Novo Céu e a Nova Terra. Col. Teologia e Libertação. Tomo X. Série A Libertação na História. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1996. Vale ainda ler as sínteses feitas nos dicionários mais consultados atualmente: MARDONES, J. M. “Esperança”. In: *Dicionário Teológico O Deus dos Cristãos*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 302-305; ENGELHARDT, P. “Esperança”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993, p. 238-243; BELLOSO, J. M. R. “Esperança”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999, p. 227-233; LACOSTE, J.-Y. “Esperança”. In: *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo, Paulinas/Loyola, 2004, p. 644-650; PIAZZA, O. F. *A esperança*. Lógica do impossível, Paulinas, 2004. Todas estas obras chamam a atenção para o caráter performativo da escatologia e da esperança hoje.

⁵ Cf. BENTO XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte*. Do batismo no Jordão à transfiguração, p. 58.

Testamento, na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo confessado pela comunidade pós-pascal.

O encontro com Jesus, que pregava o Reino por meio de bem-aventuranças, parábolas e reinterpretações da Lei mosaica, e o testemunhava com ações de poder divino, capazes de devolverem a vida e o sentido de viver e acreditar em Deus, que ama e quer que todos vivam, gerou em torno de Jesus uma comunidade de discípulos, que, ao mesmo tempo, pela progressiva adesão da fé, se tornaram os futuros discípulos e missionários do Reino.

Após a experiência pascal feita com Jesus, vivo, crucificado e ressuscitado, na força do Espírito Santo, a comunidade dos discípulos se lançou na escatológica e esperançosa missão de fazer discípulos, anunciando o Reino de Deus que Jesus havia trazido para dentro da história, e assumindo as palavras e atitudes de Jesus, dando com isso prosseguimento à mesma missão que Jesus recebera do Pai, como Filho e profeta escatológico. Com a ressurreição de Jesus, a era escatológica estava inaugurada e, doravante, os discípulos haveriam de anunciar e testemunhar que o Reino de Deus já chegou, embora tudo o que se refira ao Reino se refira também a Jesus, que, tendo voltado ao Pai, retornará glorioso (*parusia*) no dia final para reunir todos os que, pela fé, esperança e caridade, se converterem e aderirem ao Reino, vivendo em contínua tensão escatológica para o futuro de Deus.

Schillebeeckx encanta o leitor pela luz que projeta na reflexão escatológica. Para ele, Jesus é o Reino em pessoa, o Anunciante e o Anunciado⁶. O que ele pregou foi o Reino, mas tudo o que se podia entender sobre o Reino claramente se vislumbrava na pessoa mesma de Jesus. No que ele fazia, o Reino aparecia e se tornava melhor compreendido através da maneira como Jesus amava os pobres, anunciava-lhes que Deus os ama, sentava-se à mesa com os pecadores e era visto sempre em contato evangelizador com mulheres, crianças, doentes, viúvas, idosos, pessoas excluídas da comunidade daqueles que se presumiam salvos pela prática da Lei. Assim, a pregação e a prática de Jesus traduziam o Reino em palavras e obras.

A vida plena para a humanidade era a causa do Reino por ser a causa de Deus, assumida por Jesus, até às últimas consequências. Por isso, Jesus se tornou incômodo e os doutores da Lei, os fariseus e os membros do Sinédrio não puderam tolerá-lo, pois a verdade contida em seus ensinamentos desmascarava a hipocrisia

⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 546.

deles, descortinava a misericórdia divina, opaca pelo medo do castigo de Deus, e desviada pelas práticas que atendiam à vaidade e presunção daqueles que deveriam ser os bons pastores do Povo de Deus. Enquanto eles fechavam a porta do Reino de Deus, não entravam e não deixavam os outros entrar (cf. Mt 23,13),urgia um profeta escatológico, que anunciasse ao Povo a amorosa salvação que vem de Deus Pai, e a mostrasse em obras críveis, imitáveis, constituidoras de uma nova mentalidade e de uma nova ética comunitária. O Reino pregado e testemunhado por Jesus gerava a nova comunidade: a comunidade escatológica e missionária do Reino. O anúncio do Reino não era simplesmente uma informação, mas uma mensagem performática.

A fonte alimentadora da pregação e da práxis do Reino na atuação de Jesus era seu relacionamento com o Pai (*Abba*). O Espírito do Pai movia Jesus a falar e tornar o Reino anunciado e percebido. Ele rezava o Reino e ensinava os discípulos a suplicar o Reino ao Pai (através da oração do *Pai nosso*). Sua fidelidade obediente ao Pai levou Jesus corajosamente à morte de cruz, como consequência (teo)lógica de sua paixão pelas coisas do Reino do Pai.

Com a condenação de Jesus à morte de cruz, a comunidade dos discípulos sofreu um golpe em sua fé, uma prova necessária, para retomá-la com maior vigor após a ressurreição do Mestre. Schillebeeckx diz que esta prova de fé deu ocasião à conversão dos discípulos, chamando-a de experiência pascal, fundamental para que a comunidade compreendesse Jesus e o confessasse como o Cristo, o Senhor. O Reino de Deus uniu os discípulos ao Mestre por meio do anúncio, da práxis, da morte e ressurreição. O destino do Mestre seria o destino do discípulo.

À fidelidade do Filho, correspondeu a fidelidade do Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, aprovando-o em sua missão, aparentemente malograda, mas na verdade resplandecente de poder e de glória já confessada na comunidade, e atualmente esperada em sua vinda final.

A seguir, apresentaremos um perfil biográfico-acadêmico de Schillebeeckx e os traços de sua obra teológica, bem como descreveremos a metodologia que adotamos para percorrer o caminho desta pesquisa, e como os temas subsequentes se coligam à temática central do Reino de Deus no pensamento de Schillebeeckx.

1.1

Perfil biográfico-acadêmico de Schillebeeckx e sua obra teológica

Edward Cornelis Florentius Alfonsus Schillebeeckx⁷, nasceu em Antuérpia - Bélgica, a 12 de novembro de 1914, e faleceu em Nimega – Holanda, a 23 de Dezembro – às vésperas do Natal - de 2009, aos 95 anos. Ingressou na Ordem dos Frades Pregadores (Dominicanos), na qual ele adotou como nome religioso Padre Henricus Schillebeeckx⁸. Embora muitos artigos continuem em língua original (o flamengo), as obras principais de Schillebeeckx sobre teologia já foram traduzidas em diversas línguas. Tendo participado do Concílio Vaticano II como teólogo perito do episcopado holandês, Schillebeeckx se tornou mundialmente conhecido como um dos teólogos mais importantes do século XX.

Nascido em uma família de 14 irmãos, Schillebeeckx tornou-se religioso dominicano, ingressando na Ordem dos Pregadores aos 19 anos. Foi ordenado sacerdote em agosto de 1941. Estudou filosofia em Gante - Bélgica (1935-1938), e Teologia na Universidade Católica da Lovaina - Bélgica (1939-1943). Ampliou seus estudos em Paris entre 1945 e 1946, na Le Saulchoir, grande escola de Teologia dos Dominicanos, perto de Paris, depois na Universidade de Sorbonne, e na École des hautes études en Sciences Sociales.

Em 1947, iniciou a carreira docente na Universidade Católica da Lovaina, no *Studium*, dos Dominicanos, onde lecionou teologia dogmática, participando da renovação teológica pós-guerra, e contribuindo principalmente em relação à "teologia da cultura". Renovou o pensamento tomista, buscando uma síntese entre a fenomenologia e o tomismo, permanecendo nesta universidade até 1957.

Em 1951 doutorou-se em Teologia, com tese intitulada “A economia sacramental da salvação” (*De sacramento heilseconomie*), a qual, publicada

⁷ Cf. BRAMBILLA, F. G., *Edward Schillebeeckx*. Col. Teólogos do Século XX. São Paulo, Loyola, 2006. Toda a obra é dedicada a E. Schillebeeckx. Encontra-se também um rico itinerário de leitura da obra de Schillebeeckx elaborado por André Torres Queiruga, publicado na Revista de Teologia e Cultura, intitulada Ciber Teologia. Cf. QUEIRUGA, A. T. *O projeto cristológico de Edward Schillebeeckx* – Partes I (p. 1-14), Parte II (p. 1-12), Parte III (p. 1-4). In: Ciber teologia. Revista de Teologia & Cultura, Ano II (Julho/Agosto) 2006, n. 6. São Paulo, Paulinas, 2006.

⁸ P. Henricus Schillebeeckx, O. P., é o nome com o qual o autor assina seu artigo *Virgo Immaculata - Acta Congressus Mariologici-Mariani, Romae MCMLIV celebrati*, Vol. IX – De immaculata conceptione aliisque privilegiis B. V. Mariae pro statu Christum natum antecedente et concomitante, publicada pela Academia Mariana Internationalis, Roma, 1957, p. 305-321. Nesta pesquisa, nomearemos o autor apenas como Schillebeeckx, ou seja, com o sobrenome com o qual ele é mundialmente conhecido.

parcialmente, teve importante repercussão na teologia holandesa e para a renovação da teologia dos sacramentos. Em 1958, assumiu a cátedra de Teologia Dogmática e Histórica da Universidade de Nimega, na Holanda. O desenvolvimento acadêmico de Schillebeeckx o levou a lecionar prioritariamente para alunos de pós-graduação e a atividades de pesquisa teológica. Participou ativamente da vida pastoral da igreja holandesa. Ganhou projeção internacional, e foi convidado para conferências na Europa e nos Estados Unidos.

Em 1960, ajudou a fundar o *Jornal de Teologia*, do qual foi editor chefe. Durante o Concílio Vaticano II, foi conselheiro teológico do Cardeal holandês Alfrink e participou ativamente do Concílio, onde teve contato com notáveis teólogos renovadores da Teologia Católica. Em 1965, junto com teólogos ditos progressistas, como Yves Congar, Karl Rahner, Johann Baptist Metz e Hans Küng, criou a *Revista Internacional de Teologia Concilium*, editada em oito idiomas, inclusive o português, até os dias atuais. Schillebeeckx foi um dos inspiradores do famoso Catecismo dos Bispos Holandeses, cuja fase de seu pensamento na época foi marcada pelo interesse acerca da secularização e a relação Igreja-Mundo. Tornou-se conhecido pela afirmação: "Fora do mundo não há salvação" (*extra mundum nulla salus*), em contraste com o aforismo: "Fora da Igreja não há salvação" (*extra ecclesiam nulla salus*)⁹.

Em contato com Congar e, sobretudo, com Chenu, Schillebeeckx se viu arremessado a novas perspectivas. Segundo Faustino Teixeira¹⁰, quando começou a lecionar em Nimega, em 1958, iniciando com a cadeira de Escatologia, Schillebeeckx trazia consigo uma teologia progressiva, bem mais avançada que a teologia neo-escolástica vigente em Nimega.

Schillebeeckx visitou duas vezes os Estados Unidos, entre 1966 e 1967, conhecendo ali teólogos como A. Dulles, Harvey Cox, Mckenzie, C. Smith, e diversas Universidades e estudantes. Naquele país confrontou-se com o secularismo radical, cujas marcas geraram uma nova fase de seu pensamento, que passa a

⁹ Esta expressão de Schillebeeckx vem citada por Jon Sobrinho numa carta enviada a Ignacio Ellacuría, em 21 de novembro de 2005. O texto traz como título um plágio a outros aforismos relativos à Igreja e ao mundo, agora relativo aos pobres: *Extra pauperes nulla salus* (Fora dos pobres não há salvação). Cf. SOBRINO, J. *Carta a Ignacio Ellacuría*. In: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=20035>. Acesso em 18.11.2014.

¹⁰ Cf. TEIXEIRA, F. L. C. *Colloqui con Francesco Strazzari, por Edward Schillebeeckx*. Edizioni Dehoniane, Bologna, 1993. In: *Revista Eclesiástica Brasileira – REB*, 218 (Junho) 1995, *Apreciações*, p. 465-468.

desenvolver-se em torno do interesse hermenêutico-crítico. Em 1982, Schillebeeckx afastou-se da cátedra, permanecendo ativo em suas pesquisas e atuante na igreja holandesa. Ele é considerado um dos maiores teólogos do século XX pela amplitude e abrangência de sua obra, pela sua influência e sobretudo por inovar no modo de fazer teologia dogmática, ao incorporar os resultados dos avanços na pesquisa bíblica dos últimos séculos.

Em 1968, sua obra foi alvo de um processo da Congregação para a Doutrina da Fé, por sua visão positiva da secularização. Em 1979, seu livro *Jesus, a história de um vivente* foi investigado. Em 1981, sofreu novo processo pela obra *O ministério eclesial* - onde justificava a presidência da eucaristia por parte de um ministro extraordinário não ordenado. Não sem muito sofrimento¹¹, Schillebeeckx saiu ileso dos três processos, e inclusive bem, já que conseguiu desmontar as acusações de seus inquisidores com lucidez de argumentos, brilho de exposição e finura teológica.

1.2

Metodologia e desenvolvimento

A presente pesquisa encontra na temática do Reino de Deus seu objeto material e na obra de Edward Schillebeeckx, intitulada *Jesus, a história de um vivente*, seu objeto formal.

O método adotado para a pesquisa é o da revisão bibliográfica, recolhendo e construindo nosso argumento, a partir dos dados fornecidos pelo autor, prioritariamente na obra básica que escolhemos, citando também textos relativos à temática do Reino de Deus, presentes em outras obras do mesmo autor e de outros autores que, de algum modo aprofundam o pensamento de Schillebeeckx ou com ele dialogam.

Embora os eixos centrais da pesquisa se situem nas temáticas do anúncio e da prática do Reino de Deus, a abordagem se amplia quando procuramos perceber a perspectiva escatológica do Reino de Deus no pensamento de Schillebeeckx. Desse modo, a pesquisa se articula em três aspectos fundamentais do tema: o anúncio, a

¹¹ “Ao final do primeiro processo, o teólogo chegou a confidenciar a Rahner: ‘Que tratamento reservado a nós que trabalhamos dia e noite pela Igreja!’”. TEIXEIRA, F. L. C. Op. Cit., p. 466.

prática e a percepção escatológica da temática do Reino, que nós colhemos ao lermos a obra.

Além desta Introdução (1)¹², a pesquisa se articula em torno de três principais eixos temáticos: o Anúncio do Reino de Deus (2), feito por Jesus através das bem-aventuranças e das parábolas; a Práxis do Reino na pessoa de Jesus (3), através dos milagres, das ações salvíficas e libertadoras, exorcismos e milagres, com que a proximidade do Reino vai sendo sinalizada por Jesus; por fim, a Percepção escatológica do Reino de Deus, que verificamos no pensamento de Schillebeeckx (4), com destaque para alguns elementos escatológicos importantes para o próprio autor e para a Escatologia atual. O texto é finalizado por uma Conclusão (5) e a Bibliografia (6).

1.3

Amplitude temática, bibliográfica e delimitações

A temática do Reino de Deus, como nos referimos acima, é transversal na literatura teológica atual. É vasta a lista de teólogos que escreveram acerca do Reino de Deus ou temáticas a ele relacionadas, seja do ponto de vista da Revelação, da Cristologia, Ecclesiologia, da Exegese bíblica, da Moral, da Pastoral e demais disciplinas teológicas. Dentre tantos teólogos de uma possível lista bibliográfica, encontraremos em diálogo com Schillebeeckx ao longo desta pesquisa autores como: Ratzinger, Kasper, Pannenberg, Antônio Pagola, Moingt, Neutzling, Libânio e Maria Clara Bingemer, Garcia Rubio, Lina Boff e Cesar Kuzma, dentre tantos outros que nos serviram de apoio e fonte, tais como os dicionários dirigidos por Tamayo, Nestle e Aland, Eicher, Navarro, Xabier Pikaza e Nereo Silanes. Foram de grande ajuda para a compreensão do pensamento do autor os comentários de Giulio Franco Brambilla, Rossino Gibellini, Batista Mondin e Faustino Teixeira, dentre outros. Citamos Revistas como REB, *Concilium*, Grande Sinal e Revista Iberoamericana de Teologia, que trazem artigos sobre a temática desta pesquisa à luz do pensamento de Schillebeeckx. Apoiamo-nos em comentários bíblicos feitos por Joahn Konings e Jaldemir Vitório.

¹² Numeração a que corresponde cada capítulo da pesquisa.

Além da celebração do centenário de nascimento de Schillebeeckx, a escolha que fizemos dele como autor da obra estudada nesta pesquisa se justifica por encontrar nele consistente material para investigação e conhecimento da temática do Reino, ajudados pela perspicácia científica e teológica de um teólogo que atravessou os tempos, pré e pós Concílio Vaticano II, que herdou de seus professores e colegas teólogos uma rica reflexão, e deixou para nós um legado de notável valor teológico, ainda a ser traduzido de sua língua original (o flamengo) para o português, e aprofundado em nossos Institutos de formação.

Ao longo da pesquisa, o pensamento do autor será apresentado como iluminação para o aprofundamento do tema do Reino de Deus em sua perspectiva escatológica, em diálogo com os demais autores citados que demonstram significativa afinidade com o tema.

Entre si, os capítulos desenvolvidos ao longo da pesquisa se coligam pela mesma temática na procura do que o autor informa sobre o anúncio do Reino, feito por Jesus nas bem-aventuranças e nas parábolas, e sua consequente prática nos milagres de cura e exorcismos, como sinais para despertar nos discípulos a adesão de fé, de modo que esta vai plasmando neles a realidade do Reino, mediante a identificação deles com o próprio Jesus, através da prédica, da práxis, do martírio e da missão. Deste modo, o Reino anunciado e testemunhado pelo Filho de Deus, como *Eschaton*, estende-se na história, na pregação e testemunho de vida dos discípulos, como esperança escatológica para a humanidade, apontando para todos o rumo do Reino que se realizará em plenitude no futuro de Deus. A partir da temática do anúncio e da práxis do Reino na pessoa de Jesus, procuraremos perceber alguns dos principais elementos escatológicos presentes no pensamento de Schillebeeckx e os apresentaremos de modo a entrever nossas conclusões.

1.4

Notas sobre o objeto formal da pesquisa

Para focar nossa investigação no seu objeto formal, fizemos um recorte epistemológico e bibliográfico, situando-nos na obra cristológica de Edward

Schillebeeckx, intitulada *Jesus, a história de um vivente*¹³, publicada em 1974, sob o título original *Jezus, het verhaal van een levende*, situada na segunda fase da evolução percebida na reflexão teológica do autor. Todos os comentaristas¹⁴, seguindo a trajetória intelectual de Schillebeeckx, e incluindo suas mesmas indicações, perceberam uma evolução em sua reflexão teológica, cuja primeira parte corresponderia aos anos de sua docência em Lovaina, na Bélgica (1947-1957), e a segunda, a partir dos anos em que começou a lecionar Teologia Dogmática e História em Nimega, na Holanda, desde 1958, até sua aposentadoria em 1982.

Nesta pesquisa, usaremos a tradução feita por Frederico Stein, publicada pela Editora Paulus, em 2008, com 743 páginas. Esta obra é a primeira da trilogia cristológica do autor. Uma segunda obra foi traduzida para o espanhol sob o título *Cristo y los cristianos. Gracia y liberación* (em 1977), e a terceira foi traduzida para o português sob o título *História humana: revelação de Deus*, que aparece em edição original no ano de 1989. Para Gibellini, “esses três livros do teólogo de Nijmegen representam a obra cristológica mais vasta e criativa do nosso século”¹⁵.

Na obra *Jesus, a história de um vivente*, Schillebeeckx parte de uma convicção: a renovação teológica, que significou o retorno às suas fontes, para refletir sobre a ação de Deus em Jesus Cristo. Tal reflexão já se fazia presente na Igreja Católica antes do Vaticano II, embora feita em uma só direção: a direção do passado. O autor recupera a outra direção, a do presente, e as entrelaça, pois a Teologia brota sempre de duas fontes que não de manter-se contínua e criticamente unidas: a grande tradição pela qual nos chega a mensagem cristã, e a novidade da experiência humana, que se faz na atualidade histórica da mesma mensagem, pois é com a situação atual que se compreende o significado do evangelho e do Reino

¹³ Em sua maturidade teológica, Schillebeeckx publicou sua obra cristológica, traduzida para o português com o título *Jesus, a história de um vivente* (Paulus, 2008, com 743 páginas). Com sucesso editorial sem precedentes (em 1980 já estava na 7ª edição), o livro foi lançado em 1974, considerado o ano da cristologia, quando o interesse pelo tema atinge o clímax e as pesquisas sobre os temas da esperança, do futuro, da escatologia e do progresso inclinam-se para a pergunta sobre o “critério” da esperança e da salvação cristã. Para se ter ideia da importância do ano de 1974 para a cristologia, além da obra de Schillebeeckx, foram lançadas outras duas importantes obras cristológicas: Walter KASPER, *Jesus, der Christus*, Mainz, Grunewald, 1974; e Hans KUNG, *Christ sein*, Munchen, Piper, 1974.

¹⁴ Fala-se de uma distinção didática entre um “primeiro” e um “segundo Schillebeeckx”, segundo a evolução das temáticas de sua literatura teológica. Sobre esta evolução, encontra-se amplo comentário elaborado por: NAVARRO, R. B. *Schillebeeckx, Edward*. In: Dicionário de Teólogos/as Contemporâneos, p. 850-861.

¹⁵ GIBELLINI, R. *Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural*. In: REB, 277 (Janeiro) 2010, p. 202.

de Deus. A chave cristológica-escatológica de Schillebeeckx reside na relação essencial entre fé e experiência do mundo vital atual, chave que abarca toda a história da teologia, a partir do Novo Testamento, no esforço de projetar um horizonte diverso do atual e próprio para compreender o passado, no qual Deus agiu por meio do seu Filho.

A intenção da obra cristológica do Teólogo holandês não é apologética, mas de estudo crítico da inteligibilidade humana da fé cristológica em Jesus, especialmente em suas origens, a partir do que Jesus realmente disse e fez. É, ao mesmo tempo, uma fé que procura entender, e uma compreensão inteligível que oferece suporte para crer no mistério de Jesus Cristo, que anuncia e pratica o Reino de Deus que está vindo. “Na origem da fé cristã está a ‘experiência’ do encontro dos apóstolos com Jesus e o que significou para eles o encontro com Deus mesmo que oferece salvação”¹⁶. Esta experiência foi tematizada e transmitida por escrito mais tarde como ‘revelação’, como evangelho, para os que haveriam de crer no testemunho dos apóstolos.

Para Mondin, em sua obra, Schillebeeckx se empenhou em duas grandes tarefas: “A primeira é de recolher sob a forma cultural da igreja antiga a verdade de Jesus de Nazaré. A segunda é reexprimir tal verdade segundo o modelo de espera e libertação e segundo a linguagem do homem do nosso tempo”¹⁷. Para isso, Schillebeeckx elabora sua reflexão a partir da autocompreensão do homem moderno, “de sua visão das coisas e da história e de sua perspectiva escatológica, passando então à apresentação de Cristo como o único homem capaz de satisfazer sua espera de salvação”¹⁸.

A obra de Schillebeeckx está estruturada em quatro partes. Na primeira, o autor aborda o problema do método, atribuindo a determinação da figura de Cristo o critério da experiência de salvação que seus discípulos fizeram no encontro com ele, e da resposta que a comunidade deu à pergunta de Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou? (Mt 16,15). Na segunda parte, o autor analisa os aspectos historicamente verificáveis da vida de Jesus. Nesta parte, começa a aparecer a temática do Reino de Deus, pregado por Jesus, como o amor universal de Deus pela

¹⁶ Cf. NAVARRO, R. B. *Schillebeeckx, Edward*. In: *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*, p. 856. Tradução nossa.

¹⁷ MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*. Vol. 1, p. 262.

¹⁸ *Ibid.*

humanidade manifestado na práxis de Jesus e no seu chamado a todos. Na terceira parte, Schillebeekx se ocupa da interpretação cristã do crucificado ressuscitado. “Tendo interpretado Jesus como o profeta escatológico, os primeiros cristãos chamaram-no Filho do Homem, Filho de Deus e Senhor”¹⁹. Por fim, na quarta parte, o autor trata do problema crucial do valor salvífico universal da pessoa, das obras e da mensagem de Jesus Cristo, repelindo a teoria derivada do Iluminismo, segundo a qual o cristianismo já teria cumprido o seu papel, e defendendo a necessidade do conhecimento histórico de Jesus, à luz da qual é possível compreender como Deus lhe deu a plenitude do ser homem, de vida solidária e vivida pelos outros²⁰.

Em notável domínio e manejo das fontes dos textos bíblicos, além de ampla bibliografia consultada e citada no início de cada capítulo, Schillebeeckx nos apresenta Jesus Cristo como *o Vivente* (cf. Ap 1,18) e, com isso, demonstra profundo respeito à tradição, ao mesmo tempo em que se abre para o futuro, em sintonia com a cultura atual. Trata-se de uma densa coletânea de conhecimentos teológicos, no estilo de uma cristologia narrativa, ao mesmo tempo em que o autor adensa o leitor na reflexão de um possível itinerário escatológico, para o encontro com o Reino de Deus na prédica e na prática de vida da pessoa de Jesus Cristo, que se constitui como o interesse desta pesquisa.

Creemos que essa aproximação da temática do Reino de Deus, em seus eixos de anúncio e práxis, com a percepção escatológica que queremos colher na obra em consideração, e em outras correlatas sobre Schillebeeckx, contribuirá para que um maior número de estudantes da ciência teológica, particularmente aqueles inclinados ao interesse da Escatologia, encontrem a verdade sobre Jesus Cristo, o Profeta escatológico que o Pai enviou à humanidade, para que esta sentisse a proximidade salvadora de Deus, já aqui, nesta vida, e, por meio de uma conversão sempre mais totalizadora da vida, correspondesse à vocação à vida plena no escatológico Reino de Deus, ainda a ser plenamente experimentado na vida eterna.

¹⁹ MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*. Vol. 1, p. 265.

²⁰ Cf. Ibid., p. 265-266.

O Reino de Deus está perto: o anúncio

Neste capítulo, seguindo o pensamento de Schillebeeckx, a temática do Reino de Deus será abordada em chave escatológica a partir do anúncio feito por Jesus (2.1)²¹: o Reino que vem se aproxima da humanidade com e a partir de Jesus, e as pessoas percebem tal aproximação como sendo efetivamente Deus presente e atuante na pessoa de seu Filho.

A penetração histórica do Reino escatológico dá ocasião para verificar a distinção e interligação das categorias de “hoje” e de “futuro” em relação ao Reino (2.2). O eixo integrador das duas categorias é a pessoa mesma de Jesus que, em seu anúncio e praxe, mostra o Reino atuante no tempo presente, no “agora” histórico, e, ao mesmo tempo, remete e aponta para a sua plenitude no além da história, no futuro escatológico, para onde a humanidade é chamada e se encaminha àquela realidade que o conceito da escatologia tradicional define como Céu.

O anúncio do Reino é proposto por Jesus em duas bases de proclamações proféticas. A primeira base é a das bem-aventuranças (2.3), cujos sujeitos e destinatários são os pobres, a quem Jesus comunica a esperança que se apoia no interesse que Deus tem por eles, a fim de que experimentem em suas vidas o amor e a justiça de Deus. A segunda base é a das parábolas (2.4), em cujo núcleo está o ser e o agir do próprio Jesus. Ele mesmo é a parábola viva do reino que anuncia²². A provocação do conteúdo fundamental das parábolas requer de quem as ouve uma conversão (metanóia), que lhe permita aderir ao reino por meio de uma ortopraxis.

Entretanto, será possível também recusar o Reino que é oferecido por Deus no seu Filho Jesus, como dom gratuito, e, exatamente por ser gratuito dom divino, o Deus do Reino vai exigir da parte de quem quiser aderir a ele duas atitudes indispensáveis: a gratuidade e a misericórdia (2.5). Por fim, faremos algumas reflexões conclusivas (2.6).

Aprofundar a temática do Reino de Deus, requer, antes de tudo, que se esclareça o que se entende quando se usa a expressão “Reino de Deus”. Ao longo de toda a pesquisa, teremos ocasião de aprofundar este conceito amplo e recorrente

²¹ Com esta numeração, indicamos a subdivisão temática do capítulo ao longo do texto.

²² Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 150.

na palavra e na ação de Jesus. Entretanto, desde já podemos vislumbrar o Reino como a apaixonante síntese da vida, morte e ressurreição de Jesus, o qual encontra nele a razão do que diz e faz, como oferta salvífica e gratuita de Deus para a humanidade. Com Jesus, o Reino irrompe claramente na história e alcança os pobres e necessitados, a quem foi negada a esperança de uma vida feliz, apontando para a plena realização de sua felicidade no futuro de Deus, na vida eterna.

Os evangelistas situam o mesmo anúncio do Reino, feito por Jesus, em diferentes matizes. Encontramos nos Evangelhos toda a extensão do Reino de Deus na pessoa de Jesus, incluindo as informações colhidas nas tradições transmitidas pelas comunidades apostólicas. Ao apresentar os dados de sua pesquisa sobre a mensagem e a práxis de Jesus a respeito da proximidade do Reino²³, Schillebeeckx situa o anúncio da mensagem do Reino de Deus no contexto do advento de Jesus, marcado pelo anúncio da mensagem de conversão e o batismo de *metánoia*²⁴, pregados por João Batista, que representaram para Jesus “uma experiência de ‘abertura’, um acontecimento revelador e iniciador, uma orientação para sua própria vida”²⁵. Ao anunciar que “cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15a), Jesus iniciava a revelação do que todo o povo de Israel esperava; e, ao ordenar: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15b), Jesus estabelecia o critério requerido para a adesão ao Reino: a conversão (*μετανοια* = mudança de mentalidade e de atitudes), sem a qual é impossível entrar na dinâmica do Reino de Deus.

O Reino é um grande mistério que vai se revelando na palavra e na prática de vida de Jesus. “Trata-se de conceito central do evangelho. A atuação terrena de Jesus se abre e se fecha – começa e termina – com referência explícita ao Reino (Mc 1,15 e Lc 22,18)”²⁶, e o núcleo de suas mensagens está expresso nas parábolas do Reino.

²³ Trata-se do título dado ao capítulo I da Seção I na Parte II de sua obra. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 109-119.

²⁴ Ao longo de sua obra, Schillebeeckx utiliza o termo em dois modos fonéticos: *metánoia* e *metanóia*. Nesta pesquisa, adotaremos as mesmas formas que o autor utilizar em seu texto. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 110ss.

²⁵ *Ibid.*, p. 109.

²⁶ AURRECOECHEA, J. L. “Reino de Deus”, in: XABIER PIKAZA, O. de M.; NEREO SILANES, O. SS. T. (diretores). *Dicionário Teológico O Deus dos Cristãos*, p. 776. Neste Dicionário, o Reino de Deus vem tratado do ponto de vista da tradição bíblica do Antigo Testamento e sua chegada com a presença, mensagem, práxis, morte e ressurreição de Jesus; também é oferecida uma explicação precisa do que se entende por Reino de Deus, como projeto libertador do Pai, sua dimensão

Enquanto Lucas²⁷ informa que Jesus inaugurou a pregação do Reino em ambiente litúrgico sinagoga, em Nazaré, como cumprimento atualizado das antigas profecias, na unção do Espírito do Senhor (cf. Lc 4,16-21); Mateus, por sua vez, diz que Jesus, após o período que passou no deserto, voltou para a Galileia e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, e naquela região começou a pregar: “Arrependei-vos porque está próximo o Reino dos Céus” (cf. Mt 4,12-17); no evangelho de João encontramos o anúncio do Reino que revela uma nova economia, já prenunciado no Prólogo, atestado no Verbo que se fez carne, para manifestar a glória de Deus (cf. Jo 1,14). Por fim, em Marcos, o Reino é inaugurado com uma proclamação solene e apelativa do Evangelho de Deus: “Cumpru-se o tempo [oportuno], e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Em Israel, os movimentos judaicos antigos de caráter profético, apocalíptico e de penitência, como os hassideus²⁸, que tinham orientação escatológica sobre a metanóia, isto é, da penitência e da conversão, constituíam a base histórica para atuação de João Batista e de Jesus. Situando-se na inspiração básica da tese deuteronomista de que Israel matou seus profetas e de que todo o Israel não obedecia a Deus, diante deste pecado de apostasia, é que os profetas pregavam essencialmente a penitência, a conversão e a obediência à Lei de Deus²⁹.

Contudo, será Jesus, como profeta escatológico do Pai, que vai realizar o propósito originário de Deus, motivando o novo povo de Israel a ligar sua fé cada vez mais à fé dos patriarcas e dos profetas, dando-lhes uma interpretação própria, centrada na expectativa do Deus da aliança e da promessa, de modo que os escritos neo-testamentários não somente anunciam o Deus salvador de Israel, mas também mostram o empenho dos discípulos de Jesus a confiarem no Seu Pai, que não deixa

teológica; Jesus como o Reino de Deus em pessoa, e seu realizador; o Espírito Santo impulsionador do Reino para sua consumação na Igreja e nos pobres.

²⁷ Ao invés de seguir a ordem canônica dos Sinóticos e de João na Bíblia (Mateus, Marcos, Lucas e João), preferimos apresentar o argumento na mesma disposição dada por Kasper no texto citado.

²⁸ Libânio fala dos hassideus como grupo que dá origem aos fariseus: “Os fariseus originaram-se dos hassideus, grupo mencionado em Macabeus. Tanto os termos hassideu como fariseu conotam a ideia de “os separados”, isto é, afastados da raia miúda. Além disso, constituíam-se juízes severos daqueles que não podiam observar a Lei ou não a queriam. Apesar dessa distância e do caráter de leigo, gozavam de autoridade junto ao povo por causa do conhecimento da Lei que possuíam”. Cf. <<http://www.jbibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=161>> (acesso em: 12.07.2014). Acerca da localização do Batista no contexto do anúncio da metanóia, Schillebeeckx diz que “João Batista se juntou a movimentos de animação religiosa já tradicionais, que haviam surgido sobretudo após a destruição do primeiro templo (587 A.C.) em formas sempre renovadas de iniciativas de metanóia”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 110-111.

²⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Ibid.*, p. 111.

faltar pão, roupa e moradia, sem contudo descuidar-se do que é essencial: o compromisso pelo Reino de Deus e sua justiça (cf. Mt 6,25-33). “É assim que Jesus se torna o profeta que leva à completude a Nova Criação, pois n’Ele todas as coisas se fazem novas e toda a humanidade se transforma”³⁰.

2.1

O anúncio do Reino feito por Jesus

Para perceber o significado do Reino na vida de Jesus, é necessário compreender que lugar ele ocupa na mensagem que ele anuncia e responder à seguinte pergunta: qual o núcleo fundamental da mensagem de Jesus?

Schillebeeckx fundamenta a resposta a esta questão, centralizando sua reflexão “num evangelho, isto é, numa notícia alegre que vem de Deus: o Reino de Deus está perto”³¹. Para o autor, “o ‘Reino de Deus’ é a mensagem central de Jesus, acentuando sempre a *vinda* e a *proximidade*”³². Já nestes dois aspectos em destaque, observa-se a relevância escatológica do Reino, dom do Pai, que, em Jesus, a humanidade pode experimentar como salvação que se aproxima. Para Jesus, isso significa a incondicional proximidade da vontade divina de salvar, da vinda da misericórdia ao encontro dos humanos, da clemência que os procura. Agrega-se a este significado toda resistência ao pecado, ao sofrimento e a todas as formas do mal, portanto, uma consequente chamada da humanidade à conversão (μετανοια).

O uso da expressão “Reino de Deus” no Novo Testamento³³ indica que o eixo da pregação pré-pascal de Jesus é a mensagem do Reino, cujo anúncio ocupa lugar

³⁰ Lina Boff diz que Jesus plenifica o projeto divino, com seu anúncio e atuação do Reino de Deus. Cf. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena em Cristo*, p. 24-25.

³¹ As fontes visitadas por Schillebeeckx, que atestam literalmente a volta do anúncio do Reino de Deus que se aproxima, são a tradição da Comunidade Q (Lc 6,20 e Mt 5,3; Lc 7,28 e Mt 11,11; Lc 10,9 e Mt 10,7; Lc 11,20 e Mt 12,28; Lc 13,18.20 e Mt 13,31.33; Lc 13,28 e Mt 8,11; Lc 16,16 e Mt 11,12); de Marcos (Mc 1,15; 4,11; 9,1.47; 10,14; 12,34; 14,25; 15,43); na fonte própria de Mateus (Mt 3,2; 4,17; 5,19.20; 19,24; 21,31; 21,43); na de Lucas (Lc 4,43; 9,2.11.60.62; 14,15; 16,16; 17,20; 19,11; 22,16.18); e na tradição joanina (Jo 3,3 e 5). Além disso, na literatura das cartas do Novo Testamento. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 133-134.

³² Ibid., p. 134.

³³ Cf. BENTO XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte*. Do batismo no Jordão à transfiguração, p. 58. Também Magdalene Bussmann oferece elaborado comentário sobre o verbete “Reino de Deus”, com ampla fundamentação bíblica, histórica e teológica, in: EICHER, P. (dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, p. 765-775. Ver também LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia Cristã*, p. 102.

central em sua vida³⁴. O que ele diz e faz, por meio de parábolas, atitudes e atividades, confirma tal centralidade. No Novo Testamento, a expressão “Reino de Deus” comparece por 122 vezes; destas, 99 vezes nos Evangelhos Sinóticos, sendo que por 90 vezes pertencem às palavras de Jesus, enquanto que no Evangelho de João o uso da expressão é muito limitado.

O significado que Jesus atribui à própria vida, suas atividades, opções, seu comportamento e sua morte, é percebido somente na relação existente entre ele e o Reino de Deus. “De fato, o Reino constituía o centro de toda a vida de Jesus (cf. Mc 1,15; Mt 4,23; Lc 4,43; 8,1 etc.)” [...]. O que ele anuncia é a grande novidade da chegada desse Reino: ele vem já, agora!”³⁵.

A *Basileia tou Theou* (Βασιλεία του Θεου = Reino de Deus) é a expressão que no Novo Testamento condensa, ao mesmo tempo, a noção de reinado e de Reino de Deus³⁶. Marcos e Lucas falam da βασιλεία (Basileia = Reino) como soberania de Deus como rei; Mateus usa a expressão “o reino dos céus” (onde “céus” é a abstração do mesmo nome usado para designar “Deus”). Ambas as expressões contêm o mesmo significado, sendo que na terminologia de Mateus está a regra judaica de que não se deve usar nem o nome de Deus, nem sequer o conceito “Deus” por respeito à grandeza do termo. Só se pode falar dele mediante circunlóquios.

Noutras palavras, o termo “Céus” é usado para se referir a Deus e evitar (em caráter substitutivo) o nome de Deus. Isso é importante porque se vê que Mateus, igualmente como Marcos e Lucas, não falam primariamente mais do que isso, pois é Deus quem atua. Joseph Ratzinger diz que isso se confirma pelo fato de que o termo “Reino” (do grego βασιλεία – Basileia) não representa para a mentalidade judia um lugar, mas se refere a uma realidade ativa, podendo se traduzir por “senhorio, mando, etc.”, implicando dizer que “o termo “Reino de Deus” remete ao domínio de Deus, ao poder vivente de Deus sobre o mundo. Citando Joachim

³⁴ Rudolf Schnackemburg dedica o segundo capítulo de sua obra à temática do anúncio do Reino na pregação e nas ações de Jesus. Para maior aprofundamento do tema, ver: SCHNACKEMBURG, R. *Règne et Royaume de Dieu. Essai de Théologie Biblique. Études Théologiques*, 2. Paris, Éditions de L’Orante, 1965, p. 64-134.

³⁵ RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p. 37. Para aprofundamento da reflexão sobre o anúncio do Reino e sua práxis na vida de Jesus, ver também: BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 64-126; OLIVEIRA, D. R. de. *Humano, cosmos e Deus: alteridade ontológico-relacional*. O princípio fundamental do conceito “Reino de Deus”. Sua permanência na Teologia de Leonardo Boff (Tese de Doutorado), Vol. 1, PUC-Rio, 2010, p. 150-169.

³⁶ Quanto ao termo βασιλεία (*Rei, Reino*), ZABATIERO, J. P. T. elabora amplo comentário em: COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia Bíblica: Novo Testamento*, p. 2024-2055.

Jeremias, em sua obra *Teologia do Novo Testamento*, Ratzinger diz que o anúncio “o Reino de Deus está próximo” pode ser traduzido exatamente por “Deus está próximo”. Usando este termo, Jesus não quis se referir a algo que estivesse no céu, mas a algo que Deus está fazendo e vai fazer aqui na terra³⁷. Nesta visão, fica sugerido que o Reino se antecipa sob formas de acontecimentos históricos, e remete a história, e todos com ela, à meta-história, ao futuro escatológico de Deus em sua plenitude.

A propósito, ao comentar a teologia do século XX, Gibellini se refere a Schillebeeckx, dizendo que a salvação se situa e coincide na mesma linha do que possa ser entendido historicamente como “santo, bom, belo e agradável, mas de maneira tal que Deus continue livre em prodigalizar seu dom surpreendente que transcende todas estas coisas”³⁸. É Deus mesmo, em pessoa, na pessoa do seu Filho Jesus, que vem tornar evidente o seu reinado. Para Schillebeeckx, no lugar de “reino de Deus”, “poder-se-ia dizer também simplesmente ‘Deus’, mas na época de Jesus se evitava mencionar expressamente a Deus”³⁹.

Também Kasper aponta na mesma direção: tendo-se em conta o anseio bíblico de liberdade, paz, justiça e vida, que não se possuía – aliás, via-se sempre mais o domínio da alienação de homens sobre homens, numa experiência de vida ruim, de um mal estar contínuo de se ver vendido e perdido, somente com este transfundo é possível compreender a necessidade de um novo começo, que unicamente Deus como senhor da vida e da história pode dar. “Este novo, que até agora não se teve [...], que só Deus pode dar e que em definitiva é Deus mesmo, isso é o que se quer dizer com o conceito de Reino de Deus”⁴⁰.

João Batista sinaliza o advento do profeta escatológico e lhe prepara a chegada através da pregação da penitência e do batismo para purificação dos pecados, anunciando a chegada daquele que vai batizar com o Espírito Santo e com fogo (cf. Mt 3,11). Schillebeeckx diz que, ao se aproximar e se submeter ao batismo dado por João no Jordão, “Jesus concordou com o cerne da mensagem de João no seu batismo de metanóia, e que Jesus considerou esse batismo de João como “vindo

³⁷ Cf. AUER, J.; RATZINGER, J. *Escatología*. La muerte y la vida eterna, p. 31-46. Tradução nossa.

³⁸ GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*, p. 340, cf. notas 28 e 33.

³⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *História humana, revelação de Deus*, p. 150.

⁴⁰ KASPER, W. *Jesús, el Cristo*, p. 88. Tradução nossa.

do céu” (Lc 20,4)”⁴¹. Por isso, Schillebeeckx situa no movimento do batismo de João “o ‘lugar’ da primeira revelação de salvação divina para nós em Jesus”⁴².

O evangelista Marcos vê na atuação de João Batista o “começo da boa nova de Jesus Cristo” (Mc 1,1) e indica que a diferença entre ambos está no fato de que, enquanto “João impressionou seus contemporâneos como asceta austero, Jesus dava a impressão de ser alguém que ‘comia e bebia’, e sobretudo que comia e bebia com publicanos e pecadores (Mc 2,16)”⁴³. Referindo-se à parábola dos meninos que brincam na praça (Mt 11,16-19), Schillebeeckx diz que, enquanto asceta severo, perfeitamente em harmonia com sua mensagem sobre o iminente juízo de Deus, João era para o povo como uma lamentação, ao passo que Jesus era como uma canção. João era um profeta da calamidade, enquanto que Jesus era o profeta da salvação, “pois também aqui a praxe da vida de Jesus, de orientação tão diferente, deve estar relacionada com a própria orientação de sua mensagem”⁴⁴, que foi a alegre notícia que se concentra num evangelho: “o Reino de Deus está perto” (Mc 1,15).

Kasper diz que o evangelista Marcos oferece acertadamente o centro da mensagem de Jesus: o Reino que se aproximava foi o centro e o marco da pregação e atividade de Jesus, assim como também “o Reino de Deus constituía a ‘causa’ de Jesus”⁴⁵. Em seu tempo, na Palestina, havia também grupos diversos com a expectativa do Reino de Deus. Continua Kasper:

Os fariseus pensavam no perfeito cumprimento da Torá; os zelotes entendiam como Reino uma teocracia política que tentavam impor pela força e as armas; os apocalípticos esperavam a chegada do novo ‘eón’, do novo céu e da nova terra. Jesus não se deixa enquadrar claramente em nenhum destes grupos. Seu falar do Reino de Deus é curiosamente aberto⁴⁶.

Fundamentalmente, Marcos descreve Jesus anunciando o Reino de Deus, em suas palavras e em suas ações, na primeira parte do evangelho (cf. Mc 1,14-8,26), particularmente no capítulo das parábolas. A respeito destes textos, assim se expressa Maloney:

⁴¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 132.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid., p. 133.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ KASPER, W. *Jesus, el Cristo*, p. 86. Tradução nossa.

⁴⁶ Ibid., p. 86-87. Tradução nossa.

Nestes textos, o Reino é o futuro governo salvífico de Deus. Expressa uma esperança escatológica por uma época em que a salvação de Deus se concretizaria, quando seu domínio sobre a mente e a vida dos seres humanos seria alcançado e eles seriam afastados da sujeição ao perigo, ao mal e ao pecado⁴⁷.

O anúncio do Reino de Deus, o discurso programático de suas atividades, demonstra a consciência que Jesus tinha de sua vocação e missão de profeta escatológico do Reino⁴⁸, o ungido por Deus para levar a alegre mensagem da salvação para os pobres⁴⁹, um profeta “maior que Moisés, [...] inspirado por Deus, [...] repleto do Espírito de Deus, [...] que traz o alegre anúncio: Deus reinará, [...] que fala com Deus ‘face a face’, ‘boca a boca’ (Nm 12,6-8; Ex 33,10-11)”⁵⁰.

Marchesi diz que o título de profeta escatológico caracteriza Jesus como aquele que pretende anunciar uma mensagem definitiva, válida para toda a história. Tal consciência profética teria inspirado a atividade pública de Jesus e haveria determinado a sua ação, dirigindo toda a sua existência e fazendo desta uma vida inegavelmente vinculada ao anúncio do Reino. Jesus é o mediador no evento do Reino e o mensageiro da soberania de Deus⁵¹. Sua fonte é o Pai, que o constituiu como Messias e lhe conferiu poder para fazer o Reino acontecer na história humana.

A atuação escatológica de Jesus, que faz irromper o Reino, em todo o seu potencial de comunicação de vida à humanidade ameaçada de morte, encontra-se em sua palavra e em sua vontade. Jesus anuncia o Reino através de sua palavra, sobretudo pela proclamação das bem-aventuranças, convite à conversão e promessa de plenitude da vida (cf. Mt 5,1-12; Mc 1,15; Jo,10,10). Pela vontade, Jesus assume e revela o querer salvífico de seu Pai (“venha a nós o vosso reino” – Mt 6,10; Lc 11,2), e o realiza através de ações restauradoras da dignidade, alegria e esperança que as pessoas precisam para viver.

⁴⁷ Ao longo de sua obra, Maloney comenta como Marcos descreve o Reino de Deus nas palavras e ações de Jesus (Mc 1,14-8,26); nas instruções dadas aos discípulos para entrar no Reino de Deus (cf. Mc 8,27-10,52); e, por fim, Jesus menciona o Reino por três vezes na narrativa da Paixão. cf. MALONEY, E. C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje*. O Reino de Deus no Evangelho de Marcos, p. 61-95.

⁴⁸ Este título cristológico-escatológico é frequentemente usado por Schillebeeckx em sua obra *Jesus, a história de um vivente*. Nesta pesquisa, tal título voltará a ser comentado em sua extensão conceitual no cap. IV, quando forem apresentados os elementos de nossa percepção escatológica do anúncio e prática do Reino de Deus na obra de Schillebeeckx.

⁴⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 167.

⁵⁰ MARCHESI, G. *Gesù Cristo: “Il Profeta escatologico”*. *L’interpretazione cristologica di E. Schillebeeckx*. In: *La Civiltà Cattolica*, Anno 136, Volume II, Quaderno 3237; 4 maggio 1985, p. 235-236. Tradução nossa.

⁵¹ Cf. *Ibid.*

Em suma, o Reino escatológico se torna presente na história como fruto da relação do Filho com o Pai (o *Abba! Pai!* – cf. Mc 14,36; Rm 8,15), que abre o Céu e o antecipa na comunhão de Deus com a humanidade. Ao mesmo tempo, a manifestação do Reino resulta da relação comprometida e identificada de Jesus com a humanidade, com o seu povo, num incondicional e amoroso serviço de salvação a quem estava oprimido e desesperado pela ausência de Deus (cf. Mt 25,31-46).

Eis a irrupção escatológica: o Reino que vem, anunciado por Jesus, e que nele se aproxima da humanidade, é acontecimento histórico que aponta para sua plenitude no futuro de Deus⁵², o *éschaton*, que também já estava no início. Refletindo sobre o futuro de Deus, Kuzma diz que “no fim já revelado por Deus em Cristo – crucificado, ressuscitado e glorioso – encontra-se o destino de toda a criação; encontram-se a consumação e o destino do mundo”⁵³. Portanto, neste sentido, o Reino que vem ao nosso encontro é uma verdade compreendida escatologicamente, ou seja, “o futuro aparece como um movimento de Deus em nosso favor, na manifestação de um Deus que vem a nós de forma livre e gratuita e, ao nos encontrar, revela-nos a amplitude do seu ser”⁵⁴, transformando com sua graça a vida de quem acolhe sua vinda, numa atração amorosa de todos a si, para amá-los e dar-lhes vida plena (cf. Jo 10,10).

A vinda do Reino na pessoa de Jesus Cristo ao encontro da humanidade, em si, é um transbordamento do amor apaixonado de Deus, que sai de si e vai ao encontro das criaturas num esvaziamento de si mesmo (*kénosis*), a fim de tornar-se semelhante aos que vai ajudar, alegrar, amar e salvar, para que estes recuperem a condição de filhos (cf. 1Jo 3,2), perdida pelo pecado e pela maldade de quem os abandonou e lhes negou a fraternidade.

Na perspectiva da Teologia da Esperança, de Jurgen Moltmann, abordando a temática do Reino de Deus, Cesar Kuzma diz que:

⁵² A respeito do Reino de Deus, o Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* evoca sua lúcida manifestação aos homens “na palavra, nas obras, e na presença de Cristo”. Do Reino, a Igreja foi constituída como germe e início. Cf. *LG*, 5. Também a respeito do Reino, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, diz que “Cristo instaurou na terra o Reino de Deus, por fatos e por palavras deu a conhecer seu Pai e a Si próprio e completou Sua obra pela morte, ressurreição e gloriosa ascensão e pelo envio do Espírito Santo”. Cf. *DV*, 17. O Reino de Deus é também eixo temático presente na *Gaudium et Spes*, 39, e no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 7.

⁵³ KUZMA, C. A. *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 33-34.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 34.

Para Jesus o Reino era algo já presente e que irrompia na sua pessoa: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22). Toda esta realização que se projetava para um horizonte futuro veio a realizar-se por Ele e Nele em tempo presente, cotidianamente com aqueles-as que se acercavam deste jovem Galileu. Com essa definição o futuro esperado do Reino já é inaugurado com o presente realizado por Jesus⁵⁵.

Percebe-se, então, um consenso entre os Teólogos acima mencionados sobre o que é o Reino de Deus: (o Reino) é Deus mesmo, atuando na história e na pessoa de Jesus. Ele é a imagem visível e atuante do Deus invisível (cf. Cl 1,15), que antes parecia distante, fechado no seu Céu, mas que agora rasgou o véu que o confinava no Santuário (cf. Mt 27,51), e se fez carne, habitando entre nós (cf. Jo 1,14), esvaziando-se de si mesmo e se fazendo humano (cf. Fl 2,6-8), vindo experimentar solidariamente as dores e as angústias do seu povo, para lhe devolver a vida que Deus sempre quis lhe dar.

Entretanto, qual era a compreensão que o próprio Jesus tinha a respeito do Reino de Deus que ele anunciava? O que ele entendia ao usar a expressão “Reino de Deus”? Para responder a esta pergunta, Schillebeeckx indica como fonte todo o caminho da vida de Jesus: suas parábolas, ensinamentos e atos, pois sua vida inteira se passou sob o signo da pregação e prática do Reino de Deus. As fontes nas quais Schillebeeckx vai buscar seu apoio literário são os cinco complexos de tradição, nas quais recorre o anúncio do Reino: “na tradição da comunidade Q⁵⁶, na tradição de Marcos⁵⁷, na fonte própria de Mateus⁵⁸, na de Lucas⁵⁹ e na tradição joanina⁶⁰; além disso, na literatura das Cartas do Novo Testamento. Conforme Schillebeeckx, em chave escatológica, o que Jesus entendia por reino é expresso assim:

“Reino de Deus” é a mensagem central de Jesus, acentuando sempre a *vinda* e a *proximidade*. [...] A “expectativa do fim” é a expectativa do Reino de Deus que já está perto. E para Jesus significa a proximidade da incondicional vontade divina de salvar, da misericórdia que vai ao encontro, da clemência que procura encontrar, o

⁵⁵ KUZMA, C. A. *A esperança cristã*. Fundamentos e reflexões na teologia de Jurgen Moltmann, p. 89.

⁵⁶ Cf. Lc 6,20 e Mt 5,3; Lc 7,28 e Mt 11,11; Lc 10,9 e Mt 10,7; Lc 11,20 e Mt 12,28; Lc 13,18.20 e Mt 13,31.33; Lc 13,28 e Mt 8,11; Lc 16,16 e Mt 11,12.

⁵⁷ Cf. Mc 1,15; 4,11; 4,26; 9,1.47; 10,14; 12,34; 14,25; 15,43; etc.

⁵⁸ Cf. Mt 3,2; 4,17; 5,19.20; 19,24; 21,31; 21,43.

⁵⁹ Cf. Lc 4,43; 9,2.11.60.62; 14,15; 16,16; 17,20; 19,11; 22,16.18.

⁶⁰ Cf. Jo 3,3 e 5. Esta e as citações das notas 36 a 39 se encontram em: SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 133-134, cf. notas 58-62.

que implica também resistência contra todas as formas de mal: o sofrimento e o pecado”.⁶¹

Partindo desta definição, verifica-se que o Reino é uma realidade salvadora, viva e dinâmica, em movimento, oferecido livremente por Deus e aceito livremente pela humanidade. O conteúdo concreto do Reino será claramente revelado por Jesus através das imagens e realidades com as quais Jesus vai comparando o Reino, impactando seus ouvintes e solicitando deles sua adesão de fé e de ajustamento da vida à novidade do Reino anunciado por ele. Para isso a história é o ambiente no qual os sujeitos que acolhem o Reino devem igualmente anunciá-lo e torná-lo presente no mundo através de uma adesão de fé e de compromisso, toda vez que as ações de libertação, amor, justiça, paz e vida são proporcionadas aos que se encontram em situação de maior carência destes sinais do Reino e do amor de Deus.

2.2

O futuro e o presente do Reino de Deus

Para Schillebeeckx, a vida de Jesus torna claro “que o ‘hoje’ e o ‘futuro’, embora distintos, estão essencialmente interligados”⁶². O que Jesus anuncia “é a salvação vindoura, e pela sua praxe ele a torna presente, sugerindo, assim, desde já, uma ligação entre sua pessoa e o futuro reinado de Deus”⁶³.

Pode-se afirmar, com a grande maioria da pesquisa exegética, que o anúncio do Reino de Deus pertence ao mais antigo fundamento da proclamação do Jesus histórico, e nisso o conjunto de sua pregação adquire fundamento, sentido e

⁶¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 134. É oportuno lembrar que uma definição semelhante de Reino de Deus é dada por Schillebeeckx também em obra posterior àquela que nos serve de base para esta pesquisa. Numa expressão teológica mais aplicada às realidades existenciais, Schillebeeckx afirma: “Reino de Deus é a presença de Deus entre os homens, presença salvífica, ativa e encorajadora, afirmada e acolhida alegremente pelos homens [...] que se torna concretamente visível na justiça e em relações de paz entre homens e povos, no desaparecimento de doenças, injustiças e opressões, em novidade de vida que expele tudo o que estava morto e era mortal”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *História humana: revelação de Deus*, p. 151.

⁶² Para aprofundar o tema, ver também o artigo em que o autor aborda o significado escatológico do presente, passado e futuro. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Reflexões acerca da interpretação da Escatologia*. In: CONCILIUM. Revista Internacional de Teologia, 1-5 (1969), p. 37-50.

⁶³ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 147.

urgência. “Tudo é subordinado a esta mensagem da vinda do Reino de Deus e é a partir dela que se pode compreender aquele que a anuncia”⁶⁴.

Para Jesus, o Reino de Deus que vem (no futuro) se relaciona com a práxis atual que o torna visível (no presente), através da metanóia. “O Pai-nosso sugere uma ligação essencial entre o ‘venha o vosso Reino’ e o ‘seja feita a vossa vontade na terra’”⁶⁵. Referindo-se ao devir do Reino no confronto com o que dele se verifica na Galileia do tempo de Jesus, Pagola diz que:

O Reino de Deus chegou e sua força já está atuando, mas o que se pode comprovar na Galileia é insignificante. [...] O Reino de Deus já está abrindo caminho, mas sua força salvadora só é experimentada de maneira parcial e fragmentária, não em sua totalidade e plenitude final. Por isso, Jesus convida a “entrar” agora mesmo no Reino de Deus, mas ao mesmo tempo ensina seus discípulos a viver clamando: “venha a nós teu Reino”⁶⁶.

Embora pareça contraditório, Jesus fala do Reino de Deus como algo que já está presente e ao mesmo tempo ainda por chegar. Pagola diz que não se pode confundir o Reino de Deus com uma intervenção pontual, pois ele é “uma ação continuada do Pai, que pede uma acolhida responsável, mas que não se deterá, apesar de todas as resistências, enquanto não alcançar sua plena realização”⁶⁷. De sua paixão pelo Reino de Deus, Jesus emite dois gritos em sua oração: “Pai, santificado seja teu nome” e “venha teu Reino”. Quanto ao primeiro grito, Jesus constata que o nome de Deus não é reconhecido nem santificado, e que não se deixa a Deus ser Pai de todos; quem chora e passa fome, prova que a paternidade de Deus é ignorada e desprezada. Além disso, Jesus se dirige a Deus com uma expressão totalmente nova e revela seu desejo mais íntimo: “Pai, vem reinar e mudar as coisas de uma vez por todas”⁶⁸.

Considerando as duas primeiras súplicas da oração de Jesus, percebemos que com elas Jesus pede que Deus instaure o ato único e definitivo pelo qual ele se manifestará, tal qual ele é. Na segunda súplica, se tem em vista a instauração última do Reino de Deus, como “vinda de Deus e de sua Glória e, como tal, ela corresponde à manifestação da Santidade e da Glória de Deus”⁶⁹.

⁶⁴ NEUTZLING, I. *O reino de Deus e os pobres*, p. 32.

⁶⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 147.

⁶⁶ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p. 138.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Cf. Ibid., p. 139.

⁶⁹ NEUTZLING, I. Op. Cit., p. 40.

Dentre muitos autores que versam sobre o anúncio do Reino, alguns merecem destaque e convergem com Schillebeeckx. A presença e atuação de Jesus, de modo concreto, com curas e exorcismos, faz desaparecer o medo de viver e de morrer, pois ele liberta a pessoa humana e a devolve a si. Referindo-se ao ‘hoje’ e ao ‘futuro’ do reinado de Deus, Lohfink diz que “nos atos de salvação de Jesus, o ‘hoje’ do reinado de Deus já se torna visível e palpável”⁷⁰. Na compreensão escatológica de Pannenberg, “o futuro de Deus é a origem criadora de todas as coisas”⁷¹. Em chave pneumatológica e escatológica, Congar diz que “escatologicamente, reinaremos com ele [Cristo]: “Se com ele sofremos, com ele reinaremos (2Tm 2,12)”⁷². E alude à variante do texto seguido pelos Padres da Igreja, que modifica “Venha o teu Reino”, do Pai-nosso, por “Teu Espírito Santo venha sobre nós e nos purifique”⁷³. Assim, percebe-se que Pannenberg, Lohfink, Neutzling, Pagola e Congar se alinham e apontam na mesma direção do pensamento de Schillebeeckx, quando este diz que a realização da vontade de Deus na história e na vida de cada pessoa tem a ver com a vinda do Reino de Deus. E isso se realiza na dialética própria de Jesus entre o “já” do “hoje” e o “ainda não” do “futuro”, sendo que este “futuro” é sempre maior do que o “hoje”, pois “estimula uma praxe ética-religiosa de acordo com o Reino de Deus”⁷⁴.

Trata-se de um amor interessado tão somente no bem da pessoa, um amor livre de sectarismos fechados e ideologizados, como era o caso dos fariseus e dos essênios. Seu amor chega como uma praxe de valorização da pessoa menos valorizada, de perdão ao mais pecador, de reabilitação do mais desprezado, incluindo entre os quais os inimigos, como eram considerados os “publicanos e pecadores”. É esse novo dia, esse novo “hoje” que faz aparecer os sinais do Reino. “Em tal praxe, o próprio Jesus vê os sinais da chegada do Reino de Deus [...]; a chegada do Reino de Deus tem em Jesus um fator humano de mediação”⁷⁵.

⁷⁰ LOHFINK, G. *Deus precisa da Igreja?*, p. 242.

⁷¹ PANNENBERG, W. *Teologia Sistemática*, p. 698.

⁷² CONGAR, Y. “*Ele é o Senhor e dá a vida*”, p. 150.

⁷³ Congar recolhe e apresenta os textos dos Padres da Igreja, nos quais eles identificam a invocação da vinda do Reino de Deus com a invocação da vinda do Espírito Santo sobre a pessoa orante. Os Padres, e respectivos textos, citados por Congar são os seguintes: Tertuliano (*Adv. Marcionem* IV, 26); São Gregório de Nissa (*De orat. Dom.* 3. PG 44, 1157 C); Evagrio (*Tratado da oração*, 58); Máximo, o Confessor (PG 90, 884 B). Cf. CONGAR, Y. *Idem*, p. 85, nota 24.

⁷⁴ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 147. Ver também CONGAR, Y. *Op. Cit.*, p. 148.

⁷⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 147.

Em prática, a caridade, os cuidados que uma pessoa tem pela outra são formas visíveis da manifestação do Reino de Deus, e o caminho que a soberania de Deus segue rumo à humanidade no momento presente de sua vida. No agir de Jesus, o “mundo novo”, antes esperado, já começa a aparecer sob a forma de uma vida boa e verdadeira, digna de seres humanos, naturalmente numa contingência histórica muito concreta, não repetível por outras pessoas⁷⁶. Comentando o aspecto temporal e escatológico da manifestação do Reino de Deus, Ancona diz que “no futuro ele (o Reino) se revelará de modo último e definitivo, mas os seus efeitos salvíficos já qualificam o presente da história humana”⁷⁷. Quem encontrou Jesus, já fez a experiência antecipada da manifestação do Reino de Deus e, portanto, do *éschaton*, embora ele conserve ainda uma dimensão futura, e todos podem já vislumbrar o sentido do seu futuro definitivo, bem como o da história e do mundo. A este propósito, Schillebeeckx se refere, dizendo:

O mundo procurado, o mundo melhor, totalmente diverso – o Reino de Deus como soberania divina pela força do amor, visando ao bem da humanidade – não é algo vago e indeterminado: foi historicamente concretizado na praxe da vida de Jesus, que por isso, para os que nele confiam, não é apenas inspiração e incentivo, [...], mas também orientação bem determinada a seu agir no mundo⁷⁸.

Há um elo apocalíptico entre a esperança escatológica e um Reino de paz, que é o reinado de Deus, em futuro próximo, que já é transposto para a ligação íntima entre a esperança escatológica e uma nova praxe neste mundo. Com isso, não é necessário abandonar a ideia de uma salvação que virá em breve, afinal, “falar do presente para o futuro é escatologia; falar do futuro para o presente, é apocalíptico”⁷⁹.

Com Jesus, o tempo não sofreu uma reviravolta apocalíptica, com repentina intervenção de Deus. Segundo Schillebeeckx, houve uma abençoada mudança, como sinal historicamente visível, da soberania de Deus, pela nova mentalidade e ação com base na fé no Reino de Deus que estava chegando.

⁷⁶ A propósito da relação entre caridade e a manifestação do Reino de Deus, contempladas sumariamente na morte e ressurreição de Jesus, Orazio Piazza fala do amor fraterno como a “cifra” da esperança escatológica, e diz que “o coração da esperança é o amor que dá a vida, que faz renascer para sempre a vida que tinha sido destruída pela morte e pelo mal. Nesse amor, nós viveremos para nunca mais morrer”. Cf. PIAZZA, O. F. *A esperança*. Lógica do impossível, p. 156.

⁷⁷ ANCONA, G. *Escatologia cristã*, p. 82-83.

⁷⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 148.

⁷⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Reflexões acerca da interpretação da Escatologia*. In: CONCILIUM. Revista Internacional de Teologia, 1-5 (1969), p. 48.

A realização do Reino de Deus no presente não se dá de modo superlativo, mas de modo aproximativo e comparativo. É próprio da dinâmica escatológica do Reino um paradoxo: o Reino de Deus está realmente presente, mas, ao mesmo tempo, ausente, e ausente, todavia já presente. E sua plena realização é algo que diz respeito unicamente a Deus, é obra de sua autoria, marcada pela vocação humana, tornada partícipe – ainda que em parte - da realização do Reino pela adesão da Fé em Jesus Cristo.

Tal participação se dá pela conversão. Portanto, Reino de Deus e *metanóia* pessoal e comunitária se coligam na pregação e na prática de Jesus, como sendo esta última (a metanóia) condição sem a qual o Reino não pode ser acolhido, inobstante a liberdade absoluta que o próprio Deus conserva em relação ao seu reinado, em vontade amorosa e salvadora para com a humanidade.

Noutras palavras, “o ‘ainda não’ do reinado de Deus não se deve, portanto, à hesitação de Deus, e sim à conversão demorada do homem”⁸⁰. A propósito da requerida conversão para entrar no Reino, Maloney observa que:

O que é exigido para entrar neste novo modo de ser é o arrependimento, a mudança radical de uma vida de desespero e aceitação fatalista da injustiça para uma vida de confiança na presença amorosa e libertadora de Deus. Entrar no Reino de Deus significa entrar no plano escatológico divino, no qual uma vida de partilha total com os outros significa uma vida no relacionamento apropriado com Deus⁸¹.

A mensagem que Jesus traz sobre o Reino e a soberania de Deus é, portanto, plenitude do amor universal de Deus pela humanidade, manifestado na praxe da vida de Jesus, que fascina a todos para a fé e a esperança na vinda da salvação e do Reino de paz que vem de Deus. Ao mesmo tempo, o crente é convidado a manifestar em sua praxe de vida a mesma praxe do Reino de Deus, que testemunham o anúncio e a praxe da vida de Jesus.

Entretanto, a quem Jesus dirigia objetivamente o anúncio do Reino? Qual linguagem e imagens Jesus escolheu para proclamar este anúncio? Veremos a seguir o discurso que Jesus faz aos seus discípulos no longo sermão da montanha (no Evangelho de Mateus) ou da planície (no Evangelho de Lucas), iniciado pela proclamação das bem-aventuranças, a cujos praticantes será dado o Reino de Deus.

⁸⁰ LOHFINK, G. *Deus precisa da Igreja?*, p. 243.

⁸¹ MALONEY, E. C. Op. Cit., p. 93.

2.3

O Reino anunciado nas bem-aventuranças

O núcleo das bem-aventuranças⁸², conforme Schillebeeckx, “apresenta a perspectiva da vinda e soberania do Reino de Deus. É um anúncio profético escatológico, segundo o modelo das bem-aventuranças apocalípticas-dialéticas”⁸³.

As “bem-aventuranças” são fórmulas relativamente frequentes na tradição bíblica e judaica. Aparecem, quer nos anúncios proféticos de alegria futura (cf. Is 30,18; 32,20; Dn 12,12), quer nas ações de graças pela alegria presente (cf. Sl 32,1-2; 33,12; 84,5.6.13), quer nas exortações a uma vida sábia, refletida e prudente (cf. Pv 3,13; 8,32.34; Sir 14,1-2.20; 25,8-9; Sl 1,1; 2,12; 34,9). Contudo, elas definem sempre uma alegria oferecida por Deus.

As “bem-aventuranças” evangélicas devem ser entendidas no contexto da pregação sobre o Reino. Jesus proclama “bem-aventurados” aqueles que estão numa situação de debilidade, de pobreza, porque Deus está a ponto de instaurar o Reino e a situação destes “pobres” vai mudar radicalmente; além disso, eles são bem-aventurados porque, na sua fragilidade, debilidade e dependência, estão de espírito aberto e coração disponível para acolher a proposta de salvação e libertação que Deus lhes oferece em Jesus (a proposta do Reino)⁸⁴.

Para Jesus, os felizes, bem-aventurados, não são os “virtuosos”, mas os pobres, pois deles é o Reino de Deus; bem como felizes são os famintos, pois serão saciados; são felizes os que choram, porque haverão de rir. Em seu núcleo mais original, “a bem-aventurança escatológica se refere a pobres, famintos e tristes”⁸⁵ (cf. Mt 5,1-12).

⁸² No Evangelho de Mateus, o texto introduz o discurso inaugural com o qual Jesus expõe o espírito novo do Reino de Deus. Marcos omitiu este discurso, e Lucas o apresenta numa redação distinta da de Mateus. Enquanto que neste, o discurso se dá na montanha - Mt 5-7 -, pois para Mateus, Jesus é um novo Moisés, que entrega a nova Lei ao novo Israel, no Monte, em Lucas (6,20-23), o discurso se dá na planície, suprimindo o que nele dizia respeito às leis ou às práticas judaicas. Fundamentalmente, na composição do discurso, sobretudo em Mateus, destacam-se 5 elementos: 1) o espírito que deve animar os filhos do Reino (Mt 5,3-48); 2) o espírito com que devem “cumprir” as práticas judaicas (Mt 6,1-18); 3) o desprendimento das riquezas (Mt 6,19-34); 4) as relações com o próximo (Mt 7,1-12); e 5) a necessidade de entrar no Reino por meio de uma decisão corajosa que traduza em atos (Mt 7,13-27). Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, nota “d”, ao texto de Mt 5-7.

⁸³ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 165.

⁸⁴ Cf. GARRIDO, J.; BARBOSA, M.; CARVALHO, J. O. *Solenidade de todos os Santos*. In: <http://www.dehonianos.org/portal/liturgia_dominical_ver.asp?liturgiaid=381> (acesso em: 27.07.2014).

⁸⁵ SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 166. Em sua obra *História humana. Revelação de Deus*, Schillebeeckx diz que: “Essa bem-aventurança dos pobres não é consolo bíblico, visando mantê-los

Chama a atenção o fato de que, das três bem-aventuranças, as últimas duas estão formuladas no futuro⁸⁶, enquanto que a primeira, está no presente. Com isso, Schillebeeckx afirma que:

O Reino de Deus já está aí, mas o estar saciado e rindo ainda está no futuro [...], tensão típica própria de toda a pregação de Jesus: o Reino de Deus se verifica desde já, mas o Reino de Deus acabado ainda vai acontecer; no entanto o futuro já começou⁸⁷.

Nas bem-aventuranças, verifica-se uma inversão total de valores: quem agora é pobre, então ficará rico. Quem inverte as relações existentes é o próprio Deus, numa reviravolta não diretamente social, mas escatológica. Não se diz que essa revolução já se verifica em nossa história terrena, mas no sentido oculto, rumo ao final da história, que se manifestará escatologicamente.

Segundo Konings, o sentido das bem-aventuranças é, exatamente, relacionar o dom escatológico (expresso nos termos: “serão consolados, serão saciados”, etc.) com a realidade de hoje. O dom escatológico não cai do céu, mediante a atuação de algum mágico, mas é o que, da parte de Deus, corresponde à atitude do justo, do servo, do “pobre do Senhor”⁸⁸.

Por isso, Schillebeeckx assevera:

calmos e pacíficos, mas constitui, ao invés, a permissão divina, concedida por Jesus, de se alçarem altivamente contra uma sociedade violenta”. SCHILLEBEECKX, E. *História humana. Revelação de Deus*, p. 153.

⁸⁶ Numa consulta mais detalhada e ampliada ao texto original, em grego, encontra-se a forma verbal no tempo futuro para os verbos *consolar* (παρακληθουνται – na forma de futuro passivo, v. 4), *herdar* a terra (κληρονομησουσιν – na forma de futuro ativo, v. 5), *saciar* (χορτασθησονται – na forma de futuro passivo, v. 6), *encontrar* misericórdia (ελεηθισονται – na forma de futuro passivo, v. 7), *ver* a Deus (οψονται – na forma de futuro ativo, v. 8), *serão chamados* filhos de Deus (κληθησονται – na forma de futuro passivo, v. 9). Percebemos que no texto original em grego os versículos de Mt 5,4 e Mt 5,5 sofreram uma inversão na tradução da Bíblia de Jerusalém (nos textos das duas edições citadas na Bibliografia, ao final desta pesquisa), ou seja, para as bem-aventuranças relativas aos que choram (v. 4, no grego, correspondente ao v. 5 na tradução para o português) e os mansos (v. 5, no grego, correspondente ao 4, na tradução para o português); entretanto, encontra-se no texto original, em grego, o verbo *ser* (εστιν – “é” – terceira pessoa do singular) no tempo presente do modo indicativo (porque *deles é* o reino dos céus – versículos 3 e 10 – indicando a quem pertence o Reino dos céus). Assim, se compreende melhor o comentário feito por Schillebeeckx a respeito dos tempos verbais utilizados por Mateus. Cf. NESTLE, E.; ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. 28ª Edição Revista; BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada; RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Verbos παρακαλεω, κληρονομεω, χορταζω, ελεεω, οραω, καλεω e o verbo ειμι; BLASS, F.; DEBRUNNER, A. *Introduzione allo studio della Bibbia – Grammatica del greco del Nuovo Testamento*, § 171, p. 243.

⁸⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 166.

⁸⁸ Cf. KONINGS, J. *Liturgia dominical*. Solenidade de Todos os Santos. In: <<http://homiliadominical.blogspot.com.br/2011/11/bem-aventurados-sao-os-que-sofrem.html>> (acesso em 27.07.2014).

Dentro em breve, Deus será o rei, e entre os seres humanos reinarão as relações certas. Por isso, a mensagem do Reino de Deus é uma bem-aventurança dos pobres que agora estão sendo injustiçados. As bem-aventuranças dos injustiçados participam da certeza da salutar proximidade do Reino de Deus⁸⁹.

Mas de que tipo de inversão de valores Jesus fala nas bem-aventuranças? Do mesmo modo como se falava nos ambientes apocalípticos, segundo os quais os pobres iriam até rir dos ricos, que ficariam destronados e empobrecidos?

Schillebeeckx diz que Jesus não fala de um “além”. Ele fala do Reino de Deus, que veio para os pobres aqui e agora, pois “a mesma fonte Q (Mt 11,2-6; Lc 7,18-23) remete a Is 61,1-2 (como Lc 4,17-21), onde uma tradição judaica tardia fala do profeta escatológico, ungido por Deus para levar a ‘boa nova aos pobres’”⁹⁰. Jesus é este profeta escatológico que está aqui e agora presente entre os pobres, portador da alegre mensagem do Reino de Deus. Também Pannenberg diz que, em Jesus de Nazaré, “o futuro escatológico e com ele a eternidade de Deus realmente entraram na atualidade histórica”⁹¹; tal irrupção da presença do Reino vindouro também é participada às pessoas, desde que aceitem a mensagem de Jesus e se abram para a atuação dele. A reviravolta escatológica está começando, e é Jesus quem a realiza, não como o “ungido” davídico, mas como o ungido profético, que traz felicidade para os pobres e pode chamá-los de felizes.

Convém definir qual seria a categoria de pobre a que Jesus se refere. De que tipo de pobre e de que tipo de felicidade Jesus estaria falando? Pixley definiu os pobres em sentido real (e não metafórico) como “os que sofrem de fundamental carência econômica. São os que estão privados dos bens materiais necessários para uma existência digna”⁹². Na expressão de Schillebeeckx, no tempo de Jesus, os pobres, famintos e tristes são os que não podem esperar mais nada da história humana, e, portanto, só podem aguardar alguma coisa da parte de Deus, que é justo. “Os ‘pobres’ de Israel são pessoas que não tem condições para reivindicar os próprios direitos, e por isso só podem confiar no direito divino”⁹³. É para estes pobres reais, socialmente pobres, e que não possuem mais nenhum apoio de

⁸⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 166.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 167.

⁹¹ PANNENBERG, W. *Op. Cit.*, p. 790.

⁹² PIXLEY, J.; BOFF, C. *Opção pelos pobres*, p. 19.

⁹³ SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 170.

ninguém, é a estes que Jesus fala e para eles faz o anúncio escatológico do Reino de Deus.

Para Schillebeeckx, a bem-aventurança formulada por Jesus, o profeta escatológico, quer dizer que as esperanças dos pobres vão se realizar agora por meio de Jesus, que deles se interessa e deles se compadece. É mediante a palavra e as atitudes de Jesus que o Reino de Deus chega para eles. “É Jesus quem tem compaixão desses pobres. [...] É assim que Jesus traz ‘da parte de Deus’ a mensagem do não radical de Deus contra a história do sofrimento humano”⁹⁴. A este respeito, assim se expressa Schillebeeckx:

O verdadeiro sentido da história, embora pareça apenas escatologicamente, é paz, alegria, satisfação; é salvação e felicidade. Muito antes de se tentar verbalizar “protologicamente” o sentido da vida e da história, isto é, com referência à história dos primórdios. No tempo de Jesus, porém, fala-se disso “escatologicamente”, apontando para o fim do mundo⁹⁵.

O que Deus quer realizar na história é a compaixão, a vida dos seres humanos, sua salvação, ao invés de sua morte e miséria, e Jesus exprime tudo isso em sua pregação do Reino, dentro dos padrões e condicionamentos do seu tempo. Para ele, o que importava era anunciar que o reinado de Deus estava se aproximando e todos deviam estar prontos para acolhê-lo.

Ao invés de pregar uma revolução social, em sua mensagem escatológica, Jesus “coloca toda a história do sofrimento humano debaixo da crítica de Deus, e assim convoca para uma metanóia, uma reviravolta”⁹⁶. Garcia Rúbio diz que “o Reino de Deus implica um mundo novo em que o mal e o sofrimento são vencidos; um mundo novo onde prevalecem a justiça, a fraternidade e a paz”⁹⁷. Em linguagem escatológica, a imagem do Paraíso, é a melhor para ilustrar o que seria a novidade do Reino de Deus.

O conteúdo das expressões “paraíso”, “céu” e “salvação” coincidem com o conteúdo evangélico de “vida plena” (cf. Jo 10,10), que Jesus veio trazer à humanidade. Referindo-se ao Céu, Renold Blank afirma em sua obra que “o projeto final de Deus para os seres humanos é este: ‘Que eles tenham a vida e que tenham

⁹⁴ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 170.

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ *Ibid.*, p. 171.

⁹⁷ RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p. 37.

esta vida em plenitude”⁹⁸, e o autor compreende salvação a partir dos parâmetros da vida, e que, portanto, “a vida vivida do ser humano não é algo à parte de seu destino de ser salvo”⁹⁹. Para Blank, se “a vida divina é vida em plenitude[...] essa vida é também o último destino da pessoa humana [...] é rumo a esse fim que o processo da salvação do ser humano está andando”¹⁰⁰. Este processo de salvação é dinâmico e conflitivo, que se ordena a uma vida sempre mais plena e feliz.

O conceito de plenitude de vida se estende igualmente ao cosmos. Blank diz que o projeto escatológico de Deus implica a salvação do cosmo inteiro, plenificado e transformado por Deus para que o cosmo alcance, em toda a sua extensão, aquilo que o Criador desejou desde os primeiros momentos de sua criação: uma convivência íntima entre Deus e os homens, num mundo amigo do homem, num cosmo que deixa transparecer a presença de Deus, que envolve todos os homens em seu amor e se sentem atraídos pelo próprio Ser de Deus. Então, “o cosmo inteiro se tornará espelho do seu Criador. Eis a parusia em plenitude, o triunfo definitivo de Jesus, o Cristo; o êxito total e definitivo da obra criadora de Deus”¹⁰¹. Pois “o fim da obra criadora de Deus é um cosmo transformado, plenificado, e não mais atrofiado pelo pecado e pela morte”¹⁰².

A resposta de Deus à insuficiência humana é a oferta da salvação universal do mal e do sofrimento. Somente Deus pode vencer o poder da insuficiência humana, e é isto que Jesus anuncia com a mensagem do Reino de Deus. Por ser amor criador, Deus não quer o sofrimento e o mal. O “ser” e o “querer” de Deus é o bem, não o mal, e esse princípio é o penhor da vitória sobre todas as formas do mal. Com o Reino de Deus, Jesus comunica aos pobres que o próprio Deus é a garantia da positiva esperança deles.

⁹⁸ BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa*, p. 285. Também na perspectiva da ascensão de Jesus ao céu, Leonardo Boff elabora uma rica reflexão em sua obra escatológica. Cf. BOFF, L. *Vida para além da morte*, p. 170-180. A respeito da temática “Céu”, ver também: LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L., *Escatologia cristã*, p. 264-285.

⁹⁹ BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa*, p. 286.

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ BLANK, R. J. *Escatologia do mundo*, p. 366.

¹⁰² Ibid.

2.4

O Reino anunciado em parábolas

Schillebeeckx indica que a parábola nasce dentro de “uma ‘cultura narrativa’, onde os mistérios mais profundos da vida são interpretados em contos e fábulas”¹⁰³. Foi neste ambiente cultural que os contos populares foram assimilados no Antigo Testamento. Assim, o conto popular, que deu origem à estória de Jonas, foi contado sempre de modo novo, na tentativa de interpretar a proximidade salvadora de Deus para com os pobres, e, conservado o seu núcleo, a estória foi retomada pelos cristãos para ser aplicada à morte e ressurreição de Jesus.

Para o autor, “o próprio Jesus – sua pessoa, suas narrativas e suas ações – é uma parábola”¹⁰⁴ e, ao mesmo tempo, ele conta e explica as parábolas. A parábola tem a função de narrar um acontecimento maravilhoso, em linguagem chocante e provocadora, de modo que o ouvinte se inquiete e participe do seu conteúdo, normalmente paradoxal e inusitado. Nas parábolas, Jesus usa imagens e tramas que se referem a ele mesmo, como motivo principal do anúncio do Reino que as parábolas contêm, a fim de que o ouvinte fique envolvido, fascinado, chocado e se posicione diante da proposta feita por Jesus.

Através dos conteúdos das parábolas, Jesus faz com que acontecimentos costumeiros sejam colocados em contexto não costumeiro, e assim o lugar comum torna-se provocação estimulante, que sacode e inquieta¹⁰⁵, como é o caso de parábolas como aquela do “bom samaritano” (Lc 10,33-35)¹⁰⁶, com gritante chamada de atenção para o valor do próximo, que se torna personagem decisivo

¹⁰³ Segundo Schillebeeckx, a “cultura narrativa” requer uma vigilância para que não se perca, nem se substitua, a “inocência narrativa” pelas ciências históricas, sabendo-se ambas necessárias e irrecusáveis para a aquisição de uma *segunda* “inocência narrativa”, usada como instrumento hermenêutico diante da ciência e da crítica histórica”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 149-150.

¹⁰⁴ Ibid., p. 150 e 152.

¹⁰⁵ Ibid., p. 150. Schillebeeckx diz que a intenção do autor da parábola é obrigar o ouvinte, sob outro ponto de vista, a considerar sua própria vida, o que costuma fazer ou deixa de fazer, a questionar seu próprio mundo. “Parábolas têm força crítica, prática que incentiva para uma renovação da vida e da sociedade. Embora derivadas de coisas e acontecimentos do dia-a-dia, elas atravessam as nossas avaliações e reações espontâneas, acrescentando algum elemento que irrita, estranha ou surpreende”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 151.

¹⁰⁶ Schillebeeckx diz que no hebraico, *re'* (o próximo) soa quase igual a *ro'* (pastor), de sorte que esta parábola talvez seja uma narrativa sobre o bom pastor, como exemplo humilhante para o que em outro lugar se chama de “rebanho sem pastores”. Jesus, na parábola, está sutilmente identificado como o bom pastor da humanidade caída na estrada da vida, sem o socorro de seus atuais pastores. Cf. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 151, nota 90.

para a acolhida do Reino e a defesa da vida do irmão, para o qual - na nova mentalidade do Reino - cada um há de ser como um “bom pastor”. E é exatamente isso que o narrador da parábola quer mostrar: o surpreendente excesso de misericórdia do “bom pastor”¹⁰⁷.

O conteúdo da parábola está centrado num núcleo de escândalo, mas ao mesmo tempo capaz de envolver o ouvinte, no aqui e agora, a fim de que ele enxergue a vida e tudo o que se lhe refere na ótica do conteúdo que a parábola sugere, causando reflexão, crise e conversão, jamais deixando-o indiferente ao que ouviu. O ritmo da parábola deixa o ouvinte como que em suspense, de modo a levá-lo a se decidir a favor ou contra a nova possibilidade de vida que a parábola lhe abre, decidindo assim, em última análise, a favor ou contra Jesus de Nazaré. A propósito da urgência do posicionamento exigido por Jesus com suas parábolas, afirma Schillebeeckx:

O ouvinte é posto diante de uma escolha entre dois modelos de vida. Será que vai aceitar a nova “lógica da graça e da misericórdia” que as parábolas revelam, e participar, na sua própria vida, dessa reviravolta radical? Ou vai rejeitar esse desafio e voltar à vida anterior? Afinal, de contas, nas parábolas trata-se de Jesus e de seu mundo, pois elas abrem um mundo novo, um mundo onde moram apenas a graça e o amor, mundo que submete à crítica e quer mudar a nossa história humana sofrida, em consequência de um agir obcecado¹⁰⁸.

Portanto, quem quer que escute as parábolas contadas por Jesus, sabe que nelas está sendo confrontado com a ação salvífica de Deus em Jesus: é assim que Deus age, e isso pode-se ver no modo como age o próprio Jesus, ficando, portanto, o urgente convite daquele que conta àquele que ouve a parábola para rever seu agir e adotar em sua vida o modo de agir de Jesus.

A partir de como os evangelistas as apresentam, Schillebeeckx põe em destaque as parábolas com as quais Jesus leva os ouvintes a tomar atitudes diante dele. São cinco narrativas chocantes em Marcos: a cura de um paralítico (cf. Mc 2,1-12); uma refeição na casa de um publicano (cf. Mc 2,13-17); Jesus defende seus discípulos que não jejuam enquanto estão com ele (cf. Mc 2,18-22); e defende a conduta dos discípulos que colhem espigas durante o sábado (cf. Mc, 2,23-28); e,

¹⁰⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 151.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 152-153.

por fim, o próprio Jesus cura em dia de sábado a mão ressecada de um homem desesperado (cf. Mc 3,1-5).

Observando a reação mortal dos opositores de Jesus, (fariseus e herodianos), conspirando um plano de acabar com Jesus, Schillebeeckx diz que “a narrativa é o próprio Jesus, e como tal é entendida por todos os que estão dispostos a receber, na praxe da vida de Jesus, a proximidade salvadora de Deus (cf. Mt 13,11)”¹⁰⁹, isto é, abertos ao Reino de Deus que, em Jesus, veio ao encontro deles.

Considerando as parábolas do Reino, J. Pixley e Clodovis Boff elaboram uma síntese, referindo-as ao seu conteúdo fundamental. Eles afirmam:

Toda a proclamação de Jesus se resume aqui no anúncio do Reino de Deus [...]. Suas parábolas não têm outro tema: o Reino é como um grão de mostarda que, embora pequeno, produz uma árvore capaz de atrair as aves (cf. Mc 4,30-32), como um homem que descobre um tesouro enterrado (cf. Mt 13,44) ou um comerciante que encontra uma pérola de imenso valor (cf. Mt 13,45-46). A notícia de que o Reino é possível e que já vem é como a alegria que sentem os amigos do noivo nas bodas (cf. Mac 2,19 [...]). O trigo e a cizânia terão de ser separados neste dia (*do julgamento* – cf. Mt 13,24-30), e será do mesmo modo como o pastor separa as ovelhas dos cabritos (cf. Mt 25,31-46)¹¹⁰.

Trata-se de uma série de comparações que apontam para a mesma realidade escatológica: o Reino que se aproxima. Não dá para ficar neutro diante da mensagem das parábolas do Reino contadas por Jesus, pois a parábola é ele mesmo. Para não se arriscarem, os fariseus rejeitam a parábola, rejeitando, assim, o próprio Jesus, que é uma parábola apócrifa e heterodoxa, que põe em risco os costumes da prática da Lei.

Jesus é uma parábola viva de Deus, que se interessa e vai ao encontro dos seres humanos e dos seus sofrimentos concretos (publicanos, pecadores, pobres, paralíticos, cegos, excluídos, e pessoas alienadas de si mesmas por “espíritos maus”). A execução mortal de Jesus na cruz será consequência intrínseca da incompreensão e da recusa ao Reino, que ele anuncia por meio de parábolas.

Embora Marcos não se interesse mormente pelas parábolas, e sim pela praxe de vida de Jesus, vê-se nas parábolas o que interessava mais a Jesus: a causa de Deus como a causa do ser humano, o Reino de Deus. E é a partir das parábolas que Jesus revela quem é Deus.

¹⁰⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 152.

¹¹⁰ PIXLEY, J.; BOFF, C. *Opção pelos pobres*, p. 114.

O Deus que aparece nas parábolas é descrito como um todo-poderoso (cf. Lc 12,20; 17,7-10); como um homem de negócios, que exige os “rendimentos” daqueles a quem confia seus bens (cf. Mt 25,14-30). Todavia, este Deus é sobretudo misericordioso e clemente (cf. Lc 18,10-14; Lc 18,7), consolador (cf. Lc 16,19-31), e incrivelmente magnânimo (cf. Mt 18,23ss; 20,1-16; Lc 15,20-32), recompensa generosamente (cf. Mt 20,15), e é insuperável em longanimidade (cf. Lc 13,6-9; Mt 13,24-30). “Nisso encontramos o Deus de Jesus, do reinado de Deus, que só pensa no que é bom para a humanidade”¹¹¹.

Schillebeeckx diz que as parábolas que refletem o núcleo da mensagem de Jesus sobre a chegada do Reino de Deus foram retocadas em virtude do significado da morte de Jesus para a comunidade cristã, pela sua fé na ressurreição, e pela espera de sua parusia. Todavia, o teor original ficou conservado. Daí encontrarmos parábolas relacionadas diretamente à “vinda do Reino Deus”, comparando tal aproximação “como um homem que, ao partir para o exterior, deixa a casa e delega autoridade aos empregados, indicando o trabalho de cada um e dando ordens ao porteiro para vigiar... Vigiai, pois não sabeis quando o senhor da casa voltará...”¹¹².

Nas parábolas relativas ao Reino, verifica-se o predomínio do anúncio do Reino de Deus vindouro, que há de ser aguardado em vigilância cooperativa. A propósito da necessária vigilância, Schillebeeckx chama a atenção para o fato de que:

Nas parábolas escatológicas realmente de Jesus, trata-se sempre do reinado de Deus, da soberania de Deus no Reino que em Jesus está perto (cf. Mc 1,15), e já opera em Jesus (cf. Lc 11,20). Mesmo assim, “ainda está a caminho” (cf. Mt 6,10; Lc 11,3); ninguém sabe quando virá (cf. Mc 13,3; Lc 17,20-21). A exigência da vigilância indica que a vinda do Reino de Deus significa *salvação* para os acordados, embora saibam que são pecadores (cf. Lc 18,9-14) e indignos (cf. Mt 8,8-9); par. Lc), mas será *julgamento* para quem não estiver acordado; para quem agora não “sabe agir” (Mt 7,24-27; par. Lc)¹¹³.

A exigência da vigilância é própria de uma resposta do ouvinte à proposta do Reino. Como será comentado mais adiante na parábola das virgens prudentes, é impossível acomodar-se e permanecer na mesma atitude de vida diante do anúncio do Reino de Deus. Manter-se “acordado” implica ressuscitar a cada vez que o Reino

¹¹¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 154.

¹¹² Comentário de J. Dupont, relativo ao texto de Mc 13,34-37. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 155, nota 92.

¹¹³ *Ibid.*, p. 155.

se aproxima e solicita conversão de atitudes. Manter-se adormecido significa manter-se inerte e como que amortecido, sem vontade esclarecida e decidida, e, portanto, impossibilitado de mudar algo na própria vida para ir ao encontro de Jesus e do outro.

Anúncio do Reino e “ortopraxis” estão intimamente ligados nas parábolas de Jesus relativas ao Reino de Deus: nas parábolas, a “ortopraxis” vem explicada. A *parábola dos talentos*¹¹⁴ (cf. Mt 25,14-30) é um exemplo típico. Comparando o reino de Deus com um talento que Deus confia ao ser humano, Schillebeeckx diz que:

O talento confiado ao ser humano é o Reino de Deus, sem dúvida uma graça que nos sobrevém, como quando se encontra um tesouro (cf. Mt 13,44), ou uma pérola preciosa (cf. Mt 13,45s); mesmo assim, é um acontecimento que exige de todos uma reviravolta total (metanóia), para a qual é preciso vender tudo (cf. Mt 13,44)¹¹⁵.

O Reino de Deus é, ao mesmo tempo, um dom e uma tarefa. Uma responsabilidade que o próprio Deus confia a quem lhe responde com solicitude. O Reino se “estende ao mundo desde o dia da Páscoa de Jesus, da sua morte e gloriosa ressurreição, envolvendo toda a história, abrangendo todos os tempos, convocando todos os homens”¹¹⁶. O Reino de Deus condensa todos os talentos divinos que se recebem e se percebem como graças, dons, bens, missões, que crescem nos fiéis para o bem da Igreja e do mundo, fecundados pelo testemunho da vida de quem o recebe em comunhão com todos.

A respeito da *parábola dos talentos*, Schillebeeckx comenta que “o terceiro servo é condenado, não por perder a coragem de assumir riscos [...]”¹¹⁷, mas porque “foi muito negligente diante do que lhe foi confiado”¹¹⁸, pois o Reino exige ação correspondente.

Também na *parábola das cinco moças tolas e das cinco prudentes* (cf. Mt 25,1-13), relacionada com a parábola do ladrão (cf. Lc 12,39-40), e a do acerto de contas (cf. Lc 16,1-2; 12,42-48; Mt 18,23; Lc 7,41-43), retoma a exigência do trabalho diligente no tempo atual, visando a vinda do Reino de Deus. A aplicação mais prática e iluminadora destas parábolas é a imediata conversão da vida dos seres

¹¹⁴ Grifo nosso para destacar cada parábola mencionada pelo autor.

¹¹⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 155.

¹¹⁶ DANTAS, A. B. *O anúncio do reino de Deus*, p. 116.

¹¹⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 156.

¹¹⁸ *Ibid.*

humanos, que ouvem o anúncio do Reino nelas contido. “No Reino de Deus o que conta é o amor. Amor fiel, incansável, generoso, dinâmico, criador, que nunca morre e jamais se extingue [...]. Só o amor espera atento e vigilante [...]”¹¹⁹.

A *parábola do servo acordado*, transformada em parábola-da-parusia, e a do servo fiel (cf. Mt 24,45-51; par. Lc 12,42-46.47-48), reclamam atenção para o significado do Reino de Deus que vem: deve-se viver na vigilância, se não, o Reino poderá significar condenação, ao invés de salvação. Entre anúncio e prática do Reino em Jesus, há uma relação reversa que contém em si um juízo sobre aquele a quem o Reino é confiado: a vigilância *agora* - ao mesmo tempo que esforço de conversão (metanóia) - é “ortopraxis”, em vista da *vindoura* chegada do Reino de Deus.

Schillebeeckx comenta a *parábola do “servo inútil”* (cf. Lc 17,7-10) como a mais chocante no contexto da espiritualidade judaica dos tempos de Jesus. Como era acreditado e ensinado, Deus é justo, e sua recompensa pode ser medida exatamente de acordo com a fidelidade à Lei. Nesta parábola, o destaque dado se situa na exigência da gratuidade do discípulo perante a salvação, que lhe é oferecida pelo Deus do Reino, no presente e no futuro, e não na observância formalmente jurídica à Lei.

Igualmente, na parábola de Lc 15,11-32 – que Schillebeeckx chama de (*parábola*) do “irmão mais velho do filho pródigo”, o autor coloca em evidência que “a parábola passa por cima da recompensa do mérito, e reduz a fidelidade legal a um relacionamento pessoal de justiça”¹²⁰.

Comentando a *parábola da ovelha perdida* (cf. Mt 18,12-14) e do “filho perdido”, Schillebeeckx identifica a mesma atitude do pastor e do pai, que tomam forma compreensível e humana na atitude de Jesus: “É Deus que se preocupa mais por uma só ovelha que errou do que pelas noventa e nove que se encontram em segurança”¹²¹. E observa que o mesmo procedimento do pai para com o filho mais velho, que simbolizava os primeiros ouvintes de Jesus, tinha a mesma finalidade: Jesus queria ensinar “que o pecador permanece seu irmão e todos devem partilhar da alegria de Deus pelo retorno e conversão do pecador”¹²², pois o modo de viver

¹¹⁹ DANTAS, A. B. *O anúncio do reino de Deus*, p. 112.

¹²⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 158.

¹²¹ SCHILLEBEECKX, E. *História humana, revelação de Deus*, p. 154.

¹²² O autor diz que a mesma atitude de Deus se revela na parábola do fariseu e do publicano (cf. Lc 18,10-14), na qual o pretensioso e piedoso fariseu é despedido por Deus, ao passo que o publicano,

no Reino de Deus, a praxe de vida do Reino, baseia-se no “perdão escatológico, dádiva do Reino de Deus que está chegando, que deve ser praticado para com os outros pelos fiéis que vivem dessa inspiração”¹²³.

Em suma, Schillebeeckx destaca nas parábolas de Jesus a misericórdia de Deus, concretamente demonstrada nas ações bondosas do próprio Jesus para com as pessoas que dele se aproximam, especialmente os pecadores e pobres. E esta atitude de Jesus há de servir de exemplo para quem quiser entrar no Reino de Deus (cf. Mt 5,43-48). Desta atitude, dependerá também a práxis do discípulo do Reino, cuja conversão exigida pelo Reino o levará à misericordiosa dedicação ao próximo e o tornará semelhante a Deus Pai, e bem-aventurado, como Jesus o proclamou: “Sede misericordiosos, como vosso Pai celeste é misericordioso” (Lc 6,36; cf. Mt 5,48), e também: “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mt 5,7).

2.5

O Reino de Deus é dom gratuito

Tanto nas bem-aventuranças, quanto na oração ensinada por Jesus aos discípulos (o “Pai-nosso” – cf. Mt 6,9-13 e Lc 11,2-4), o Reino é anunciado por ele como dom do amor do próprio Deus. Um dom totalmente gratuito, que vem dado pela iniciativa de Deus. “Constitui um dom tão valioso que não existe esforço humano capaz de conquistá-lo ou de comprá-lo: só pode ser recebido como dom”¹²⁴.

Sendo dom (cf. Lc 12,32; Mt 23,12; Mt 25,34; Mc 4,26-29), cabe ao ser humano abrir-se para acolher o Reino oferecido por Deus com alegria e gratidão, reconhecendo a sua incapacidade de auto-salvar-se. Tal atitude se torna difícil para quem se auto-justifica com orgulho: não consegue sentir a necessidade de ser libertado gratuitamente por Deus para entrar no seu Reino.

Os destinatários do Reino são os pobres, as crianças, os pequenos e os pecadores. Para além de qualquer moralismo, ao menos segundo o Evangelho de

que se sente indigno até de comparecer perante Deus, volta para casa “justificado”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *História humana, revelação de Deus*, p. 154.

¹²³ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 160.

¹²⁴ RUBIO, A. G. Op. Cit., p. 38.

Lucas, os pobres não são convidados a participar do Reino porque são bons, mas porque são pobres, marginalizados, injustiçados. “Obviamente, se existem pobres, injustiçados e desprezados é porque alguém os empobreceu, cometeu injustiças contra eles e os desprezou”¹²⁵. A respeito da acolhida do Reino pelos pobres, assim se expressa Schillebeeckx:

O fato de que a prédica e a prática do Reino de Deus da parte de Jesus era *boa notícia* para os pobres e repudiados não significa, porém, que “o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33) seja diretamente para esses pobres libertação da pobreza, da falta de meios e da opressão. Significa que Jesus arranca os pobres do autodesprezo por serem marginalizados. Restitui-lhes a dignidade de homens e filhos de Deus¹²⁶.

Quem na sociedade ficou marginalizado por ser leproso, deparou-se com Jesus, que lhe veio ao encontro com boas intenções e lhe ofereceu comunhão de mesa, arrancando-o do desprezo em consequência da marginalização social. Quem ficou humilhado, desprezado e repudiado, que recebe de alguém as boas-vindas, por ele é acolhido e toma com ele alguma refeição, sente-se animado em sua humanidade e definitivamente aceito, e ousa voltar a sorrir.

Nas parábolas¹²⁷, o Reino vem anunciado por Jesus em sua gratuidade e misericórdia. “O rompimento com a ideia legalista do ‘pagamento conforme o resultado’ aparece na *parábola* socialmente chocante *sobre os ‘trabalhadores da última hora’*”¹²⁸. O que se censura nesta parábola, como atitude frontalmente contrária à praxe do Reino de Deus é a comparação interesseira do irmão mais velho – de si mesmo – com o irmão mais novo, perante o pai, alegando a fidelidade ao pai como crédito a ser usado a seu favor, enquanto que ao irmão mais novo caberia um “merecido” castigo, ou seja, sua exclusão da herança (= do Reino de Deus). “Ninguém por suas boas obras adquire direitos sobre Deus de forma que possa impedi-lo de manifestar sua bondade para com os que não podem exhibir boas obras ou ao menos têm menos ‘méritos’”¹²⁹.

¹²⁵ RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p. 40.

¹²⁶ SCHILLEBEECKX, E. *História humana. Revelação de Deus*, p. 152.

¹²⁷ Apesar de ter citado as parábolas como recurso usado por Jesus para o anúncio do Reino (cf. 2.4 deste trabalho), as parábolas citadas neste título 2.5 são usadas pelo próprio Schillebeeckx para destacar a gratuidade e a misericórdia. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 160-163.

¹²⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 158.

¹²⁹ SCHILLEBEECKX, E. *História humana, revelação de Deus*, p. 154.

Schillebeeckx dá a entender que, sendo gratuito, o Reino de Deus não é merecido, e Deus não admite privilégios àqueles que se julgam merecedores do Reino por apreciarem como justo aquilo que fazem. Embora não se despreze o significado do que é bem feito, como fidelidade à Lei, percebe-se facilmente quando o coração corresponde ou não à Lei na prática da fraternidade e da misericórdia. Jesus anuncia na parábola uma indispensável equivalência entre o que é feito e o que o coração sente a respeito do irmão, pois a inequivalência exatamente no amor pelo irmão revela o quanto é falsa a observância da Lei, em vista do mérito garantido para entrar no Reino.

Na *parábola do servo cruel* (cf. Mt 18,23-35), o funcionário, que teve uma enorme dívida perdoada pelo patrão, agiu com intolerância para com o seu colega de trabalho, cuja dívida para com ele era inversamente proporcional. Jesus destaca a reação do patrão que, de compassivo, ao lhe perdoar grande quantia, torna-se inclemente com o funcionário que não foi misericordioso para com o seu colega. A respeito desta parábola, diz Schillebeeckx:

Trata-se novamente do Reino de Deus e da metanóia, isto é, o ser invadido pela alegre notícia da vinda do Reino de Deus, que desde já misericordiosamente opera [...]. O perdão que Deus nos oferece precede e deve ser a base e a fonte do nosso perdão aos outros [...]: “Perdoei-te toda aquela dívida... Não devias também tu compadecer-te do companheiro, como tive compaixão de ti?” (Mt 18,32-33)¹³⁰.

Quem quiser entrar no Reino de Deus, deve imitar Jesus em sua misericórdia para com o povo. Agir com retidão (ortopraxis) significa agir segundo o Reino de Deus, e tal agir coincide com a dedicação misericordiosa para com o próximo, pois:

Se o reinado de Deus é a dedicação universal da misericórdia divina ao ser humano, então a metanóia exigida pelo reinado de Deus é concretizada na compaixão e dedicação ao próximo, conforme se diz noutro lugar: “Sede misericordiosos, como vosso Pai celeste é misericordioso” (Lc 6,36 par. Mt 5,48). Daí também: “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mt 5,7)¹³¹.

A praxe do Reino de Deus é a prática da misericórdia para com o próximo. A *parábola do bom samaritano* é uma ilustração dessa praxe: nela, o ensinamento escatológico situa o amor a Deus demonstrado em amor ao próximo e em “serviço” (cf. Mc 10,44 par. Mt; Lc 22,27; Mt 25,31-46; 7,12 par. Lc; Mt 23,11; Mc 9,35).

¹³⁰ SCHILLEBEECKX, E. *História humana, revelação de Deus*, p. 159.

¹³¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 159.

Neste sinal, o Reino de Deus irrompe no mundo e na história. Jesus, que conta aquela parábola, “convive misericordiosamente com pecadores (cf. Mt 11,19); come com eles, oferece salvação e comunhão a publicanos e pecadores (cf. Mc 2,15-16; Lc 15,1-10), e promete a pecadores o Reino de Deus (cf. Lc 15,2-32; Mt 21,31)”¹³².

A conclusão de Schillebeeckx é clara: todas estas narrativas sugerem que Jesus, cuja conduta dá exemplo tão fascinante do Reino, ele mesmo é a parábola de Deus¹³³, enquanto pergunta deixada em aberto ao ouvinte, a fim de que lhe responda positivamente com uma vida correspondente, ou seja, de adesão ao Reino no seguimento de Cristo.

Todavia, há quem recuse a salvação oferecida pelo Reino de Deus, como o demonstra a *parábola dos convidados ingratos* (cf. Mt 22,1-10.11-14 par. Lc 14,16-24). O Reino escatológico é apresentado na parábola como um banquete para muitos convidados, os quais encontram desculpas de vários tipos para não atenderem ao convite do dono da festa, que fica profundamente ofendido. Então, ele manda seu servo convidar as primeiras pessoas que encontrar pelas ruas. A respeito da parábola, Schillebeeckx comenta que:

Os ouvintes da parábola contada por Jesus devem ter entendido que se tratava do convite para o Reino de Deus que estava chegando e que exige metanóia radical: nenhuma desculpa vale; tudo terá de ceder diante desse convite. Primeiro, procurar o Reino de Deus; todo o resto se resolve depois¹³⁴.

De fato, a parábola quer realçar que os chefes de Israel recusam-se a aceitar a vinda do Reino de Deus, como é anunciado e proposto por Jesus. No entanto, as pessoas do povo comum (*hamme ha' res*), simbolizadas pelos trajes inadequados para a festa, ou seja, os méritos da fidelidade à Lei, aceitam o convite e são admitidos no Reino de Deus. Verificam-se aqui dois aspectos da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus: “de um lado, o caráter incondicional da entrega à boa nova de Deus; de outro lado, a esperança aí formulada para ‘publicanos e pecadores’; a todos, sem exceção, é dirigido o convite para a salvação divina”¹³⁵.

¹³² SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 160.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ Ibid., p. 161.

Em todas as parábolas, o transfundo e o âmago de cada uma delas é sempre a vinda do Reino de Deus. “No conjunto da mensagem de Jesus e da praxe de sua vida, fica evidente que se trata da salvação que Deus oferece: do Reino de Deus e da metanóia interior que ele exige”¹³⁶. Na verdade, Jesus vive fascinado pela vinda do Reino de Deus e, tanto suas parábolas como sua própria vida, são eloquente anúncio do Reino de Deus, que se aproxima da humanidade.

Por fim, de tudo o que Schillebeeckx comenta acerca destas parábolas escatológicas, merece destaque a coincidência de três elementos fundamentais: (1) o Reino é oferecido por Deus a todos; (2) o Reino é dom gratuito, e não merecido por quem se pretende justificado por suas boas obras; e (3) o Reino exige, porém, correspondente e gratuita praxe de vida. A respeito da prática do Reino, trataremos no próximo capítulo.

2.6

Reflexões conclusivas

Em todo o capítulo sobre o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus, é possível perceber em Schillebeeckx o viés escatológico que ele consegue mostrar em sua apresentação de Jesus como profeta escatológico de Deus, no qual o Reino de Deus se aproximou da humanidade.

O autor faz entender que não houve outro assunto mais importante para Jesus que o Reino de Deus, pois dele Jesus parte; por meio dele, confere significado à sua pregação e prática, e por fim, no Reino de Deus, estabelece o sentido de sua morte e ressurreição. Ele não teve dúvidas: finalmente haviam chegado os tempos messiânicos, tão prometidos pelos profetas e tão esperados pelos pobres da terra, tempos de espera que ele mesmo finalizou, ou seja, em Jesus o tempo da espera chegou ao fim, e chegaram os tempos de proximidade do Reino que ele mesmo tornou visível: em Jesus, o Reino de Deus estava perto e disponível para todos¹³⁷.

¹³⁶ SCHILLEBEECKX, E. *História humana, revelação de Deus*, p. 163.

¹³⁷ Acerca da índole escatológica do Reino anunciado por Jesus, vale lembrar a definição de Escatologia que Schillebeeckx nos oferece em um de seus artigos: “A escatologia é a expressão da crença de que a história está nas mãos de Deus, de que a história do mundo pode atingir o seu pleno cumprimento na comunhão com Deus e de que será levada a essa plenitude em Cristo, que encarna a promessa de Deus”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Reflexões acerca da interpretação da Escatologia*. In: CONCILIUM. Revista Internacional de Teologia, 1-5 (1969), p. 48.

Jesus foi o profeta itinerante do Reino de Deus. Consagrou todas as suas energias a serviço deste sonho: “Jesus andava de povoado em povoado, de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a boa notícia do Reino de Deus” (Lc 8,1). “Reino de Deus foi o sentido de sua vida, o fio condutor, a razão definitiva, o eixo de tudo. Ele consagrou todas as suas forças, energias, dons e valores a serviço do Reino”¹³⁸. O Reino marcou seu tempo, relações, opções e ensinamentos, ao mesmo tempo em que lhe enchia de alegria. Da única oração que ensinou aos seus discípulos, ao mesmo tempo curta, mas altamente realista e contemplativa, Jesus colocou nela o grito que saía constantemente de seu coração de profeta escatológico: “venha o teu Reino” (Mt 6,10). A propósito da relação escatológica entre Jesus e o Reino, Schillebeekx informa que:

Todos os exegetas estão de acordo em que as palavras bíblicas acerca do Reino de Deus se relacionam com a própria mensagem de Jesus. Em Jesus é dada ao mundo a última promessa. Mas em Jesus de Nazaré vemos nós que o *eschaton* é um acontecimento pós-histórico acerca do qual apenas podemos falar na perspectiva da história entendida em termos de fé¹³⁹.

Desde a inauguração de seu ministério público e na Galileia, ele anunciou o Reino com firmeza e criatividade (cf. Mc 1,15), alcançando a todos com a veemência e fascínio dum anúncio feito de proclamações de felicidades (bem-aventuranças – cf. Mt 5,1-12) para os pobres (cf. Lc 6,20-23) e ameaças para os que os abandonaram (cf. Lc 6,24-26). Do mesmo modo, aqueles que eram considerados pobres e pecadores de então, compreenderam os mistérios do Reino através da escolha linguística feita por Jesus: o uso de parábolas, pelas quais ele deixava claro em que consistia o Reino de Deus (cf. Mt 13,10-17), já presente nele mesmo, como uma parábola vivente, e como estímulo para a conversão e o compromisso com as exigências do Reino na vida dos que a ele aderiam pela fé nas palavras de Jesus.

As multidões ficavam fascinadas com o modo de falar de Jesus, pois ele falava como quem tem autoridade, e não como os mestres da Lei e os fariseus de sua época. “A autoridade que emanava de Jesus não advinha de títulos, poderes ou

¹³⁸ Numa de suas obras recentes, sobre a missiologia mística popular, Luís Mosconi dedicou o capítulo mais volumoso para falar de Jesus. Dentro deste capítulo (Cap. III), delineia com entusiasmo a figura de Jesus como missionário do Reino do Pai. Cf. MOSCONI, L. *A vida é missão*, p. 133-134.

¹³⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Reflexões acerca da interpretação da Escatologia*. In: CONCILIUM. Revista Internacional de Teologia, 1-5 (1969), p. 48.

riquezas; mas do conhecimento íntimo da vontade de Deus e das verdades da vida”¹⁴⁰, pois ele mesmo era a luz da Verdade e a força da Vida (cf. Jo 14,6), por tantos esperadas para ressurgirem da escuridão e da realidade de morte em que viviam como que sepultados.

Aos que abriam a mente e o coração, na fé, para acolher a novidade de Deus, Jesus era portador de uma boa notícia (εὐαγγέλιον): o Reino de Deus era o evangelho, carregado de alegria e de esperança, pois Deus sempre amou seu povo. Agora, na pessoa de seu Filho, veio ao seu encontro, para falar com seu povo não mais por meio de imagens ou promessas, mas de modo concreto, enviando seu próprio Filho, como o profeta escatológico dos últimos tempos. Nele, como Pai, Deus cumpre sua promessa messiânica de amoroso envio do Salvador. Em Jesus, Deus oferece salvação para a humanidade, especialmente dirigida aos pobres. Schillebeeckx diz que “é por Jesus que o Reino de Deus chega para eles. É Jesus quem tem compaixão desses pobres”¹⁴¹, trazendo “da parte de Deus” a mensagem do “não” radical de Deus contra a história do sofrimento humano. “O verdadeiro sentido da história, embora apareça apenas escatologicamente, é paz, alegria, satisfação; é salvação e felicidade”¹⁴². O que antes se afirmava “protologicamente” acerca do feliz sentido da história nos primórdios – do Édem de Deus para a humanidade dos primeiros dias – agora, no tempo de Jesus, fala-se disso “escatologicamente”, apontando para o futuro, o fim do mundo. Com Jesus fica clara a opção de Deus acerca da história: “compaixão é o sentido mais profundo que Deus quer realizar na história; ele quer a vida dos seres humanos, sua salvação; não sua morte e miséria”¹⁴³. E Jesus exprime tudo isso dentro dos padrões do pensamento de sua época.

Com Jesus o Reino de Deus chegou, e com ele, finalmente a esperança chegara ao mundo dos pobres e tristes, dos famintos e doentes, dos pecadores e dos que haviam sido abandonados por aqueles a quem foi confiada, ao longo de toda a história de Israel, a tarefa de serem bons pastores do povo, mas, ao invés, haviam

¹⁴⁰ Encontramos no site “amai-vos” uma breve reflexão sobre Mc 1,27-28 na qual a autora fala do tipo de autoridade de Jesus e sua fonte. Cf. BINGEMER, M. C. L. *Ele fala com autoridade*. In: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=6639&cod_canal=30> (acesso em 19.07.2014).

¹⁴¹ SCHILLEBEECKX, E. *A história de um vivente*, p. 170.

¹⁴² Ibid.

¹⁴³ Praticamente, com este pensamento, Schillebeeckx sintetiza todo o seu propósito ao se referir a Jesus como o profeta escatológico, que anuncia a salvação gratuita e amorosa “da parte de Deus” à humanidade. Cf. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 170.

se tornado lobos vorazes, exploradores e enganadores, produtores de morte física, social, moral e promotores de um mortal desespero para tantos em Israel (cf. Ez 34,710). Com este grupo do povo, Jesus estabelece relações amistosas imediatas, constituídas de ensino, terapia, consolação e comensalidade, antecipando e realizando *já* o que *ainda há de ser* totalmente experimentado na *parusia*, no futuro de Deus: um mundo-família, onde Deus mesmo serve a mesa para os filhos e senta para comer e festejar com eles, sem mais lágrimas, medos, juízos ou males.

Onde só havia desencanto, fome e dor, chegou Jesus como a salvação vinda de Deus. Nele, Deus se aproximou da humanidade e ensinou a reler o presente e o futuro. Nutriu as antigas esperanças, tornadas opacas pela prática da injustiça institucionalizada no império romano e pela religião judaica, em nome de Deus e de sua Lei. Jesus foi o profeta itinerante do Reino de Deus, e não fazia nada que não estivesse ligado ao Reino de Deus. Como veremos no capítulo seguinte (a práxis do Reino), Jesus realizava sinais, alguns extraordinários e uma maioria muito simples, mas igualmente comunicadores do mesmo sentido de sua missão, para testemunhar que o Reino de Deus havia chegado.

Aos que tinham dúvidas acerca do significado da novidade do Reino que Jesus veio anunciar, ele responde: “Contem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a Boa Notícia é anunciada aos pobres” (Lc 7,22 citando Is 35,5-6). Foi assim que Jesus respondeu aos dois discípulos enviados por João Batista, para saber se ele era ou não o Messias esperado.

Com o anúncio do Reino de Deus e sua consequente práxis na pessoa e na vida de Jesus, os tempos messiânicos haviam chegado, isto é, o Reino de Deus se aproximou e a história da humanidade entrou nos seus tempos escatológicos: definitivamente, não será mais a mesma. A partir de Jesus, o Reino de Deus vai mudar para sempre o sentido e o destino da história e da humanidade, dirigindo tudo e todos para a sua possível plenitude feliz.

O Reino de Deus já chegou: a práxis

A finalidade deste capítulo é mostrar, a partir do pensamento e do itinerário percorrido por Schillebeeckx em sua obra cristológica *Jesus, a história de um vivente*, como a práxis¹⁴⁴ benfazeja de Jesus para com pessoas pobres e excluídas, publicanos e pecadores, é sinal escatológico e consequência prática do anúncio do Reino de Deus que, em Jesus, se aproximou da humanidade. “A convivência de Jesus de Nazaré com todo o mundo é uma oferta da salvação que vem de Deus”¹⁴⁵, que se manifesta em milagres e prodígios durante a vida terrena de Jesus, através do qual o Reino já chegou ao mundo. Com a práxis de Jesus, o Reino já chegou no meio da humanidade (cf. Lc 11,20), e – em Jesus, e por meio do que ele faz – o Reino se torna acontecimento escatológico. Igualmente, ocorre na vida dos discípulos de Jesus: as obras do discípulo que, pela conversão, adere à mensagem do Reino anunciado, proclamam o Reino como acontecimento escatológico, já se manifestando no presente da história do mundo, embora ainda não totalmente realizado.

Nos Atos dos Apóstolos, encontra-se uma referência à práxis do Reino na vida de Jesus, assim expressa por Lucas: “Jesus andou pela terra fazendo o bem” (At 10,38). As ações benfazejas de Jesus (esse “fazer o bem”) são ilustradas com a cura de doentes e a expulsão de demônios. A cura de todo tipo de enfermidades, a expulsão de demônios e a ressurreição de mortos eram, por excelência, sinais de que o Reino messiânico havia chegado e estava no meio da humanidade. Jesus manifesta para com todos uma compaixão ativa e, como profeta escatológico, liberta-os de suas “prisões” (cf. Is 61,1-2).

O Reino de Deus, que se manifesta na pregação e práxis de Jesus, exige de quem com ele se encontra, ou o procura, a fé, a conversão e o seguimento. A fé será necessária para se converter a Jesus e ao Deus do Reino; e o chamado ao seguimento

¹⁴⁴ Com a palavra “práxis”, ao longo do texto, queremos nos referir às ações com as quais Schillebeeckx percebe os sinais da atuação do Reino de Deus anunciado por Jesus, realizados por ele mesmo como antecipação escatológica do Reino. Dentre estes sinais, daremos destaque ao significado escatológico dos milagres e prodígios, as parábolas e posicionamentos de Jesus perante seus opositores, cuja recusa os levou a perseguir e executar o processo penal de Jesus, que culminou com sua morte.

¹⁴⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 173.

radical de Jesus vai moldar aos poucos a vida do discípulo à vida do mestre. Quem quiser seguir Jesus, acabará assumindo sua missão, suas opções e até mesmo o risco da difamação por causa da escolha preferencial pelos pobres e pecadores, ao ponto de comer e beber com eles na mesma mesa, bem como acabará por ter na vida o mesmo destino de sofrimento e morte que Jesus experimentou. O Reino de Deus vai se tornar a única causa que vai unir e identificar o discípulo com Jesus na totalidade de sua experiência: na pregação, na práxis e no martírio. Por isso, Jesus advertiu seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 16,24-25).

Este capítulo está dividido em sete partes. Inicia-se com a realização do Reino na vida de Jesus e do discípulo (3.1)¹⁴⁶; a seguir, discorre sobre o significado dos milagres, como sinais do Reino em ação na vida daqueles a quem Jesus foi enviado a pregar e mostrar presente o Reino de Deus (3.2). Sendo o Reino de Deus, a ajuda que salva, curando, libertando e abrindo horizontes de esperança e vida, Jesus exige e provoca a fé como condição para a acolhida de Deus que passa a reinar na vida de quem dele se aproxima (3.3). Dentre outros sinais, a atuação do Reino de Deus em Jesus também se manifesta na comensalidade com os pecadores, antecipando para eles a festa escatológica de Deus na pessoa do Filho e na reunião de um novo Israel, aberto para chamar todos à salvação que vem de Deus (3.4). Schillebeeckx percebe que Jesus chama os discípulos para o seu seguimento, e faz a eles a radical exigência da renúncia de si, para assumir com liberdade a própria cruz, e preparar-se para o sofrimento e morte por causa do Reino de Deus. Na resposta ao chamado vocacional de Jesus, o discípulo experimenta a conversão ao Reino e se identifica totalmente com Jesus, na pregação, nas obras, no sofrimento e na morte (3.5). Por fim, Schillebeeckx mostra o contraste entre a práxis escatológica e libertadora de Jesus e a práxis da Lei exigida pelos fariseus, escribas e doutores, deixando perceber como Jesus se torna intérprete e doutor da Lei, por excelência, sendo ele mesmo a nova Lei do Reino, que reclama a prática do amor por Deus e pelo próximo como a plenitude da verdadeira e escatológica práxis da Lei do Reino de Deus (3,6). O capítulo é finalizado por algumas reflexões conclusivas (3.7).

¹⁴⁶ A numeração dentro de parênteses indica a subdivisão do capítulo com respectivas temáticas aprofundadas.

3.1

Em Jesus e no discípulo o Reino se torna acontecimento

O Reino há de ser procurado como atitude primordial na vida de quem entendeu o cerne do seu anúncio nas bem-aventuranças e nas parábolas de Jesus (Lc 12,31). Na “procura” do Reino de Deus e de sua justiça (cf. Mt 6,33), acaba-se por superar o egoísmo, sair da prisão e isolamento em si mesmo, e encontrar o outro, o irmão, com o qual Jesus mesmo se identifica (Mt 25,31-46). A procura do Reino parte do anúncio de Jesus, e se realiza à luz de sua prática na vida de quem o procura. E o Reino acontece e se antecipa historicamente a cada vez que o discípulo encarna as atitudes do Mestre.

Schillebeeckx diz que a expressão “Reino de Deus” possui um caráter que aponta “para o estado final escatológico, pondo fim ao mundo mau, dominado por poderes nefastos, e iniciando o novo mundo, onde Deus dominará plenamente: “Venha teu Reino” (Mt 6,10)”¹⁴⁷. A vinda do Reino é percebida por Schillebeeckx em dois aspectos:

Soberania e Reino de Deus são dois aspectos da mesma realidade. A soberania diz respeito ao hoje dinâmico do reinar divino, enquanto que Reino de Deus indica mais o estado definitivo de felicidade, esperado pela ação salvífica de Deus. Deste modo, o hoje e o futuro estão essencialmente ligados entre si¹⁴⁸.

Na compreensão do Reino como acontecimento que realiza a vontade salvífica de Deus, a expressão “Reino de Deus” é traduzida por Schillebeeckx do seguinte modo: “Deus é o senhor da história, e ele, com plenos poderes, outorgou salvação aos humanos”¹⁴⁹. Dizer que *Deus reina* significa que, como “Rei”, Criador soberano, Ele dá salvação e felicidade aos seres humanos, que ele criou para a vida. Dizer que *o Reino vem*, significa que Deus olha os seres humanos e torna operacional o seu “reinar” no mundo.

O Reino acontece na pessoa de Jesus, que o propõe pela pré-dica e, ao mesmo tempo, o torna atuante em suas escolhas, comensalidade com os pobres, pecadores, abandonados e excluídos, mas também – e de modo credível – o Reino se torna

¹⁴⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 135.

¹⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁹ Ibid.

acontecimento na vida do crente, do discípulo, cuja vida justa supera todo impedimento imposto à adesão ao Reino. A respeito disso, Schillebeeckx afirma:

Jesus relaciona a vinda do Reino de Deus com a metanóia, isto é, a praxe atual do Reino de Deus. O Pai-nosso sugere uma ligação essencial entre o “venha o vosso Reino” e o “seja feita a vossa vontade na terra”: realizar a vontade de Deus na nossa história terrena tem a ver com vinda do Reino de Deus, sempre na dialética característica de Jesus entre o “hoje” e o “futuro”; este último é sempre maior do que o hoje, mas o hoje estimula uma praxe ética-religiosa de acordo com o Reino de Deus¹⁵⁰.

Do ponto de vista da pessoa de Jesus, o reinado de Deus e a “ortopraxis”¹⁵¹ são percebidos claramente em seu andar por toda a parte fazendo o bem. O Reino irrompe para dentro da história, em sua plenitude escatológica, e se torna visível nas ações de Jesus, pelas quais ele manifesta abertamente o amor misericordioso de Deus, que perdoa e salva. Pelas ações curativas e exorcistas de Jesus, o Reino de Deus vence de modo soberano o domínio de Satanás, e liberta os que ele aprisionava, porque Jesus expulsa os demônios com o poder do “dedo de Deus” (cf. Lc 11,20; cf. Mt 12,20-29) e traz a esperada salvação à humanidade sofrida, especialmente os pobres, aos quais o Reino messiânico se destina (cf. Lc 4,16-21)¹⁵².

Portanto, toda a humanidade é convidada a reconhecer em Jesus a presença escatológica do próprio Deus, e a confiar no que ele diz e faz, porque no que Jesus diz e faz está o início substancial de um futuro qualitativamente novo. A respeito dos benefícios que Jesus realiza, concretizando o Reino, Schillebeeckx observa que:

No seu modo de viver, Jesus dá ao Reino de Deus um rosto concreto: dedica-se ao bem-estar, à integridade do ser humano, também fisicamente com curas e exorcismos. Onde Jesus aparece o medo some, o medo de viver e o medo de morrer, e ele liberta a pessoa humana e a devolve a si mesma¹⁵³.

Por outro lado, para encontrar correspondência na vida da pessoa, o Reino de Deus exige uma “ortopraxis” semelhante à de Jesus, numa liberdade interior que permita a Deus ser o único bem necessário. Isso requer o desapego de riquezas e

¹⁵⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 147.

¹⁵¹ O autor explica o termo: “Literalmente: ‘reta ação’. [...] *ortopraxis* significa sempre ‘agir de acordo’ com o critério ou as normas do Reino de Deus”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 690. Grifos do autor.

¹⁵² Cf. ANCONA, G. *Escatologia cristã*, p. 81.

¹⁵³ SCHILLEBEECKX, E. *Op. Cit.*, p. 147.

propriedades, tanto pequenas quanto grandes e supérfluas. O acontecimento do Reino nas ações de Jesus antecipa e indica o caminho a ser percorrido pelos que se colocam a caminho do mundo no seguimento de Jesus. Ele precede os discípulos, na pregação e na prática do Reino¹⁵⁴.

O Reino se torna acontecimento no correto agir humano, onde se demonstra amor sem limites, sem sectarismos, ou seja: um amor que alcança até os inimigos. Tais foram os sinais do Reino na atuação de Jesus, que contrastavam frontalmente com a atuação dos fariseus e mestres da Lei de seu tempo. Com as atitudes práticas de Jesus, o Reino de Deus poderia chegar à humanidade através das mediações humanas dos seus discípulos, nos cuidados de uns pelos outros, na reciprocidade do respeito total pelo outro, e na promoção de sua vida digna e plena.

Deste modo, “no agir de Jesus, aparece uma realização proléptica, não na teoria, mas na prática, do ‘novo mundo’, da procurada nova praxe da vida boa e verdadeira, digna de seres humanos”¹⁵⁵. Em Jesus, os cristãos e todas as pessoas de boa vontade poderão encontrar não apenas uma inspiração e incentivo, mas um conteúdo e uma orientação bem determinada para o seu agir benéfico no mundo, sem abandonar, mas - aliás - alimentando a esperança escatológica de que a salvação virá em breve, conferindo-lhe a atualidade que alegra quem por ela esperava¹⁵⁶.

O Reino que vem já se aproximou e se fez visível em Jesus. Por isso, ele proclama: “Felizes os olhos que veem o que vedes! Porque eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram; quiseram ouvir o que ouvís e não ouviram” (Lc 10,23s). Em Nazaré, Jesus anuncia o cumprimento no “hoje” daquilo que os profetas predisseram: “Hoje se cumpriu a profecia que acabastes de ouvir” (Lc 4,21). Com Jesus, os cegos vão ver, os coxos vão andar, os leprosos serão curados e aos pobres será anunciada a boa notícia (cf. Is 35; Mt 11,5). Tudo isso acontece agora na palavra e na ação de Jesus; ao que se acrescenta: “Feliz aquele que não se scandaliza de mim” (Mt 11,6).

¹⁵⁴ Para aprofundar melhor a temática da visibilidade do Reino nas ações dos seguidores de Jesus em todos os tempos, ver também: SCHILLEBEECKX, E. *Uma espiritualidade para o homem de hoje*. In: GRANDE SINAL. Revista de Espiritualidade. Ano XXXIX (1995), p. 12-18; SCHILLEBEECKX, E. *Relação entre Sacerdócio e Celibato. Anotações Teológicas*. In: PADRES amanhã? Deus criou o padre. O Diabo criou a casa. Introdução de Fernando Vittorino Joannes. Coleção IDO-C2. Os grandes temas do cristianismo moderno, p. 45-65.

¹⁵⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 147.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 148.

Como tal anúncio, portador da realização de uma antiga e sempre nova esperança popular, poderia causar escândalos? Diz Kasper que:

Por certo se deu bastante motivo para o escândalo. Um rabino desconhecido de um longínquo rincão da Palestina, com um pequeno grupo de discípulos incultos, rodeado de toda classe de gente de má fama, publicanos, prostitutas, pecadores, poderia tornar realidade a mudança do mundo, e trazer o Reino de Deus? A dura realidade parecia e parece desmentir radicalmente a pregação de Jesus. Deste modo se explica que desde o princípio o povo balance a cabeça e se pergunte com incredulidade acerca de Jesus. Até os seus mais próximos o tinham por louco (cf. Mc 3,21)¹⁵⁷.

O acontecimento do Reino, visibilizado nos prodígios feitos por Jesus, provoca um espanto em todos: “Todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: ‘Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!’” (Mc 1,27). A respeito dos prodígios que Jesus realizou, Schillebeeckx diz que o conceito evoluiu em termos como “Jesus o taumaturgo” ou “milagreiro”, à formulação de Lucas: “Jesus andava por toda parte fazendo o bem”, num ativo empenho pelos necessitados. O evangelista Marcos registra que o povo reagiu dizendo: “Jesus faz bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem” (Mc 7,37b), tendo já referido o início do próprio Evangelho como “Boa nova de Jesus Cristo” (Mc 1,1), como sendo (os prodígios de Jesus) causa da alegria para muita gente.

Para que serviram os milagres e prodígios de Jesus?¹⁵⁸ Em qual direção apontavam? Para Schillebeeckx, os milagres feitos por Jesus apontam na direção de sua identidade. Mais que o milagre em si, o que chama a atenção, e escandaliza, é o fato de que Jesus era um personagem comum, e todos sabiam de onde ele era. No entanto, em Jesus “apareceu historicamente algo de excepcional, que os seus opositores atribuíram a “origens demoníacas”. Por outro lado, os seguidores de Jesus, atribuíram as manifestações extraordinárias do Reino na práxis de Jesus a

¹⁵⁷ KASPER, W. *Jesus, el Cristo*, p. 91. Tradução nossa.

¹⁵⁸ Schillebeeckx diz que nos evangelhos não se encontra a palavra do grego profano para “milagre” (*thauma*). Os evangelistas se limitam apenas a dizer que certas palavras e ações de Jesus provocaram no povo um *thaumadzein* (admiração e assombro). Ao invés de *thauma*, os evangelhos utilizam a palavra “sinais” (*sêmeia*) e “atos de poder” (*dynameis*), ou simplesmente “obras do Cristo” (*ta erga tou Christou*). Nos outros livros do Novo Testamento se encontram a expressão “Seméion” (At 4,16-22; 8,6; Ap 13,13-14). Em termos muito gerais, “terras” indica o caráter estupendo de um acontecimento incompreensível; “seméion” lembra a atuação de Deus dentro do acontecimento; “dynameis” (Gl 3,5; At 2,22) são “portentos”. Os três conceitos se encontram juntos em Hb 2,4 e At 2,22. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 176-177; ver nota 105 na p. 177.

uma infundável proximidade do âmago mais profundo de toda a realidade: Deus”¹⁵⁹. Afinal, estes milagres vêm de onde: “de Deus” ou “do demônio”? A resposta para esta pergunta era decisiva para a identidade de Jesus e se tornou fundamental para a percepção escatológica do projeto pelo qual Jesus vivia: o Reino de Deus.

Prescindindo de quaisquer outros interesses de investigação de natureza científica, Schillebeeckx situa os milagres “dentro do contexto (ou do questionamento) do “poder do maligno” diante do “poder de Deus”¹⁶⁰, e destaca que as “expulsões de demônios” e a cura de doentes, acometidos de vários tipos de enfermidades, ocupam grande parte das narrativas sobre as ações milagrosas de Jesus.

Os poderes do mal reagem à agressão que a atuação de Jesus representa para eles (Mc 1,23-24), e se dá uma mudança radical no confronto entre os “poderes”: em lugar dos frutos maus e dolorosos, produzidos pelos poderes do mal, Jesus promove somente atos bons e benéficos, de modo que as pessoas que sofriam debaixo do poder do mal agora podem experimentar em Jesus o alívio e a alegria da nova chance de viver.

Com Jesus, o Reino de Deus vem desbancar o reino do sofrimento. “Na luta entre o poder benigno de Deus e os poderes demoníacos que maltratam, torturam e seduzem os humanos, Jesus atribui a si mesmo uma função pronunciada”¹⁶¹. E os cristãos enxergaram na ação benéfica de Jesus a atuação de um profeta escatológico que vinha de Deus: “Fez bem todas as coisas” (Mc 7,37).

Enquanto, por um lado, é Satanás o poder do mal que torna surdos, cegos, leprosos e mudos os seres humanos, por outro lado, é o poder da bondade, manifestado em Jesus, que liberta o ser humano de todos os maus-tratos satânicos. Segundo Schillebeeckx, “é esse o contexto antigo do Novo Testamento, sobre o que se [*pode*] chamar de “sinais e prodígios de Jesus””¹⁶².

¹⁵⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 176.

¹⁶⁰ Ibid., p. 177.

¹⁶¹ Ibid., p. 178.

¹⁶² Ibid. Grifo nosso.

3.2

Os milagres: sinais do Reino em ação

Na comunidade Q¹⁶³, ao invés dos milagres em si, tematiza-se a origem da admirável atuação de Jesus. Para Schillebeeckx, nessa tradição, o próprio Jesus diz: “Se eu expulso demônios pelo poder de Deus, deve estar claro que o Reino de Deus chegou até vós” (Lc 11,20). Ele afirma que:

O milagre não é visto, portanto, na comunidade Q, como ato inigualável de Jesus [...]: aqui o Reino de Deus já está presente. No caso de Jesus, a expulsão de demônios e a cura de enfermos mostra a chegada da salvação, esperada para o fim do mundo: o próprio Deus age em Jesus¹⁶⁴.

Portanto, trata-se de uma escatologia do presente, embora a comunidade vivesse numa contínua expectativa da iminente volta de Jesus (a *parusia*). O Autor registra que “essa ligação entre exorcismo e presença do Reino de Deus, é inegavelmente cristã, e não existia no judaísmo. Supõe que Jesus é o profeta escatológico”¹⁶⁵, que se mostra com poderes e autoridade (*exousia*) semelhantes aos poderes e autoridade de um centurião. Para um homem assim, basta falar uma só palavra e todo o mundo obedece.

Jesus entendia seus milagres como sinais da chegada do Reino de Deus. Com clareza, manifestou esta compreensão na resposta que dera aos discípulos de João: “Ide anunciar a João o que ouvís e vedes: cegos veem e coxos andam, leprosos ficam limpos e surdos ouvem, mortos ressuscitam, e aos pobres se anuncia a alegre mensagem” (Mt 11,4-5; Lc 7,18-23).

Segundo Kasper, os milagres operados por Jesus são sinais da salvação do Reino de Deus, iniciada no momento presente, e exprimem a dimensão do senhorio divino. Milagres são prefigurações da nova criação e sinais de esperança de uma libertação futura e total do homem e do mundo¹⁶⁶.

¹⁶³ Schillebeeckx comenta o que significa e o que contém na chamada *hipótese, comunidade, material* ou *fonte Q* (em alemão, fonte = *Quelle*), equivalente ao material fundamental de Mateus e Lucas, que, juntamente com o evangelho de Marcos, se constitui num dos documentos da formação dos Sinóticos, citada por Schillebeeckx com frequência na obra referencial desta pesquisa. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 93-95.

¹⁶⁴ Ibid., p. 179. No texto, Schillebeeckx destaca que o “poder de Deus”, no sentido semítico é entendido como “intervenção de Deus” – cf. Ex 8,19; Dn 9,10.

¹⁶⁵ SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 179.

¹⁶⁶ Cf. KASPER, W. *Jesus, el Cristo*, p. 126.

Quanto aos milagres de Jesus, a compreensão das tradições fontais do texto de Mateus é a de que as “obras” mencionadas são características não como obras do Messias da dinastia davídica, mas do messiânico “profeta escatológico”, como o judaísmo o entendia no complexo de tradições de Is 26,19 (mortos ressuscitam), 29,9-10.18-19 (cegos veem), 35,5-6.8 (igualmente cegos veem), 42,18 (surdos ouvem), 43,8 (cegos veem, surdos ouvem), 61,1-3 (enlutados são ajudados, aos pobres anuncia-se uma notícia alegre; ver também 52,7). Os *logion* da fonte Q são uma fusão de diversos textos de Isaías, embora aí não compareçam ainda as expulsões de demônios e a ressurreição de mortos (mais características do profetismo em geral – cf. 1Rs 17,17-24; 2Rs 4,18-37; 2Rs 5)¹⁶⁷.

De tudo isso, Schillebeeckx conclui que “a natureza dos milagres narrados nos evangelhos sobre Jesus supõe a identificação de Jesus como o profeta escatológico ‘messiânico’”¹⁶⁸, mesmo que este reconhecimento não possa ser precisamente situado antes ou depois da morte de Jesus. Em todo caso, “Jesus é o profeta escatológico, que faz os milagres que neste complexo de tradições se esperavam dele”¹⁶⁹. Então, em Jesus, o “poder de Deus” é reconhecível, e o fato de ele ser interpretado como “profeta escatológico” leva a concluir que os atos maravilhosos que ele realizava não se reduziam a ostentação de poder, nem do uso deste poder em benefício próprio, pois Jesus se recusa a fazer os milagres na ocasião das tentações para “legitimar” seus poderes de filho de Deus. Para Schillebeeckx, os milagres de Jesus contêm uma única e irrenunciável mensagem:

Jesus faz os milagres do profeta carismático, escatológico, e nenhum outro. Pelos seus milagres, ele traz uma boa notícia para os pobres, não apenas verbalmente, mas de fato. Ele é o profeta escatológico que traz a alegre mensagem: “Deus vai reinar” (Is 52,7; cf. 61,1)¹⁷⁰.

Uma vez reconhecido como “profeta escatológico”, foi atribuída a Jesus uma série de milagres que, historicamente, talvez Jesus não os tenha feito, ou que tenham

¹⁶⁷ Schillebeeckx reúne e apresenta as citações das tradições de Isaías e de outras fontes proféticas, que dão origem ao texto oferecido pela Fonte Q para a formação do atual evangelho de Mateus. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 180.

¹⁶⁸ Ibid., p. 180.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ Segundo o autor, ser cego ou surdo na literatura de Isaías teve sempre sentido metafórico: é sinal de que a pessoa está longe de Deus, sem acesso a ele. Ver é ter acesso à salvação, e - na “tradição isaiana” - o “profeta escatológico” é a “luz do mundo” (Is 42,6-7). Jesus é luminoso e libertador para quem dele se aproxima. Cf. Ibid., p. 181. Grifos do autor.

sido apenas relatos de milagres querigmáticos. Entretanto, diz Schillebeeckx, até entre os exegetas mais críticos, cresce a convicção geral de que Jesus curou enfermos e expulsou demônios. E, do ponto de vista escatológico, como intenção da presente pesquisa, isso é importante, pois, “os evangelhos deixam claro que uma “salvação” que não se manifestasse aqui e agora, em seres humanos muito concretos, não teria nada de “Boa Nova”¹⁷¹. E mais importante ainda é pensar que “o início do Reino de Deus torna-se visível aqui nesta terra, em nossa história, pela vitória contra os “poderes do mal”. Os milagres de Jesus ilustram isso”¹⁷², e revelam que Deus está sempre do lado dele, manifestando sua potência de bondade, e com suas ações benfazejas faz prevalecer o poder do bem sobre o aparente poder do mal (cf. Mc 3,27).

Jesus se nega a produzir sinais que lhe legitimem. O evangelho de Marcos 8,11-13 mostra que Jesus não atende a nenhuma exigência de mostrar um sinal, ou de fazer milagres: “Será dado um sinal a esta gente? Não! Não será dado” (Mc 8,12). Mestres da Lei e fariseus têm seu pedido recusado por Jesus porque Jesus não quer produzir *’ôth*¹⁷³, ou seja, sinal que legitima, diferente dos milagres como “portentos” ou ações poderosas (como em Mc 6,2.5). A respeito desta exigência de sinais legitimadores da condição profética de Jesus, Schillebeeckx afirma:

É exatamente de profetas que se esperam milagres como sinais de legitimação. Pedir a Jesus um sinal significa, portanto, que são pedidas as credenciais dele como profeta, e profeta escatológico. Segundo Marcos, Jesus se recusa a fazer este tipo de milagres¹⁷⁴.

Entretanto, para Jesus, seus milagres não servem para legitimar sua qualidade de profeta ou confirmar a autoridade de sua atividade profética; aliás, são prodígios de bondade. “Daí faz-se mais evidente a distinção entre prodígios e sinais

¹⁷¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 182.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ O sinal, no hebraico *’ôth* (*semeion*, na LXX), é usado no Antigo Testamento mais frequentemente como um termo teológico para descrever “sinais pactuais”, como os conceitos noético (Gn 9,12-17) e abrahâmico (Gn 17,11), ou “sinais milagrosos”, como as pragas (Ex 4,8). Nalgumas vezes possui sentido comum (Gn 1,14; Nm 2,2), mas seu uso predominante é teológico. O “sinal de proteção” continuará como tema recorrente na Escritura, como por exemplo, (a) o sangue nos umbrais das portas (Ex 12,13); (b) à marca na testa (Ez 9,4); e (c) o selo na testa dos 144.000 (Ap 7,3). Na Antiguidade o sinal/selo sobre alguém ou objeto designava a coisa selada como propriedade de alguém e, portanto, intocável por outros (Ct 4,12; 8,6; Dn 6,18; 12,4; Ef 1,13). Assim, o sinal de Javé expressa propriedade, proteção e segurança contra assassinato. Cf. BENTHO, E. C. *O sinal misterioso de Caim*. Em: <http://cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/63/o-sinal-misterioso-de-caim.html> (Acesso em: 24.07.2014).

¹⁷⁴ SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 184.

milagrosos de legitimação”¹⁷⁵, pois Jesus não se legitima; antes, ele exige fé, e não a constatação de sua atividade profética convalidada por “sinais e prodígios”. É Deus mesmo quem convalida a autoridade profética e escatológica de Jesus. “Jesus continua sendo ele mesmo, e não faz milagres ‘por encomenda’, ou como prova canônica de coisa alguma; ele os faz simplesmente para ajudar pessoas necessitadas (Mc 1,4; 5,19; 6,34; 8,2)”¹⁷⁶, e somente para “fazer o bem”. Tampouco Jesus se preocupa com a própria identidade. A propósito de identidade de Jesus, Schillebeeckx afirma:

Ele é ele mesmo em tudo o que faz; a sua identidade consiste em identificar-se com pessoas necessitadas e angustiadas, a fim de libertá-las dessa auto-alienação, devolvendo-as a si mesmas, para assim serem novamente livres para os outros e para Deus¹⁷⁷.

No evangelho de Marcos, Jesus traz o Reino de Deus em palavras e ações¹⁷⁸. Encontramos em Mc 1,32-34 um resumo de “um dia de trabalho de Jesus de Nazaré”: ensina nas sinagogas (cf. Mc 1,21-28); à tarde, após o pôr-do-sol, levam a ele todos os enfermos e possessos. A cidade inteira estava reunida diante da porta. Ele curou muitos doentes de enfermidades diversas, e expulsou muitos demônios (cf. Mc 1,32-34). O que motiva sua ação bondosa é sua misericórdia. Não permite que os espíritos maus gritem sua identidade de “santo de Deus” (cf. Mc 1,24), a fim de não ser interpretado unilateralmente, antes de sua morte e ressurreição, à luz de cujo fato se poderá entender toda a vida e razão das obras de Jesus: ele vem de Deus oferecer a salvação.

Schillebeeckx diz que “a proximidade de Jesus já é sentida como salvação. [...] Seus próprios atos são um “evangelho”: a alegre notícia aos pobres que se encontra na cura, graças à presença de Jesus”¹⁷⁹. Antes mesmo de acreditarem em Jesus, as pessoas se aproximam dele com suas misérias. E aí se dá a felicidade: as pessoas, antes infelizes, agora realizam a única verdadeira condição para poderem

¹⁷⁵ *Sêmeia kai térata* - sinais e prodígios – usados para legitimar os falsos profetas em Israel. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 184.

¹⁷⁶ Ibid., p. 185.

¹⁷⁷ Ibid., p. 186.

¹⁷⁸ Marcos reúne três grandes grupos de narrativas de milagres: a) curas e expulsões de demônios (Mc 1,32-34; 3,7-12; 3,22-27); b) grandes prodígios (Mc 4,35 até 5,4); c) diversos milagres na Galileia e redondezas (Mc 6-8; Mc 9,14-29 – cura de um rapaz possesso; 10,46-52 – cura de um cego). Cf. Ibid., p. 185.

¹⁷⁹ Ibid., p. 186.

receber o evangelho como mensagem alegre. Esta mensagem “caracteriza ao mesmo tempo a esperança que entrou nessa história graças a Jesus: alguém que anda por aí somente para fazer o bem”¹⁸⁰. Quem é favorecido por Jesus, percebe nele um homem em quem não há nenhuma maldade.

Schillebeeckx diz que Marcos faz uma “ressalva escatológica” acerca dos milagres de Jesus. Com a crise instaurada após a confissão messiânica de Pedro (Mc 8,27), com o protesto de Jesus ao “triunfalismo” e a abertura da perspectiva da paixão, tudo muda: cidades inteiras passam a rejeitar Jesus, e já não correm mais atrás dele. “Ao que tudo indica, daí para frente Jesus foi se retirando da massa do povo, e aplicando-se a uma formação especial dos seus discípulos”¹⁸¹.

Entretanto, para Marcos, os atos miraculosos realizados por Jesus têm sentido evangélico e escatológico. A respeito deste sentido, em caráter presente e futuro, assim se expressa Schillebeeckx:

Jesus traz felicidade, porque ele é o Filho, repleto do Espírito (Mc 1,9-11). Por isso é que Satanás recua onde ele aparece (1,23-28), pois onde Jesus age aproxima-se também o Reino de Deus por ele anunciado (1,14-15). [...] Em Jesus, trata-se da realidade *benfazeja* (cf. Mc 7,37) do *Reino de Deus*, o que só se tornará perfeitamente claro depois da morte de Jesus, na experiência da comunidade à qual o reinado de Deus foi revelado¹⁸².

Embora a temática do Reino de Deus seja de natureza eminentemente cristológica, Schillebeeckx dirige seu interesse para a natureza escatológica, partindo da centralidade do mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus como culminância de sua práxis, para visibilizar o Reino plenamente revelado na comunidade dos discípulos. De fato, a morte e ressurreição de Jesus será o sinal escatológico por excelência, capaz de fazer o Reino de Deus plenamente entendido e possivelmente acolhido pelo discípulo.

¹⁸⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 187.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² Ibid., p. 187. Grifos do autor. Schillebeeckx remete o sentido escatológico da revelação do Reino de Deus à morte e ressurreição de Jesus.

3.3

A fé: condição para acolher a ajuda salvadora do Reino de Deus

Por si só, os sinais do Reino de Deus presentes nos milagres ficariam desprovidos de seu ligame teológico se não houvesse da parte de Jesus a constatação de que a fé, em sua pessoa e no poder de Deus que nele atuava, provocava a manifestação destes sinais. Por isso, é comum encontrar nas narrativas dos milagres a expressão: “Tua fé te salvou”, ou: “grande é tua fé; que se faça conforme desejas”. No Novo Testamento, esta é uma fórmula fixa, dirigida ao doente (cf. Mc 5,34; Lc 8,48; Mt 9,22; Mc 10,52; Lc 18,42; Mt 20,31; Mt 9,29; Lc 7,50; 17,19; At 3,16), ou a quem o acompanha (cf. Mt 8,13). Noutras vezes, a expressão aparece sob a forma de exortação à fé (cf. Mc 5,36; Lc 8,50; Mc 9,23; Mt 9,28), ou ainda na forma de constatação da fé que já existe (cf. Mc 2,5; Mt 8,10; Lc 7,9; At 14,9). Trata-se de expressões de uso comum que pertencem ao gênero das “narrativas de curas”, bem como é comum o uso do verbo “crer” e do “poder da fé”, em contraste com uma fé fraca, exatamente no contexto das atitudes dos discípulos que seguiam Jesus (Mc 11,23; Mt 21,21; Lc 17,6; Mt 17,2).

Jesus geralmente faz os milagres a “estranhos” ou a “discípulos” que lhe pedem ajuda. Ilustra-o bem a cura dos dez leprosos, dos quais somente um, por iniciativa pessoal, volta para Jesus (Lc 17,11-19)¹⁸³, e este era samaritano (cf. Lc 17,16), portanto, um semipagão. Apesar de ter curado os outros nove, Jesus diz só para esse que volta: “Tua fé te salvou” (Lc 17,19). “Somente um dos dez entendeu o sentido do que Jesus fez: voltando para Jesus, ele reconhece que foi Jesus quem lhe ofereceu a ajuda de Deus”¹⁸⁴. Com isso, Jesus deixa claro que a intenção de seus prodígios é oferecer aos outros a salvadora comunhão com Deus.

De outra maneira, a força real de Jesus é como que “arrancada” pela fé de uma mulher há tantos anos doente, que estava desesperada, após tentar em vão todas as possibilidades de tratamento (cf. Mc 5,25-34). Ao ouvir falar do Mestre, ela “aproximou-se por detrás dele na multidão e tocou-lhe a veste” (Mc 5,27). Ato de desespero de uma mulher do povo, mas cheia de confiança, e ela foi curada. Tendo identificado quem lhe tocou, Jesus reage: “Filha, a tua fé te salvou; vai em paz, e

¹⁸³ Milagre narrado exclusivamente pela tradição lucana. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 188.

¹⁸⁴ Ibid.

fica curada desse sofrimento” (Mc 5,34). Para Schillebeeckx, apesar do “padrão mágico de seu comportamento, a mulher procurou em Jesus a ajuda de Deus”¹⁸⁵.

O milagre acima descrito está ligado a outro: o da cura da filha de Jairo, chefe da sinagoga (Mc 5,21-24.35-43). O milagre anterior havia interrompido a narrativa do fato. No entretanto, a filha do chefe da sinagoga morreu. Jesus, porém, diz: “Não tenhas medo. Continua crendo” (Mc 5,36b). Após tentarem levar o chefe da sinagoga a não incomodar mais a Jesus, pois havia morrido, Jesus responde: “Persevera na fé com a qual vieste a mim”. Comenta Schillebeeckx: “o essencial é contra toda esperança continuar agarrado a Jesus, e esperar dele a ajuda de Deus”¹⁸⁶. Voltar-se para Jesus significa que ele garante o auxílio de Deus: neste auxílio está o sinal de que o Reino de Deus chegou, trazido por Jesus e visibilizado no bem que ele faz.

Jesus é desafiado pela falta de fé dos seus próprios discípulos. Após terem tentado em vão expulsar o mau espírito de um menino doente (cf. Mc 9,14-18), os discípulos ouvem de Jesus: “Oh, gente incrédula!” (Mc 9,18-19). E afirma: “Tudo é possível a quem crê”. Mas o pai do menino doente diz: “Eu creio! Mas ajuda minha falta de fé!” (Mc 9,24). Por outro lado, com maior frequência, Jesus encontra uma imediata manifestação de fé nos que não são do seu grupo, e até de pagãos: quando da cura do filho ou servo do centurião (cf. Mt 8,10b = Lc 7,9b), a fé do centurião é realizada, ou seja, obtém a cura do seu servo (ou filho) doente, porque acredita que Jesus, como alguém autorizado por Deus, tem poder sobre as doenças. Igualmente, o cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52), tendo vencido todos os obstáculos, encontra-se pessoalmente com Jesus, e é salvo exatamente por causa de sua própria fé (cf. Mc 10,52).

Em Nazaré, Jesus esbarra na incredulidade dos conterrâneos, e não pode fazer prodígios de bondade (cf. Mc 6,5-6). Acerca desta falta de fé, Jaldemir Vitório comenta:

Os nazaretanos levantavam sérias dúvidas sobre a origem dos milagres e da sabedoria de Jesus. Não podia tratar-se de sabedoria humana, pois conheciam muito bem seus familiares, sua condição social e o nível de seus conhecimentos. Sabedoria divina também não podia ser. Seria ousadia demais alguém do nível de Jesus pretender possuir sabedoria e poderes próprios de Deus! Teriam eles também suspeitado que a extraordinária capacidade do Mestre provinha do mau espírito? Em

¹⁸⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 188.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 189.

todo caso, não sendo capazes de superar satisfatoriamente a aporia em que se encontravam, optaram pelo desprezo e pelo fechamento¹⁸⁷.

A opção do afastamento das pessoas e sua incredulidade em Jesus possui uma razão: não se tratava de os nazarenos estarem convencidos ou não de que Jesus tinha o poder de fazer milagres, mas a causa do afastamento do povo se verifica pelo fato de que o poder de Jesus é atribuído ao demônio (cf. Mc 6,2b-6). Schillebeeckx diz que “em Nazaré se acredita, sim, que Jesus tem o poder de fazer milagres. Mas pedem-se milagres que não seriam apelo à metanóia, nem convocação para a comunhão com Deus (cf. Mt 4,5-6; Jo 6,14-15)”¹⁸⁸.

Ora, a intenção de Jesus, com os milagres, não era a de chamar a atenção sobre si, ou sobre os poderes de que fora dotado por Deus. Para Jesus a relação entre fé e milagres está na razão de sua missão como profeta escatológico no meio de Israel: levar seres humanos a terem fé em Deus. Desta constatação, Schillebeeckx conclui que:

O sentido de toda a atuação de Jesus é ser aquele que traz a ajuda de Deus e transmite salvação; onde isso não é reconhecido, toda a sua missão é ignorada, e o Reino de Deus não é entendido, nem as obras deste Reino; é somente na fé que o reinado de Deus se comunica aos seres humanos. A missão de Jesus a Israel é um *apelo à fé*¹⁸⁹.

A consciência da ajuda que Deus enviou ao mundo em sua pessoa é, para Jesus, o foco principal de seus milagres, do qual ele mesmo não se desvia. E a finalidade dos milagres é conseguir do beneficiado a fé em Deus, não importando se o beneficiado pertence ou não à Comunidade do Israel eleito. Com essa atitude, Jesus abre as portas do Povo da Nova Aliança, pois encontra em não-judeus uma acolhida de fé generosa: estes aceitam o Reino de Deus. Exemplo disso foi a fé firme de uma não-judia (cf. Mt 15,21-28; Mc 7,24-30). Essa pagã espera, através de Jesus, a ajuda do Deus de Israel. Para Mateus, a missão terrena de Jesus se limita aos judeus (cf. Mt 15,23.24.26), e não se destina aos “cachorros”, isto é, aos pagãos. “A mulher pagã, porém, desarma a oposição, testemunhando sua fé no Deus de Israel: ‘Mas os cachorros também comem as migalhas que caem da mesa dos seus

¹⁸⁷ VITÓRIO, J. *Um obstáculo para a fé*. In: <http://www.domtotal.com.br/religiao/meu_dia_com_deus/evangelho_dia.php>. (Acesso em 01.08.2014).

¹⁸⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 189.

¹⁸⁹ Ibid. Grifo do autor.

donos' (Mt 15,27)”¹⁹⁰. Desta forma, numa linguagem irônica e pagã, exprime-se a fé em Deus, que é salvação, primeiramente destinada a Israel, mas em seguida também aos pagãos. Jesus confirma e elogia a fé da mulher, dizendo-lhe: “ó mulher, grande é a tua fé”. “Essa mulher siro-fenícia já possui o que devia ser encontrado em Israel: fé em Jesus como o enviado de Deus a Israel. Isso é ‘fé’ em Jesus antes da Páscoa. Também não precisa ser mais do que isso”¹⁹¹.

Nas narrativas de milagres, Jesus vem proclamado como “Filho de Davi”, como um reconhecimento de sua missão terrena, de um salomônico “Filho de Davi”, enviado somente a Israel; de fato, em muitas narrativas em que se fala sobre “fé” e “milagres”, Jesus é chamado expressamente de “Filho de Davi” (cf. Mt 15,21-28; Mt 12,23-24; 9,27.33-34; 20,30; Mc 10,47-48). A respeito da missão de Jesus junto ao povo de Israel, Schillebeeckx observa:

Como filho de Davi, Jesus está aí para Israel, cumprindo as expectativas de Israel (cf. Mt 15,22; 21,9.15), pois a fé que Jesus, nos dias de sua vida terrena, espera de Israel é que creia nele como o enviado de Deus (para o fim dos tempos); seria a confiança na pessoa que quer levar Israel a voltar-se para Deus. É nessa expectativa, e somente assim, que os atos de Jesus, de poderosa bondade, ganham seu verdadeiro sentido. [...] A finalidade é oferecer a salvação que vem de Deus; é provocar a fé¹⁹².

A morte e ressurreição de Jesus modifica a fé dos discípulos. Antes da páscoa, manifestam medo e fraqueza na fé, como no caso da tempestade acalmada por Jesus (cf. Mc 4,35-41); ali, Jesus protesta contra o medo que eles têm: “Por que tendes tanto medo? Como é possível que ainda não tendes fé?”. Schillebeeckx informa que “a fé dos discípulos já existia, mas ainda corria perigo; antes da Páscoa, várias vezes até fraquejou. Há muito tempo estão com Jesus, e ainda não tomaram consciência de que não há nada a temer”¹⁹³, embora o mestre durma enquanto a tempestade ameaça de morte a todos os que estão no barco. São míopes, “de pouca fé”, convivem com Jesus mas não creem nele com firmeza. Para Schillebeeckx:

A verdadeira fé torna desnecessário qualquer milagre [...]; [...] fé significa confiança na pessoa de Jesus, como garantia da presença salvadora de Deus. Crer significa aceitar que se oferece em Jesus uma nova comunhão com Deus, desde os dias da vida de Jesus nesta terra, como fica claro também em Mc 11,23; Mt 17,20; Lc 17,6.

¹⁹⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 189-190.

¹⁹¹ Ibid., p. 190.

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ Ibid., p. 191.

Se for realmente autêntica a fé dos discípulos, mesmo “do tamanho de uma sementinha de mostarda” (Mt 17,20), poderá tirar do lugar uma montanha¹⁹⁴.

Jesus não requer mais uma fé forte capaz de “fazer milagres”. Trata-se de um milagre muito mais profundo, o milagre da graça de Deus, na qual se pode ter confiança permanente. Schillebeeckx comenta o episódio da figueira que secou com a maldição lançada por Jesus (cf. Mc 11,20-25), e diz que essa figueira é uma profecia-em-ação: imagem do juízo de Deus que virá sobre Israel ou Jerusalém. Mesmo assim, Jesus adverte: “Tende fé em Deus” (Mc 11,22). Diante desse juízo que se aproxima, os discípulos devem continuar confiando na ajuda de Deus¹⁹⁵.

Em suma, a tarefa do Jesus terreno foi suscitar uma *fé incondicional em Deus* e não a *fé em si próprio*. Seus milagres eram ofertas de fé. Este é o sentido dos prodígios de Jesus: fazer o bem para despertar a fé em Deus. “A pessoa concreta de Jesus é a manifestação da bondade de Deus para quem está disposto a receber, através da praxe da vida de Jesus, a proximidade auxiliadora de Deus (cf. Mt 13,11)”¹⁹⁶. Quem deposita confiança em Jesus está convencido de que nele foi revelada a maneira como Deus cuida do ser humano, e isso é causa de escatológica alegria. Não é mais tempo de jejuar, de entristecer-se, pois Jesus traz a mesma alegria que um noivo traz aos seus amigos numa festa de casamento (cf. Mc 2,18-19). Para Schillebeeckx, os discípulos de João Batista podiam até jejuar, sem que nisso houvesse nada para que fossem criticados. “Mas, se os discípulos de Jesus jejuassem agora, seria ignorar a situação concreta, a saber, a presença salutar da própria pessoa de Jesus de Nazaré”¹⁹⁷. Ele é a aparição palpável, em carne e osso, da misericórdia divina para com os seres humanos.

¹⁹⁴ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 191.

¹⁹⁵ Ibid.

¹⁹⁶ Ibid., p. 195.

¹⁹⁷ Ibid., p. 195-196.

3.4

Comensalidade de Jesus com pecadores: festa escatológica do Reino de Deus

Jesus vive de vida muito concreta e mostra o Reino de Deus em bases muito concretas também, sem abstrações ou normas gerais. É assim que ele vê o ser humano em sua situação: no que há de mais concreto em sua vida. “Por isso, sabia ser tão profundamente e tão surpreendentemente humano para os seus semelhantes”, e os discípulos o experimentavam, mormente nas situações mais duras da vida, especialmente quando Jesus se sentava à mesa para comer e beber com os pecadores: aquela atitude de Jesus podia ser interpretada como uma celebração escatológica de sua presença no mundo, que veio para realizar a esperança daqueles que haviam sido excluídos da esperança da salvação e da bondade de Deus: os pecadores. Com eles, Jesus convive e não sente nenhuma dificuldade para se sentar com eles à mesa para comer¹⁹⁸. Ao comentar sobre a familiaridade e comensalidade de Jesus com os pecadores, Schillebeeckx afirma:

Enquanto o apelo de João à conversão estava essencialmente ligado a uma prática ascética de penitência, o apelo de Jesus à conversão se mostra essencialmente ligado à “comensalidade”, ao comer e beber junto com Jesus, acontecimento em que os discípulos de Jesus de fato puderam experimentar, como já presente, a chegada escatológica, decisiva e definitiva da misericórdia de Deus¹⁹⁹.

Quem eram os pecadores? Pagola afirma que, no tempo de Jesus, chamavam-se “pecadores” (em hebraico, *resha'im*) as “pessoas que transgrediram a Aliança de modo deliberado, sem que se observe neles qualquer sinal de arrependimento”²⁰⁰. Fazem parte deste grupo: os que profanam o culto, os que desprezam o grande dia da Expição, os delinquentes, os que colaboravam com Roma na opressão ao povo judeu, os usurários e trapaceiros, e as prostitutas. Tais “pecadores” rejeitavam a Aliança com Deus, desobedecendo radicalmente à Lei.

¹⁹⁸ O autor cita as tradições em que se registra a comensalidade de Jesus com os pecadores. São elas: Tradição de Marcos: Mc 2,15-17 par. Lc 15,2; Tradição Q: Lc 15,4-10 par. Mt; SL (fonte ou tradição própria de Lucas): Lc 7,36-50; 15,11-32; 19,1-10; SM (fonte ou tradição própria de Mateus): Mt 20,1-15. Além disso, a tradição de João: Jo 4,7-42. Além destas fontes, há muitas parábolas que falam sobre “a procura do que está perdido”, e da promessa do Reino de Deus a “publicanos e prostitutas” (Mt 21,31b). Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 199, nota 127.

¹⁹⁹ Ibid., p. 196.

²⁰⁰ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 241-242.

Para que os “pecadores” experimentem a misericórdia divina, e nela encontrem seu auxílio salvador, Jesus percebe necessária sua aproximação às pessoas consideradas em seu tempo como impuras e pecadoras. Tal aproximação, e sua amizade com essas pessoas, causou grande escândalo e hostilidade contra o próprio Jesus. Nenhum profeta havia se aproximado deste tipo de pessoa com essa atitude de respeito, amizade e simpatia demonstrada por Jesus. Exatamente por deixar uma mulher de “má fama” aproximar-se dele e tocá-lo, durante uma refeição na casa de um fariseu, Jesus tem sua qualidade de profeta questionada, ainda que não verbalizada, pelo anfitrião (cf. Lc 7,36-50). Na ocasião, Jesus conta a parábola do credor e seus dois devedores (cf. Lc 7,41-43), para censurar a malícia do fariseu e dar-lhe a resposta que manifestaria a atitude de Deus na atitude do próprio Jesus para com os pecadores: Deus perdoa mais a quem demonstra mais amor pelos outros! Ele está sempre disposto a perdoar, e perdoa àqueles que mais amam, pois o perdão e o amor vêm de Deus. Com o perdão, dado e recebido, a vida é restituída porque a fraternidade é celebrada, e são vencidos o egoísmo e a exclusão impostos aos pecadores.

O amor pelo irmão cancela o pecado: “Por isso, muitos pecados foram perdoados a ela, já que mostrou muito amor” (Lc 7,47), ao passo que ao fariseu não houve perdão, porque não demonstrou amor por Jesus, nem pela mulher, a qual havia cumprido generosamente as obrigações do anfitrião, este incrivelmente omissivo, sem abertura alguma para a pessoa, que é sua irmã. “Com isso, o próprio anfitrião, que não cumpriu suas obrigações, fica como o devedor, a quem foi perdoada uma quantia menor”²⁰¹. A atitude do fariseu fiel à Lei, apesar de se distanciar dos pecadores, é julgada por Jesus e aparece como inferior, em comparação ao que fez a pecadora²⁰². E a parábola é concluída com a sentença amorosa de Jesus: “Tua fé te salvou”. A respeito disso, Schillebeeckx comenta:

O amor mostrado pela mulher e a garantia de Jesus para o perdão dos pecados ficam compreensíveis pela comunhão salvífica que nesse evento se realiza. A presença de Jesus é oferta de comunhão salutar, que a pecadora aceita através da fé. Jesus deixou esta mulher agir, não por ignorar que ela era pecadora, mas exatamente porque sabia disso: a fim de abrir para ela a comunhão que perdoa. É exatamente isso que leva a mulher a essa generosidade no servir²⁰³.

²⁰¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 200.

²⁰² A mensagem do episódio do perdão à pecadora na casa do fariseu Simão se assemelha em sua mensagem ao que contém a parábola do publicano e do fariseu, relatada por Lc 18,9-14.

²⁰³ SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 200.

Diversamente do fariseu, a mulher pecadora reconheceu o Reino de Deus na atitude de Jesus e na sua própria pessoa. Por isso, ela amou mais. De fato, o menor no Reino de Deus é maior até do que João Batista (cf. Mt 11,11). “Deixar-se converter por Jesus para Deus é que faz essa mulher ser maior do que o fariseu, o qual é realmente fiel à Lei, e não está devendo muito a Deus”²⁰⁴.

Distinto de João Batista, o comportamento de Jesus surpreende a todos. “Não fala do pecado como algo que está provocando a ira divina. Pelo contrário, no Reino de Deus há também lugar para os pecadores e prostitutas”²⁰⁵. Ao invés de se dirigir a eles em nome de um juiz irritado por tanta ofensa, Jesus lhes manifesta o entranhado amor do Pai. Ao invés de afastar-se deles, Jesus os acolhe sem impor nenhuma condição, aceita-os como amigos, e se atreve a comer com eles. Tal tolerância com os pecadores é o traço mais provocador de Jesus para com os fariseus, mas ao mesmo tempo o jeito mais misericordioso que ele tem para se relacionar com os pecadores.

Além de se fazer amigo de “pecadores”, Jesus escandaliza por aproximar-se e ter como amigas mulheres de “má fama”, provenientes dos estratos mais baixos da sociedade²⁰⁶. O que mais escandaliza na conduta de Jesus não é o fato de ele ser visto em companhia de gente pecadora e pouco respeitável, mas observar que se senta com eles à mesa. “Estas refeições com ‘pecadores’ são um dos traços mais surpreendentes e originais de Jesus”²⁰⁷. O fato de Jesus ser considerado “um homem de Deus” entra em contraste com as atitudes que ele tem para com os pecadores²⁰⁸. Por causa disso, Jesus é acusado de “glutão e beerrão, amigo de publicanos e pecadores” (Lc 7,34).

²⁰⁴ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 200-201.

²⁰⁵ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 241.

²⁰⁶ A historiografia dos evangelhos registra a presença de várias mulheres no contexto da vida de Jesus, que vão desde sua mãe, Maria (de Nazaré), passando por Maria (de Mágdala), além da sogra de Pedro, Joana, mulher de Cusa, alto funcionário do Palácio de Herodes, Susana, e outras, que seguiam Jesus. Dentre elas, há mulheres de boa reputação no mundo e na linguagem masculina, e as de reputação condenada pela Lei, seus Doutores e fariseus (inclusive esta mulher que compareceu à mesa do fariseu Simão – cf. Lc 7,36-50). Para uma leitura mais aprofundada sobre a presença e atuação das mulheres na linguagem e cultura androcêntrica e patriarcal do contexto de Jesus, e como ele as valorizava em sua dignidade, ver: THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*, p. 242-248; cf. MOSCONI, L. *A vida é missão: para uma missiologia mística popular*, p. 106-108; 162-168.

²⁰⁷ PAGOLA, J. A. *Idem*, p. 243.

²⁰⁸ Diversos autores e exegetas, como Perrin, Jeremias, Vermes, Crossan, Aguirre e Borg, consideram a proximidade de Jesus para com os pecadores, inclusa a atitude de comensalidade com eles, como o gesto mais central e significativo de Jesus. Cf. *Ibid.*, p. 243, nota 51.

Que significado escatológico tem esta arriscada comensalidade de Jesus com os pecadores? A atitude de Jesus sugere que sua mesa é imagem do banquete celeste, no Reino de seu Pai. Parece querer dizer que “no Reino de Deus tudo será diferente: a misericórdia substitui a santidade. [...] O Reino de Deus é uma mesa aberta onde todos podem sentar-se para comer: até os pecadores”²⁰⁹. E, por meio de seu gesto acolhedor, comendo na mesma mesa com os excluídos, Jesus já aproxima os comensais à mesa escatológica do Reino de Deus.

Para com os pecadores, Jesus manifesta um poder cuja prerrogativa era exclusiva de Deus, ou seja, o poder de perdoar pecados: “O Filho do homem tem poder na terra para perdoar pecados” (Mc 2,10; com textos paralelos em Mt 9,6.8 e Lc 5,20-26). Schillebeeckx diz que, “mesmo na tradição judaica de esperanças messiânicas, o Messias escatológico poderá interceder junto a Deus em favor do pecador, mas não perdoar pecados”²¹⁰, pois atribuir um tal poder a um ser humano seria blasfêmia (cf. Mc 2,7; Lc 5,21; Mt 9,3). A respeito do significado escatológico do poder de perdoar pecados, Schillebeeckx afirma:

Tanto para judeus como para os judeus-cristãos, o perdão dos pecados é obra escatológica de Deus. Na mais antiga interpretação puramente escatológica, de Jesus como Filho do homem que virá, vê-se que ainda para alguns cristãos a redenção e o perdão dos pecados continuam sendo acontecimento puramente escatológico. Também o batismo de João (segundo Mc 1,4) não era um perdão dos pecados, mas estabelecia uma ligação entre esse ato de metanóia e a proteção escatológica ante a ira de Deus, ou seja, a redenção escatológica²¹¹.

Além disso, no “Pai-nosso”, o perdão dos pecados é pedido feito como acontecimento esperado para o futuro definitivo. Tanto na primeira fase, ou seja, na vida do Jesus terreno, quanto na segunda fase, isto é, o Jesus ressuscitado como Filho do homem escatológico que há de vir, já se reconhecia explicitamente o poder de Jesus para perdoar os pecados. “Portanto, em Mc 2,10 aparece a consciência explícita de que o escatológico perdão dos pecados da parte de Deus já operava no próprio Jesus terreno como o Filho do homem escatológico”²¹².

Tanto o caráter escatológico de Jesus, como Filho do homem capaz de perdoar os pecados, quanto a meta de sua vinda ao mundo, destinada aos pecadores

²⁰⁹ PAGOLA, J. A., *Jesus, aproximação histórica*, p. 244-245.

²¹⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 201.

²¹¹ Ibid.

²¹² Ibid., p. 202.

- “não veio para os justos mas para os pecadores” (Mc 2,17) - possuem sua base nas lembranças históricas do contato libertador de Jesus com os pecadores, e tal caráter escatológico foi explicitamente reconhecido na comunidade cristã. Para Schillebeeckx, “escondido para os adversários de Jesus, o poder escatológico de perdoar pecados já atua visivelmente diante dos olhos dos fiéis no Jesus terreno”²¹³.

Dentre os episódios históricos da comensalidade de Jesus com publicanos e pecadores, o de maior relevância se encontra na narrativa de Mc 2,15-17 (cf. Mt 9,10-13; Lc 5,29-32), quando Jesus esteve presente na casa do publicano Levi, filho de Alfeu. Os publicanos, que trabalhavam em grupos, ao cobrar os impostos, organizaram um banquete na casa de Levi, e convidaram Jesus. Os escribas e fariseus, fiscais da observância de pureza legal, na Galileia, constataram que Jesus comia com os pecadores (cf. Mc 2,16). Ao ouvir o julgamento feito pelos escribas e fariseus sobre sua conduta “transgressora”, Jesus respondeu a eles: “Não vim para chamar os justos, e sim os pecadores” (Mc 2,17a.c).

Schillebeeckx comenta este episódio, ao interpretar a reação de Jesus aos escribas e fariseus, como exercício de seu papel de anunciador da chamada de Deus aos pecadores a participarem de sua festa escatológica. Assim, Schillebeeckx se expressa:

“Vim para chamar...” “Chamar” aqui significa a tarefa do servo-mensageiro que transmite o convite do anfitrião aos convidados [...]. Embora convidado na casa de Levi, Jesus vê o seu estar à mesa com um grupo de publicanos à luz de sua atuação como mensageiro escatológico de Deus, anunciando a proximidade do Reino de Deus que vem, e transmitindo aos publicanos (= pecadores) da parte de Deus o convite para a grande festa escatológica com Deus (cf. Mt 22,1-14; Lc 14,16-24)²¹⁴.

Jesus veio chamar os pecadores, e não os justos (*sadikim*), embora estes não sejam absolutamente excluídos do convite que o mensageiro escatológico transmite. Na verdade, Jesus queria incluir os que foram excluídos pelos fariseus, sob o pretexto da observância das prescrições de pureza, impedindo com isso qualquer contato com pecadores. A atividade desenvolvida por ele é inclusiva em relação aos pecadores excluídos do Reino de Deus, inversamente proporcional à atividade da piedade oficial judaica, que “desclassificava” quem comesse com

²¹³ O poder de perdoar pecados se encontra em apenas duas perícopes dos evangelhos: Mc 2,1-12 e Lc 7,36-50. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 202.

²¹⁴ Ibid., p. 204.

publicanos. Ao invés, para Jesus, os pecadores devem ser convidados para a mesa de Deus e para a convivência com todos, a fim de serem libertados do isolamento em que foram aprisionados. Portanto, “a ovelha que se perdeu, e está longe do rebanho, deve ser procurada (cf. Lc 15,1-7; 19,10; Mt 9,36; 10,6; 15,24). A vocação de Jesus na sua vida terrena tem a ver com Israel, a fim de unir todo o Israel sob o bom pastor”²¹⁵.

Com a firme e especial preocupação com os pecadores, e a convicção de ter sido enviado para levar aos excluídos a mensagem da renovada comunicação com Deus e com os outros, Jesus se faz de portador da mensagem do Reino de Deus, que está chegando. Quando ele toma a iniciativa de romper o isolamento em que os pecadores se encontravam, e vai ao seu encontro para lhes oferecer a comunhão-com-Deus, “é que o pecador recebe a chance da ‘conversão’, a possibilidade de perceber o convite do Reino de Deus, sobretudo pela ação mesmo de Jesus”²¹⁶. Na comensalidade com os pecadores, Jesus realiza a comunhão escatológica com os excluídos do Reino de Deus²¹⁷.

Schillebeeckx observa que “o contato de Jesus com o pecador Levi tem como consequência a *metanóia*: Levi se converte e se torna discípulo de Jesus”²¹⁸. A solidariedade de Jesus com pessoas pecadoras, para lhes abrir o acesso à comunicação com Deus e com os outros, é de fato um “entregar-se nas mãos dos pecadores” (cf. Mc 9,31), e a intenção de Jesus é salvá-los, pois sua morte teve eminentemente esse sentido: salvar os pecadores. Do mesmo jeito que a sua vida e missão foi a de chamar os pecadores à comunhão com Deus, a morte de Jesus teve sentido igualmente escatológico: ela selou sua vida ordenada ao ensino e à prática do Reino de Deus, ou seja, à comunhão eterna com Deus, “que já pode ser vivida antecipadamente ao darmos perdão ao próximo (cf. Mc 11,25; Mt 6,14-15; 18,21-35)”²¹⁹. Portanto, a comensalidade com os pecadores se destina à conversão destes ao Reino de Deus. E é Jesus quem o faz, antecipando em gestos proativos a mesma missão que os seus discípulos haveriam de assumir como práxis escatológica ao longo da história para com toda a humanidade chamada a entrar no Reino de Deus.

²¹⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 204.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 204-205.

²¹⁷ Ver também a referência feita por Moingt sobre os critérios adotados por Jesus para o acesso ao Reino de Deus. Cf. MOINGT, J. *Deus que vem ao homem*, p. 286-289.

²¹⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 205.

²¹⁹ *Ibid.*

De tudo o que foi dito acima, Schillebeeckx chega a duas conclusões de caráter igualmente escatológico:

Primeira conclusão: no modo de agir do Jesus terreno, vê-se claramente concretizada a *praxe do Reino de Deus*, como foi pregada e promovida por Jesus. “Na sua vida terrena, histórica, a praxe escatológica do Reino vindouro de Deus já se tornou visível dentro das dimensões da nossa história humana, terrena”. Portanto: a pregação, a praxe e a pessoa concreta de Jesus não podem ser separadas, pois formam uma unidade coerente que permitem uma interpretação mística da ação de Deus no mundo. Jesus se identifica com a causa de Deus, enquanto causa do ser humano.

Segunda conclusão: comportando-se como anfitrião na ceia de despedida, na qual ele “quebrou o pão e o distribuiu”²²⁰, Jesus benze e parte o pão, entrega-o e manda distribuir²²¹. Usando uma linguagem implicitamente alusiva à temática veterotestamentária do bom pastor (cf. Nm 27,17; Ez 34,5-8), “Jesus tem compaixão do povo sem líderes, e por isso vai ele mesmo agir como pastor do fim dos tempos, enviado por Deus (cf. Ez 34,23; Jr 23,4)”²²². A convivência serviçal de Jesus com as multidões, inclusos nelas os pecadores, “tem evidente sentido escatológico: é o início da jubilosa era da abundância, graças à presença de Jesus”²²³. E a maravilhosa abundância que acontece na narrativa da “multiplicação dos pães” fortalece a ideia da “abundância escatológica” (cf. Am 9,13), que aí desempenha o seu papel. Em suma: na comensalidade com publicanos e pecadores notórios, ou com os seus discípulos, “Jesus se revela como o mensageiro escatológico de Deus, transmitindo o convite de Deus [...], convite para o banquete de reconciliação do reinado de Deus”²²⁴. Além disso, a própria comensalidade, sendo um comer juntamente com Jesus, já representa a oferta de salvação escatológica. Por fim, segundo Schillebeeckx, “com isso demonstra-se mais uma

²²⁰ Fato que encontra seu paradigma inicial no episódio da “multiplicação dos pães”, narrada pelos quatro evangelistas (Mc 6,34-44; Mt 14,14-21; Lc 9,11b-17; Mc 8,1-9 par. Mt 15,32-38 com 16,5-12; Jo 6,1-15). Note-se que Marcos e Mateus relatam por duas vezes o mesmo episódio da “multiplicação dos pães”.

²²¹ Benzer e partir o pão e entregá-lo aos comensais era, segundo os costumes judaicos, o privilégio do anfitrião, o dono da casa. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 206; ver nota 141.

²²² Ibid., p. 208.

²²³ Ibid.

²²⁴ Ibid., p. 210-211.

vez que a praxe da vida de Jesus outra coisa não é senão a praxe do Reino de Deus que ele anuncia”²²⁵.

3.5

Seguimento de Jesus: metanóia exigida pelo Reino de Deus

Do reconhecimento da oferta da salvação vinda de Deus, trazida por Jesus no anúncio e na praxe do Reino de Deus, na cura dos doentes e na expulsão dos demônios, os discípulos passam à conversão para com a pessoa do próprio Jesus e empreendem um seguimento. Schillebeeckx percebe em tal seguimento uma metanóia, uma conversão para Jesus Cristo nos discípulos²²⁶. A respeito do seguimento de Jesus feito pelos seus discípulos, o Autor assim se refere:

Embora muitas vezes se tenha afirmado o contrário, os exegetas estão chegando agora à conclusão de que o Jesus terreno, antes da morte, admitiu discípulos como colaboradores seus, e que os enviou para anunciarem como ele a mensagem da vinda do Reino de Deus, e para que também curassem enfermos e expulsassem demônios²²⁷.

Jesus insere os discípulos em sua própria missão e a confia a eles, tornando-os participantes das atividades do anúncio da proximidade do Reino, e o exercício da cura dos enfermos e da expulsão de demônios. Jesus faz isso através do chamado, da vocação dada aos discípulos. “É o que supõe a sua vocação de “seguir-lo”, de imitar Jesus; e já que Jesus era pregador ambulante sem permanência fixa, também a vocação de acompanhá-lo por onde ele fosse[...]”²²⁸. Desde a chamada, passando pela orientação e o envio, além da radicalidade na conduta e jeito de viver dos discípulos, Jesus os insere na dinâmica de anúncio da proximidade do Reino de Deus, fazendo perceber às pessoas que este Reino já está atuando no meio delas através das curas e exorcismos que eles realizam (cf. Lc 10,11).

²²⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 211.

²²⁶ Ao final da obra, explicando termos técnicos pouco conhecidos, o Autor define “Metanóia” como “arrependimento e conversão, no sentido de reviravolta. Implica a autocrítica radical, baseada na fé em Deus. *Metanóia* é a consequência e o resultado da vinda do Reino de Deus”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 689.

²²⁷ *Ibid.*, p. 212.

²²⁸ *Ibid.*

O discipulado do Reino coincide com a vocação ao anúncio e efetivação do Reino (cf. Mc 3,13-15). Um por um, os discípulos abandonam imediatamente a ocupação e seguem Jesus (cf. Mc 1,18; 1,20; 2,14). Nem a morte de pessoas amadas, como os pais, poderia se constituir em impedimento para que o discípulo obedecesse imediatamente à convocação do Reino de Deus: “Segue-me. Deixa os mortos sepultarem os seus mortos” (Mt 8,19.21-22; cf. Lc 9,57-60). Schillebeeckx explica que “mortos” aqui são os que não obedecem prontamente à convocação do Reino de Deus²²⁹.

A vocação dos discípulos faz parte da ação escatológica do Reino em Jesus. Interpretando esta ação escatológica, assim se expressa Schillebeeckx:

Quando Jesus chama discípulos para o “seguir”, talvez esteja aí a prova mais clara de que ele age como profeta escatológico do iminente reinado de Deus. Esse chamamento rompe com qualquer relação mestre-aluno, porque é ação do profeta escatológico para o fim dos tempos; sua conclamação na metanóia se condensa aí na metanóia escatológica para alguém se tornar discípulo de Jesus, vocação essa que exige “queimar todos os navios”, a fim de estar totalmente a serviço do Reino que está chegando. Ser assim seguidor de Jesus é colocar-se incondicionalmente a serviço do Reino de Deus²³⁰.

Jesus propõe o seguimento de sua pessoa como fundamental para que o discípulo entenda e entre na dinâmica do Reino de Deus. Ele se ocupa com largueza no aconselhamento dos discípulos para convencê-los de que não há alternativa: a conversão ao Reino é conversão e abandono de tudo para seguir Jesus, que anuncia o Reino de Deus. A temática da vocação para imitar Jesus ocorre repetidas vezes nos evangelhos (cf. Mc 8,34-38; Lc 9,23-26; 14,16-33; Mt 10,38; 16,24-27). Trata-se de uma vocação também ela escatológica, necessária para o seguimento de Cristo, que está acima do valor da própria vida, dos familiares e dos bens do discípulo; seguimento que terá uma tríplice marca: “imitar, carregando a cruz”, “perder a vida e ganhá-la” e o “ser odiado por causa de Jesus” (cf. Mt 10,38-39; Lc 14,25-27; cf. Lc 17,33). Schillebeeckx descreve o itinerário comum dos vocacionados nos evangelhos:

Nos evangelhos, a vocação que vem de Jesus é sempre narrada segundo o mesmo esquema: a) Jesus passa (Mc 1,16.19; 2,14); b) vê alguém (Mc 1,16.19; Jo 1,47); c) conta-se qual é a profissão da pessoa (Mc 1,16.19; 2,14; Lc 5,2); d) a vocação em si

²²⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 214.

²³⁰ Ibid.

(Mc 1,17.20; 2,14; Jo 1,37); e) o chamado abandona tudo (Mc 1,18.20; menos em Mc 2,14, mas sim em Lc 5,1.28); f) o chamado segue Jesus (Mc 1,18.20; 2,14; Lc 5,11)²³¹.

A vocação coincide com a conversão e com todos os seus significados: privar-se de todas as posses, ser odiado, ser obrigado a abandonar familiares, pessoas amadas e bens. A decisão dos discípulos que abandonam tudo e “odeiam” a própria família (cf. Lc 14,26), a fim de seguir a Jesus, é adotada segundo um modelo de conversão, uma metanóia, necessária por causa do Reino de Deus que estava chegando. “Em outras palavras, confessar Jesus é a metanóia exigida pela vinda do Reino de Deus (cf. Mc 8,38; Mt 16,27; Lc 9,26), pois segundo esse critério é que Jesus, o Filho do homem que vem, julgará as pessoas”²³². Portanto, converter-se para seguir Jesus é a metanóia (reviravolta) escatológica, exigida pela vinda do Reino de Deus.

A atitude reveladora desta metanóia radical, enquanto conversão para Jesus, é “tornar-se humilde como criança”, “metanóia que para a comunidade cristã depois da Páscoa, era a condição para alguém se tornar membro da comunidade escatológica”²³³. No Novo Testamento, “seguir Jesus” é condição necessária para a salvação, a qual passa pela relação com Jesus. A validade da conversão passa pela exigência de voltar-se para Jesus. “Antes da Páscoa, isso significa reconhecê-lo como profeta escatológico, que vem de Deus, que traz a alegre mensagem: “Deus vai reinar” (Is 61,1-2; 52,7)”²³⁴. Os discípulos, chamados por Jesus, serão constituídos para estar com ele e para serem enviados a anunciar o Reino de Deus vindouro, que já se torna visível na cura de enfermos e na expulsão de demônios (cf. Mc 6,7-13; Lc 10,2-12; Mt 9,37-38). O Reino de Deus identifica e coliga os discípulos com Jesus. Schillebeeckx demonstra o nexa que o Reino simboliza para ambos, dizendo que:

Os discípulos seguem a Jesus, fazendo o que ele faz: anunciar a mensagem do Reino de Deus, curar enfermos e expulsar demônios. Tudo isso, naturalmente, os discípulos devem fazer numa atitude que reflete, na própria vida, a praxe do Reino de Deus, como Jesus o mostrava em palavras, parábolas e ações²³⁵.

²³¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 215.

²³² Ibid., p. 216.

²³³ Ibid., p. 218.

²³⁴ Ibid., p. 219.

²³⁵ Ibid., p. 220.

A unidade que o Reino de Deus produz entre Jesus e os discípulos é forte em tal modo que acompanhar Jesus e dispor-se ao Reino de Deus exigia dos discípulos a prontidão ao sofrimento a serviço desse Reino e por sua causa: “Se alguém quer me seguir, deve renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir-me” (Mc 8,34; Lc 14,27; cf. Mt 16,24). O serviço ao Reino implica necessariamente a renúncia de si e o assumir a cruz. “Carregar a cruz” é a metáfora da aceitação do martírio pelo Reino. Portanto, também nas perseguições, é preciso estar incondicionalmente a serviço do Reino. Portanto, o Reino de Deus une os discípulos a Jesus na pregação, na prática e no martírio.

3.6

A práxis do Reino de Deus e a práxis da Lei

A práxis do Reino de Deus na atividade de Jesus contrastava frontalmente com a práxis da Lei realizada pelos fariseus, escribas e doutores. A hermenêutica e a prática da Lei que eles faziam eram fortemente criticadas por Jesus, que não economizava seus “ais” contra eles. Propositadamente, Schillebeeckx põe em evidência e transcreve as maldições apocalípticas pronunciadas por Jesus contra as atitudes concretas dos fariseus (cf. Mt 23,13-16.23.25.27.29; Lc 11,42-44.46-52)²³⁶.

A interpretação que Jesus faz da práxis dos fariseus revela a inaptidão deles para o Reino de Deus, porque eles fecham para os outros o acesso a este Reino, quando na verdade eles tinham a competência de abrir suas portas, dando boas explicações da Lei, “pois observar a Lei era, para os fariseus, entrar no Reino dos céus [...]. Os fariseus não entram nesse Reino, e pelas suas atitudes impedem os outros de entrar”²³⁷.

Ao julgar e sentenciar os fariseus com os seus “ai’s...”, Jesus se apresenta como o verdadeiro mestre da Lei, em oposição aos fariseus que não observam o sentido mais profundo da Lei: o amor para com Deus e para com o próximo. “Todavia, o Reino de Deus que se aproxima estabelece o limite da Lei mosaica, que está sob restrição escatológica (cf. Mt 5,18; Lc 16,17)”²³⁸. Ao chegar o Reino de

²³⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 227.

²³⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 228.

²³⁸ Ibid.

Deus, a Lei deixa de existir (cf. Mt 5,18), pois com Jesus iniciou-se a era escatológica; Jesus substituiu a Lei (cf. Lc 16,16).

A interpretação da Lei dada por Jesus exige renunciar ao princípio do “olho por olho, dente por dente” (Lc 6,29-30; Mt 5,39-42), praticar o amor ao inimigo (cf. Mt 5,44-48; Lc 6,27-28.35b.32-35a.36), culminando com “a regra de ouro” (cf. Mt 7,12; Lc 6,31), isto é: “tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo a eles”. Para Jesus, Deus e o próximo estão no centro da Lei. Todavia, o “próximo” pode ser inclusive o inimigo. A filiação divina para os discípulos (filhos de Deus) depende do amor ao próximo, pois, conforme a história das tradições, um teologúmeno²³⁹ sapiencial dizia que “o justo, isto é, aquele que tem boas relações com o próximo é ‘filho de Deus’. ‘Inimigo’, aos olhos de quem o considera como tal, é quem não é justo e, portanto, quem está errado”²⁴⁰.

Com o mandamento do amor, Jesus questiona o conceito e a convicção de ser justo e de justiça humana. A justiça de Deus o leva a ser bom para com os maus e os bons (cf. Mt 5,45). Sem amor aos inimigos, o discípulo poderia ser comparado a publicanos e pecadores, que só amam os que os amam (cf. Mt 5,46-47). A meta imposta por Jesus é “ser misericordioso como o vosso Pai é misericordioso (Lc 6,36; cf. Eclo 4,9-10). A este ponto, Schillebeeckx é taxativo: “Assim como Deus não conhece limites, quem quer seguir a Jesus também não pode traçar limites: para Jesus não existe inimigo que ele não ame”²⁴¹. E esta conclusão é atestada pela própria conduta de Jesus, pelo seu contato e comensalidade com os publicanos e pecadores: essa é a práxis do Reino de Deus. Essa foi realmente a praxe da vida de Jesus e a consequência do anúncio do Reino de Deus que se aproximava, inclusive compreendido assim e explicado por meio das suas parábolas. Então, Schillebeeckx explica o princípio norteador da práxis de Jesus na manifestação do Reino:

²³⁹ Ao final da obra, Schillebeeckx assim define esta expressão: “Em termos gerais, *teologúmeno* é uma interpretação que tem (apenas) valor teológico. Mas essa palavra só se usa para dizer que se trata de uma interpretação teológica que não é interpretação de um assunto de fé, reconhecido pela comunidade, nem afirmação que possa verificar-se historicamente. Assim, a localização do nascimento de Jesus “em Belém” não é um dado da fé; nem fato historicamente verificado. Não foram lembranças históricas, e sim uma exegese *teológica* de textos do Antigo Testamento (originariamente com teor totalmente diferente) que levou a falar em “Belém” com relação ao nascimento de Jesus. Se Jesus nasceu em Belém ou em Nazaré, não atinge a fé cristã. É um “teologúmeno”. Muitas vezes, porém, teologúmeno costuma tematizar determinado assunto de fé”. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 693-694. Grifos do autor.

²⁴⁰ Ibid., p. 229.

²⁴¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 229.

Com isso, encontramos um princípio básico “autenticamente de Jesus”. Princípio que nos põe em contato com a atitude de Jesus perante a Lei: é a radicalidade da sua exigência de amar a Deus e de amar todo ser humano, também o “inimigo”, inclusive publicanos e pecadores; em suma, é a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, Reino que visa à humanidade toda²⁴².

Por causa de Deus e da humanidade, Jesus assume sua autoridade como profeta escatológico vindo de Deus para dispensar da Lei, sobretudo nos preceitos em que a Lei havia sido reelaborada segundo as tradições humanas. Assim, ocorreu que Jesus dispensou os seus discípulos da Lei em dia de sábado, e os autorizou a colher espigas (cf. Mc 2,23-28). De onde Jesus tirou autoridade para dispensar seus discípulos das obrigações legais? Jesus fez um paralelo entre ele e Davi, o qual havia autorizado os seus a comerem os pães consagrados, reservados apenas aos sacerdotes (cf. 1Sm 21,6), dando a entender que, do mesmo modo como Davi, em vista de sua posição excepcional como “servo de Deus”, podia fazer alguma coisa em favor dos seus que era materialmente contra a Lei, também Jesus, por causa e dentro do seu serviço ao Reino de Deus, tinha plenos poderes para “dispensar” da Lei. “Em última análise, trata-se do poder e do status de Jesus como profeta escatológico, ‘vindo de Deus’”²⁴³. Ele é senhor do sábado, que foi dado de presente por Deus para a humanidade descansar, bem como a seus animais. Porém, a lei do sábado, que devia ser descanso e alento para o ser humano, degenerou-se e tornou-se peso insuportável. Contra isso é que Jesus, o arauto do Reino de Deus, visando a humanidade, tinha de protestar, com base na essência de sua mensagem e na fidelidade a ela. E o evangelho de Marcos 2,28 opõe os plenos poderes do Filho do homem às codificações sabáticas de antepassados e de escribas.

Para Schillebeeckx, a intenção do texto referido é demonstrar a consciência que Jesus tem como “profeta escatológico”, considerado como “o verdadeiro doutor da Lei”. Jesus devolve ao sábado a sua intenção divina essencial: ser um presente de Deus ao ser humano, e não um fardo a ser imposto por alguns seres humanos sobre outros seres humanos. Jesus não quis questionar a Lei como revelação da vontade de Deus, mas a prática jurídica que perdeu toda a sua relevância religiosa e impôs ao povo fardos que o próprio Deus não quis impor. “A autoridade com que Jesus fala é autoridade do profeta vindo de Deus que anuncia o reinado de Deus

²⁴² SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 229-230.

²⁴³ *Ibid.*, p. 231.

(daí o respeito pela Lei de Deus), profeta que visa ao bem da humanidade”²⁴⁴. Em suma, a crítica de Jesus contra as leis humanas e o seu respeito pela Lei de Deus estão essencialmente unidos e totalmente em harmonia com sua pregação sobre Deus que reina e sobre a práxis do Reino de Deus.

As curas operadas por Jesus em dia de sábado demonstravam não somente a transgressão da Lei mosaica de santificação do repouso sabático, mas oportunizavam a Jesus ocasião para revelar o caráter humanizante do reinado de Deus. Em Mc 3,1-5 se situa o relato da cura que Jesus faz de uma pessoa que tinha a mão “seca”, paralisada. Marcos apresenta o desafio entre os fariseus e Jesus. Diz Schillebeeckx que “aqueles ficavam de olho para ver se ele iria curar um doente em dia de sábado” (Mc 3,2). Jesus, por sua vez, desafia: “Será permitido no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar ou tirar uma vida? (Mc 3,4)”²⁴⁵. Ora, os fariseus ficaram calados, pois deveriam concordar com Jesus em virtude do bem que ele queria fazer. Jesus, irado e entristecido pela dureza de coração dos fariseus, cura a mão do homem. No centro da questão não estava o milagre, mas o sábado. Curando o doente, Jesus lhe devolveu o direito de viver, em contraste com a decisão tomada pelos fariseus e herodianos de matar o próprio Jesus (cf. Mc 3,6). Enquanto da práxis dos fariseus resulta a decisão e operação de matar, da práxis de Jesus resulta a devolução do direito de viver.

Em teoria, os fariseus deveriam concordar que no sábado se pode “fazer o bem”, mas a práxis em redor da Lei os impedia de fazer esse bem. Jesus relativiza a lei do descanso sabático e declara o sábado como tempo de “fazer o bem”, e não tempo de “proibições”. “Afim, ajudar um homem infeliz é obra sabática por excelência; assim se realiza a vontade salvífica de Deus, da qual nasceu a ‘lei do sábado’”²⁴⁶. Também aqui Jesus age como o profeta de Deus e como um verdadeiro doutor da Lei, embora acabe causando para si mesmo uma situação explosiva. Contudo, ele é o mestre que interpreta a Lei com a liberdade para “fazer o bem” (cf. Mc 3,4). Com isso, sendo vontade de Deus, a Lei é instrumento do reinado de Deus para dar vida à humanidade, e não o contrário. “Por ser um reinar, a Lei, como vontade de Deus, é radicalizada, mas ao mesmo tempo é relacionada com o que é

²⁴⁴ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 232.

²⁴⁵ Ibid., p. 233.

²⁴⁶ Ibid.

bom para o ser humano (e, portanto), relativizada como lei concreta”²⁴⁷. O contraste entre a práxis de Jesus e a práxis dos fariseus está exatamente na visão que Jesus tem sobre o Deus vivo: Deus tem em vista somente o que favorece a vida do ser humano.

Portanto, continua Schillebeeckx, “a praxe do Reino de Deus não pode ser imobilizada em leis jurídicas (por mais que a vida, concretamente, possa às vezes pedir isso)”²⁴⁸. Comentando sobre a transgressão da Lei em vista do favorecimento da vida da pessoa humana, Schillebeeckx comenta:

Às vezes, a lei pode exigir que se faça mais do que juridicamente foi estabelecido; mas ela pode também pedir que o fixado juridicamente seja transgredido. Com isso, coloca-se ao mesmo tempo a sublime exigência de investigar, nas circunstâncias concretas da vida, qual é o *kairós* de Deus, ou seja, o momento adequado²⁴⁹.

Jesus, na verdade, parte de uma reta visão do Deus vivo e do Reino vindouro de Deus, o contrário exatamente do que se poderia chamar de liberdade sem lei. “Jesus é o exegeta, não da Lei, mas de Deus, e nisso ele desmascara o ser humano e fornece uma nova perspectiva de salvação”²⁵⁰. No evangelho de João, das três curas narradas, duas acontecem no sábado (cf. Jo 5,1-47; 9,1-39; cf. 5,9b e 9,14). Em uma delas, provocativamente, Jesus não apenas viola a lei do descanso sabático, mas, como legislador soberanamente livre, manda o que fora paralisado, agora curado, carregar a própria maca. “A atuação escatológica de Jesus não se deixa inibir por nenhuma lei deste mundo, pois ele é o Filho do Pai. Com isso de fato se cumpre a Lei em suas profundas e básicas intenções”²⁵¹; ao mesmo tempo, a história chega ao ponto em que a Lei é abolida, pois “Cristo é o fim da Lei” (Rm 10,4). O tempo em que Deus revelava sua vontade “pela lei e pelos profetas” durou até João Batista. Com Jesus, isso agora passa a acontecer pela pregação do evangelho e pelo reinado de Deus (cf. Lc 16,16).

²⁴⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 233-234.

²⁴⁸ Ibid., p. 234.

²⁴⁹ Seja-nos permitido esclarecer que o uso da palavra “lei”, feito por Schillebeeckx no texto citado, sugere-nos compreendê-lo como “instituição jurídica”, ou seja, como instituição que fiscaliza a aplicação do conteúdo da Lei, pois, em termos estritamente jurídicos, qualquer lei não pode, em si mesma, exigir que seja feito algo além do seu conteúdo, nem menos permitir que este conteúdo seja transgredido. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 234.

²⁵⁰ Ibid.

²⁵¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 235.

Vale considerar ainda um outro dado central pelo qual se pode definir e distinguir a práxis de Jesus da práxis dos fariseus, sempre relacionada à Lei, refere-se à purificação do templo (cf. Mc 11,15-18; Mt 21,12-17; Lc 19,45-48 e Jo 2,13-22)²⁵². Os membros do Sinédrio indagaram a Jesus sobre que tipo de autoridade ele tinha para fazer a purificação do templo. Ora, o contexto sugere um gesto profético de Jesus, e refere este gesto à atuação do Batista: “Jesus supõe que tanto o batismo de João como sua própria atuação (a purificação do templo) implicam autoridade profética”²⁵³. O texto supõe uma semelhança objetiva entre a atuação de João e a de Jesus; ambas estão marcadas pela mensagem da conversão escatológica e da renovação do povo de Deus. Schillebeeckx comenta este episódio, dizendo que “foi um gesto profético, com o qual Jesus quis provocar o arrependimento e a conversão de Israel nesses dias ‘antes do fim deste mundo’”²⁵⁴.

Ademais, Schillebeeckx percebe no gesto de Jesus que não se trata de uma crítica nem contra o Templo nem contra o culto, menos ainda de abolição do culto em prol do universalismo escatológico²⁵⁵, pois o Templo era aberto para todos os povos. Nem se tratava de uma purificação do Templo, pois a cena se desenrola na praça do Templo, no “átrio dos gentios”, no qual os comerciantes transitavam com suas mercadorias, para abreviar o caminho (cf. Mc 11,16).

Portanto, o que há de profético no gesto de Jesus no Templo está na sua denúncia da ruptura que ele percebe entre teoria e prática no judaísmo, a mesma censura que ele fez com relação à práxis da lei do descanso sabático. “O conflito se refere sempre à ruptura entre ‘ortodoxia’ e ‘ortopraxia’”²⁵⁶. Jesus percebia que o Templo e o sábado eram os sinais da benevolência divina para com Israel; mas pela práxis dos membros do Sinédrio, ambos ficaram alienados de sua verdadeira finalidade. Por isso, a purificação do Templo feita por Jesus não é uma crítica ao Templo em si, mas à práxis que se adota nele. Agindo assim, Jesus se alinha com os grandes profetas, como Amós e Jeremias (cf. Am 5,21-25; Jr 7,3ss), para os quais a “espiritualidade do Templo” consistia na obediência absoluta a Deus nos atos da

²⁵² Schillebeeckx diz que se trata “de uma pericope [*trecho com sentido completo*] extremamente difícil dos evangelhos, que por isso recebeu também interpretações muito divergentes, a tal ponto que S. Brandon (depois de R. Eisler) viu na purificação do Templo uma espécie de expedição zelótica de Jesus com os seus em Jerusalém”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 235. Grifo nosso.

²⁵³ *Ibid.*, p. 236.

²⁵⁴ *Ibid.*

²⁵⁵ Parece que, com esta expressão, Schillebeeckx sugere a possibilidade da salvação a todos os povos, os quais estariam liberados da obrigatoriedade do culto no Templo de Jerusalém.

²⁵⁶ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 236.

vida. Do mesmo modo, também Zacarias havia preconizado a purificação do Templo: “Naquele dia, já não haverá mais mercadores na casa do Senhor” (Zc 14,21).

Em última análise, para Schillebeeckx, a cena da purificação do Templo não vai além de uma conclamação profética, escatológica, para a metanóia, em relação à qual, o Autor expõe uma das ideias fundamentais presentes na obra-base desta pesquisa:

A esperança de uma renovação escatológica do Templo era ideia espalhada em todo o judaísmo tardio, mas em lugar nenhum se relaciona com a tradição messiânica. [...] nos dias de sua vida terrena, Jesus não agiu como messias, mas como *profeta escatológico vindo de Deus*; aliás, segundo determinada tradição judaica, essa era também tarefa do messias²⁵⁷.

O Templo purificado por Jesus aponta para a destruição que farão do próprio corpo de Jesus, que se tornou ícone do Templo. Aludindo à sua morte e ressurreição, Jesus falou da destruição e reconstrução escatológica do templo do seu corpo (cf. Mc 14,58; Jo 2,19-21). O sentido da purificação do Templo se aplicaria doravante ao próprio corpo de Jesus como lugar do encontro com Deus. A propósito disso, Schillebeeckx diz que “Jesus substitui o Templo como intermediário para a relação com Deus. [...] Assim como o Templo era a presença de Deus na terra, Jesus Cristo se torna agora a presença de Deus entre nós”²⁵⁸. Todavia, o sentido mais antigo do gesto de purificação do Templo se aplica somente à conclamação de Jesus para uma práxis escatológica, na qual seja abolida a ruptura entre teoria e práxis. Por causa desta crítica, e do gesto de purificação do Templo, Jesus acelerou mais ainda o processo que culminou em sua prisão e condenação à morte de cruz. Por isso, Schillebeeckx aprova a constatação que os evangelhos fazem segundo a qual há uma relação entre a prisão de Jesus e a purificação do Templo. “Esse gesto combinava perfeitamente com a mensagem de Jesus sobre a praxe do Reino de Deus e sobre a convocação de Israel para a volta ao Deus vivo e verdadeiro”²⁵⁹. Tal purificação estava em consonância com toda a vida de Jesus, e se constituía como ato profético do mensageiro de Deus nos últimos tempos, querendo suscitar em

²⁵⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 237. Grifo do autor.

²⁵⁸ Ibid.

²⁵⁹ Ibid., p. 240.

Israel a fé em Deus, como aliás toda a atuação de Jesus em relação à Lei, ao sábado e ao Templo.

3.7

Reflexões conclusivas

Da rica exposição feita por Schillebeeckx sobre a temática do Reino de Deus, é possível concluir que, na pessoa de Jesus, com sua prédica e prática, o Reino chegou ao mundo, tornando-se mais concreto e percebido; embora sendo um mistério, ilustrado em parábolas e proposto em conduta portadora de bem-aventurança, o Reino foi compreendido mais facilmente pelos pobres, em vista da alegre mensagem de vida plena que trazia para quem experimentava uma vida mutilada e empobrecida, indigna e entristecida, convivendo mais com a morte iminente que com a esperança remota de dignidade e de amor. A alegria do Reino implanta a esperança na vida feliz que Deus tem para dar à humanidade. O reinado de Deus é causa de grande alegria para quem acredita em Jesus e a ele adere como profeta escatológico do Reino.

O Reino de Deus, anunciado por Jesus, torna-se plausível no que ele faz e compreensível na intenção explícita ou implícita de seus gestos proféticos, porque ele é o profeta escatológico dos últimos tempos. Quem segue Jesus se torna extensão pessoal do próprio Jesus no que abraçou do Reino de Deus, que ele anunciou e realizou. Por isso, o Reino vai se manifestando também nas palavras e nas atitudes dos discípulos de Jesus, de ontem de hoje. Sendo Jesus o próprio Reino de Deus que se aproximou da humanidade, os seus seguidores se tornam discípulos do Reino, e deixam no mundo a mesma marca do bem feito por Jesus; eles plantam nas pessoas a mesma esperança do futuro de Deus que se antecipa, e já está alcançando a história, naqueles níveis e situações em que a humanidade tem sua vida desprezada e ameaçada de morte.

Os milagres operados por Jesus eram os sinais do Reino que havia chegado: implantação do reinado da vida divina, que revitalizava na vida humana os corpos, mentes e espíritos, mudando os critérios de convivência e de juízo acerca dos relacionamentos entre as pessoas, preparando em sinal, pregado e praticado, aquela convivência amorosa e benfazeja que o Pai de Jesus sempre quis ver realizada no

mundo com a humanidade inteira, realizando já o que se constituía como a esperança presente nas comunidades cristãs do Novo Testamento: “novos céus e nova terra, onde habitará a justiça” (1Pd 3,13).

Schillebeeckx apresenta o Reino de Deus na práxis de Jesus na qualidade de oferta da salvadora ajuda divina. Para acolher esta oferta, era requerida a fé da pessoa, comparável a uma porta de entrada para o Reino, a ser transposta por quem se tornaria não somente um beneficiário, mas um discípulo do Reino de Deus. Jesus elogia, atesta e solicita a fé daqueles que dele se aproximam. Sua tarefa de profeta escatológico é exatamente a de provocar a fé em Israel no Deus vivo, que se interessa do bem da humanidade. Para Jesus, é a fé que salva, bem como é a fé que produz o efeito miraculoso e a mudança da situação física, espiritual e social em quem adere ao Reino de Deus em sua pessoa. A fé em Jesus é renovada adesão ao Deus da Aliança, e em Jesus Deus celebrará a nova e eterna Aliança com seu Povo, uma Aliança escatológica, que já se antecipa na entrega radical da vida do Filho, na morte de cruz, e garante a manifestação do poder de Deus, que atua na sua ressurreição.

O reinado de Deus é manifestado na atitude de inserção direta e concreta de Jesus na vida cotidiana dos que dele se aproximaram para ouvir a pregação do Reino de Deus: Jesus entrou em casa e pôs-se à mesa com eles. Comeu e bebeu junto com pessoas desprezadas e rejeitadas por um preconceito público imposto sobre elas: o preconceito de serem pecadoras. Elas se tornam a opção, o destino e o endereço de Jesus. Ele é encontrado na casa de pecadores, comendo com eles. A comensalidade com pecadores é sinal escatológico do Reino de Deus e Jesus revela a missão que lhe foi confiada pelo Deus do Reino: ele “não veio para chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2,17), pois não são os sadios, mas os doentes é que necessitam de cuidados médicos. Jesus se apresenta como o cuidador, o zelador, o médico da humanidade adoecida pelos efeitos do pecado e da maldade, fruto da iniquidade e impiedade, que corroeu o que havia de melhor na humanidade criada por Deus: a fraternidade. Não sendo mais irmãos entre si, todos se tratavam como inimigos, rivais e concorrentes. Não usavam de misericórdia, mas a pretendiam da parte de Deus, pelas ofertas e sacrifícios que a Ele ofereciam no Templo. Mas Jesus veio para valorizar mais a misericórdia de um para com o outro, e não para valorizar os sacrifícios, cheios de religiosidade, porém vazios de verdadeiro conteúdo de vida. Jesus quis então deixar claro que, sem misericórdia para com os pequenos e

pecadores, os sacrifícios eram invalidados perante o Deus misericordioso, que perscruta os corações e olha mais para as intenções das pessoas e o amor que experimentam, do que para a exterioridade litúrgica dos sacrifícios que Lhe oferecem (cf. Mt 9,12-13; Lc 7,36-50).

Jesus chama os discípulos para ficarem com ele, ouvir e entender melhor as parábolas reveladoras do mistério do Reino, a fim de envolvê-los na dinâmica do Reino de Deus. A eles é dado compreender o Reino (cf. Mt 13,10-13). A vocação do discípulo ao seguimento de Jesus coincide com a sua conversão ao Reino. O discípulo haveria de deixar tudo, imediatamente, para seguir Jesus, anunciar o que dele ouviu, e praticar o que dele aprendeu. Conforme já exposto, Schillebeeckx nota que o esquema vocacional segue sempre uma lógica que vai do encontro com Jesus Cristo à resposta de seguimento definitivo²⁶⁰. Seguir Jesus causará uma reviravolta escatológica na vida do discípulo, de modo que ele deverá se converter e se tornar como criança para entrar na dinâmica e mentalidade do Reino de Deus. Além disso, a relação do discípulo com o Reino deve ser de exclusividade. Em sua vida, nada pode apresentar-se como concorrente do Reino, pois este tem a primazia em tudo, deve ser o ponto de referência para tudo, e o eixo fundamental da existência do discípulo. E tudo isto se explica como adesão e serviço total ao Reino.

Portanto, como aconteceu com Jesus, a fidelidade ao Reino levará o discípulo à experiência da rejeição, do sofrimento e da cruz. Por essa razão foi que Jesus preveniu os discípulos: “Quem quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga” (Mc 8,34; Lc 14,27; cf. Mt 16,24), indicando que o testemunho do Reino de Deus implicará, inevitavelmente, o sofrimento e a morte. Deste modo, o Reino de Deus vai unir e identificar o discípulo com Jesus na prédica, na prática e no martírio.

Por fim, a práxis do Reino de Deus, nas atividades e comportamentos de Jesus, entrava em choque com a práxis dos fariseus, escribas e doutores da Lei. A práxis da Lei, dada por Deus a Moisés, gerava rota de colisão entre Jesus e os zelosos fariseus. Colidiam entre si porque a interpretação que os rabinos fizeram da Lei, gerando os 613 preceitos, cuja observância obsessiva exigida pelos fariseus, tornara impraticável a própria Lei, tornava-os mais hipócritas do que fiéis praticantes da Lei. Ora, a Lei e os Profetas eram prenunciadores do Reino de Deus,

²⁶⁰ Ver esquema feito pelo autor. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 215.

e sua validade como pedagogos do Povo de Israel na condução deste ao Reino de Deus tinha prazo de vencimento expirado com a presença de João Batista (cf. Lc 16,16). Depois disso, Jesus se tornou a própria Lei em pessoa e o Profeta escatológico em ação. Mais ainda: Jesus se comportou como o novo Doutor da Lei, com autoridade vinda do Pai, capaz até de dispensar dos preceitos humanos relativos à Lei todos os que estavam subjugados injustamente pelos fariseus e doutores, ou juízes da cega e rigorosa observância da Lei. Se estes eram radicais ao exigir a minuciosa observância dos preceitos humanos da interpretação da Lei, Jesus radicaliza na exigência do núcleo fundamental e gerador de qualquer lei: o amor, e por causa do amor a Deus, ordena a seus discípulos fazerem aos outros somente o que se gostaria que fosse feito a si mesmos (cf. Mt 7,12).

Com tal posicionamento, Jesus opunha à práxis legalista dos fariseus a sua práxis libertadora da lei do amor. Portanto, Jesus não abolia a Lei, mas dava-lhe pleno cumprimento (cf. Mt 5,17), uma vez que ela fora dada ao povo com a finalidade primeira de salvaguardar a fidelidade amorosa a Deus e de Deus ao seu povo, fidelidade que promovia a vida, e impedia a morte. Com sua práxis do Reino de Deus, Jesus resgatava o que havia de mais teológico e escatológico da Lei: a realização prática do Reino de Deus, que era a promessa e a experiência da felicidade e do júbilo completos para o ser humano, individual e coletivamente.

Percepção escatológica do Reino de Deus no pensamento de Edward Schillebeeckx

Com este capítulo, apresentaremos elementos escatológicos ligados à temática do anúncio e práxis do Reino de Deus na vida de Jesus, que percebemos no pensamento de Schillebeeckx. Para este momento, além da obra básica de referência desta pesquisa, citaremos também alguns artigos e outras obras de autoria de Schillebeeckx, bem como comentários feitos por alguns autores sobre o seu pensamento teológico.

Na obra de Schillebeeckx recorrem termos da semântica escatológica, todos eles de algum modo gerados pela compreensão da vinda do Reino de Deus, ou a ele relacionados. Com efeito, a transversalidade da perspectiva escatológica é facilmente encontrada no vocabulário usado pelo autor, conforme já vimos e assinalamos no percurso deste trabalho. Assim, é escatológico o próprio Reino que vem, como também Jesus, que o anuncia; sua práxis, que o testemunha; sua paixão, morte e ressurreição são igualmente escatológicas, bem como sua messianidade, a salvação e auxílio de Deus que ele traz à humanidade. A comunidade dos que seguem Jesus também é escatológica, do mesmo modo que o é o Espírito, que a fortalece na esperança da iminente *parusia* (da volta definitiva e gloriosa) de Jesus. Portanto, percebe-se que a narrativa cristológica, de caráter histórico-crítica, elaborada por Schillebeeckx, vê-se permeada por um qualificativo endereço escatológico: o Reino de Deus.

Dentre os temas escatológicos que nos chamaram a atenção no pensamento de Schillebeeckx, alguns merecem destaque. Antes de tudo, veremos como a experiência pascal que os discípulos fizeram na ocasião da morte e ressurreição de Jesus provocou um salto qualitativo em sua fé, através da conversão e consequente seguimento, de modo que tal experiência, recuperando o vigor da fé que fora suscitada neles por Jesus de Nazaré, nos seus primeiros encontros e no início da pregação do Reino, precisou passar pela prova com a morte de Jesus, a fim de restabelecer-se no novo encontro com Jesus ressuscitado, doravante reconhecido e

proclamado pelos discípulos como o Cristo, Senhor e realizador do Reino de Deus (4.1)²⁶¹.

A seguir, veremos o destaque dado por Schillebeeckx ao título “profeta escatológico”, usado com recorrência em toda a sua obra, imprimindo em seu leitor o fascínio por Jesus, que, como profeta dos últimos tempos, maior que Moisés, realiza a expectativa apocalíptico-messiânica, torna presente o Reino de Deus em anúncio e sinais, e solicita de todos a conversão necessária para entrar no Reino de Deus, já aqui, enquanto se encaminham para a sua realidade definitiva no futuro escatológico (4.2).

Da descoberta de Jesus como profeta escatológico do Pai, nascem os demais temas, de igual natureza escatológica, aprofundados na obra de Schillebeeckx; dentre eles, o autor destaca os credos escatológicos (4.3), que, fundamentalmente, são quatro: o credo escatológico²⁶² apocalíptico da *Parusia* ou do *Maranatha*; o credo do *theiós anèr*, que professa sua fé em Jesus como taumaturgo divino e salomônico filho de Davi; os credos sapienciais, identificando Jesus como o mensageiro e o mestre da sabedoria, e, mais ainda, como Sabedoria preexistente, encarnada, humilhada, mas exaltada; e, por fim, os credos pascais, que professam a fé em Jesus, o Crucificado ressuscitado. Embora se trate de temas cristológicos, a relevância escatológica destacada por Schillebeeckx é facilmente perceptível, já que o autor colhe da experiência de fé da Comunidade dos discípulos toda a esperança que Jesus infundiu neles com a pregação do Reino de Deus e sua consequente práxis salvadora para a humanidade.

Se a humanidade rejeitou o Profeta escatológico, crucificando-o, o Pai o aprova com a ressurreição (4.4). Desse modo, a comunidade entende que Jesus Ressuscitado é o Reino anunciado por ele mesmo. A ressurreição então coincide com a *parusia*, e, com ela, Jesus inaugura a era escatológica.

Daremos destaque também à temática do Reino de Deus, que aparece como síntese da prédica e da práxis de Jesus no pensamento de Schillebeeckx (4.5). Nesta abordagem, o autor põe em evidência o nexo intrínseco existente entre o que Jesus pregou e o que fez, com todas as consequências, inclusive sua própria morte, bem

²⁶¹ A numeração dentro de parênteses indica a subdivisão do capítulo com respectivas temáticas aprofundadas.

²⁶² Entenda-se credo escatológico também como “cristologia escatológica”, termos amplamente usados por Schillebeeckx.

como o reflexo das atitudes de Jesus, assimiladas e reproduzidas por seus discípulos ao longo da história. Sua memória, celebrada e testemunhada, mantém-se viva na Comunidade. Assim, Jesus permanece como vivente na escatológica Comunidade dos seus discípulos, que atualiza a pregação do Reino de Deus e o torna presente e percebido ao longo da história através das práticas de libertação e salvação, justiça e amor para com pobres e sofredores, escolhidos por Jesus, a fim de conduzir a todos pela conversão ao novo céu e à nova terra.

Após tecer nossas reflexões conclusivas (4.6), teremos chegado àquelas evidências que quisemos colher ao longo da pesquisa, ou seja: damo-nos conta de que Schillebeeckx fascina o leitor de sua obra para redescobrir Jesus como o anunciador e realizador do Reino de Deus no mundo, antecipando já o Reino em palavras e ações, e apontando para o futuro escatológico do Reino ainda a ser plenamente experimentado e possuído em Deus.

4.1

Experiência pascal: realização do Reino de Deus na Comunidade escatológica

A morte violenta de Jesus motivou a dispersão dos discípulos. Após verem Jesus ressuscitado, eles se reagrupam e passam a confessá-lo como o Cristo. Schillebeeckx se pergunta qual o elo destes dois momentos:

O que aconteceu nesse intervalo entre a paixão e morte de seu Mestre, com pânico e desespero dos discípulos, e por outro lado o momento em que estes discípulos, corajosos e convictos, anunciam que Jesus é o juiz do mundo que um dia há de voltar, ou que ressuscitou dos mortos?²⁶³

O autor diz que uma primeira resposta a esta pergunta não pode ser dada a partir do fato da ressurreição, pois ela é um acontecimento de tipo escatológico, e, como tal, “não é narrada em lugar nenhum do Novo Testamento, e naturalmente não podia ser narrada, porque não pertence mais à nossa história humana terrena; como realidade, é metaempírica e meta-histórica: é ‘escatológica’”²⁶⁴. Por outro

²⁶³ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 380.

²⁶⁴ Idem.

lado, a resposta não poderia menos ainda se apoiar no sepulcro vazio, pois este suporia o acontecimento do desaparecimento de um cadáver; ambos os argumentos se excluem, pois um cadáver desaparecido ainda não é uma ressurreição realmente corporal, e, portanto, não precisa ter como consequência um cadáver desaparecido. Afinal, o que teria acontecido entre o escândalo da morte de Jesus e a pregação apostólica pós-pascal?

Schillebeeckx indica o processo de conversão dos discípulos como uma primeira resposta para esta pergunta. Após a dispersão causada pelo impacto da morte de Jesus, os discípulos teriam se reagrupado, tomando consciência de que tinham tido pouca fé²⁶⁵. Portanto, eles precisavam retomar o seu “ser discípulos” e o seu “seguir Jesus”, experimentando necessariamente o perdão de Jesus, como uma extraordinária ““experiência da graça”, cujo resultado foi de serem assumidos novamente na comunhão atual com Jesus, confessando Jesus como sua salvação definitiva, que não terminou com a morte dele, e pela qual estavam unidos novamente, formando uma comunidade”²⁶⁶.

Por isso, para Schillebeeckx, o conteúdo da resposta deve ser encontrado no processo de conversão dos discípulos. ““Conversão” supõe essencialmente um relacionamento: a) com aquele diante do qual os discípulos haviam falhado: Jesus de Nazaré, e b) com aquele para quem retornam: Jesus como o Cristo”²⁶⁷.

Embora os discípulos tenham falhado com Jesus exatamente naquele ponto em que o Mestre mais os havia advertido - o de terem fé -, a relação deles com Jesus de Nazaré “continha as lembranças de toda a atuação de Jesus, de sua mensagem sobre a vinda do reinado de Deus, sobre um Deus que é bondoso e quer a felicidade, não a ruína do ser humano; eram lembranças de suas exortações contra a ‘falta de fé’”²⁶⁸. Os discípulos tinham aprendido a ver o Deus revelado por Jesus como o

²⁶⁵ Ao longo do período de formação dos discípulos, como foi demonstrado no capítulo anterior desta pesquisa, Jesus se empenhou para suscitar a adesão de fé dos discípulos, com a pregação do Reino e com os milagres que o tornavam presente na história deles e de todos os que foram favorecidos com o bem feito por Jesus. Entretanto, com o processo mortal de Jesus, os discípulos ficam debilitados na sua fé. Nem mesmo as narrativas de visões do ressuscitado, como foi o caso de Saulo em Damasco (cf. At 9,1-19), servem para Schillebeeckx situar a resposta à pergunta que se coloca sobre o elo existente entre a dispersão dos discípulos e o seu reagrupamento. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 380-381.

²⁶⁶ As narrativas de aparições de Jesus, que se deixa ver pelos discípulos, bem como as tradições sobre o santo sepulcro, supõem já uma comunidade reunida. Trata-se de esclarecer o motivo do reagrupamento dos discípulos. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 381.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 381.

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 382.

Deus da misericórdia, que concede o perdão incondicional; lembravam a comensalidade de Jesus com os pecadores, o bem que fizera aos necessitados que lhe procuravam em suas aflições, e o especial clima da ceia de despedida, celebrada com eles em Jerusalém. Segundo Schillebeeckx, esses momentos de “lembrança de toda a atuação de Jesus foram elementos essenciais no processo de conversão desses homens, que tinham falhado, sim, mas não abandonaram a sua fé em Jesus”²⁶⁹. A experiência da morte de Jesus os havia deixado mais desolados, que infelizes.

O retorno dos discípulos se dá, agora, ao mesmo Jesus, porém, confessado na fé como o Cristo, ressuscitado, juiz vindouro; na base desta fé já estava o conceito de profetas escatológico, luz do mundo, que dá origem às narrativas das aparições de Jesus ressuscitado. Enquanto a cegueira, o “não ver”, tornou-se imagem do culposo fechamento da humanidade para a revelação divina; o “ver”, iluminado pela luz que vem do alto, tornou-se o símbolo da atitude de abrir-se pela fé para receber a salvação oferecida por Deus (ver também Dt 29,1-3; Is 6,9; 42,6-7; 56,10; 59,10; Jr 5,21)²⁷⁰. No judaísmo helenista, a “iluminação” pela fé, simbolizada pela luz, sugeria a visão relacionada à conversão do que antes era pagão (cf. Is 42,6-7; ver também At 9; 22; 26; Rm 13,12; Ef 5,8-14; 1Pd 2,9-12; Hb 6,4; 10,32)²⁷¹. Schillebeeckx compara a justificação dada pela Lei (cf. Gl 1,14; 3,2ss) à nova justificação dada pela iluminação do Ressuscitado aos discípulos. “Na ‘aparição’ ou ‘visão’, a graça da conversão para Jesus como o Cristo se realiza (graças a uma revelação divina que ilumina), e depois se verbaliza como tal”²⁷².

Schillebeeckx supõe o fato extremamente provável de que os discípulos mais íntimos de Jesus o abandonaram por não poderem ligar a pessoa dele com a decisiva vinda ou chegada do Reino de Deus, não obstante o fascínio que o Mestre exercia sobre eles. A violenta morte de Jesus não causou o naufrágio da fé dos discípulos, nem sua ruptura com Jesus no sentido de apostasia, mas apenas “falta de fé”, cujo

²⁶⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 382.

²⁷⁰ Schillebeeckx indica a ligação existente entre ver, ouvir, compreender, converter-se e ser perdoado, quando alude à passagem de Mc 4,12, referente a Is 6,9-10: “Assim, por mais que olhem, não vejam; e por muito que ouçam, não compreendam, a fim de que não se convertam e não sejam perdoados”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 383.

²⁷¹ Nos Atos dos Apóstolos, a visão tida por Paulo na porta de Damasco (cf. At 9), relatada por ele mesmo noutras duas ocasiões (cf. At 22 e At 26), é nomeada por Schillebeeckx como “visão de conversão” (At 9); “visão de missão” (At 22) e “visão de vocação apostólica” (At 26). Segundo Schillebeeckx, “mais tarde o batismo será chamado de ‘photismós’ ou iluminação”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 359-373; 383.

²⁷² *Ibid.*, p. 384.

processo de conversão, posteriormente, Schillebeeckx caracteriza como “experiência pascal”:

Foi sim *oligopistía* (“falta de fé”) [...]; após um processo de conversão [...], esses discípulos passaram por uma surpreendente experiência de abertura: ‘reconheceram’ e ‘proclamaram’ o significado da *totalidade da vida de Jesus*. É isso que chamo de ‘experiência pascal’ [...] ²⁷³.

Esta ‘experiência pascal’ ²⁷⁴ é momento escatológico fundamental na vida dos discípulos pelo fato de que o autor situa aí a ocasião escatológica ocorrida na vida deles como graça de notável amadurecimento na fé, que os levou a reconhecer em Jesus, o Cristo, e em sua práxis, a chegada do Reino que ele mesmo anunciou. A ressurreição de Jesus iluminou profundamente a mente e a vida, a fé e a razão dos discípulos, de modo que lhes permitiu compreender Jesus como nunca o compreenderiam antes. Faltava isso: a ressurreição, para compreenderem o significado do Reino na vida de Jesus e nas suas vidas. O Reino dependia da ressurreição de Jesus para ser compreendido, aceito, pregado e intrepidamente testemunhado.

Segundo Schillebeeckx, tal “experiência pascal” motivou várias formulações de confissão de fé de caráter, ao mesmo tempo, cristológico e escatológico: “o Crucificado é o juiz que virá (cristologia do *maranatha*); o Crucificado está presente e atua nos seus discípulos; o Crucificado ressuscitou” ²⁷⁵. A visão de Jesus ressuscitado compõe o núcleo central da experiência pascal dos discípulos. Com a ressurreição, Jesus ‘ficou visível’ (*ophthé*). Somente depois da morte Jesus se torna ‘epífano’, transparente, reconhecível pela fé, compreensível naquilo que realmente ele é: não um mito ou outra pessoa, mas o próprio Jesus, porém, visto de maneira nova ²⁷⁶.

²⁷³ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 387. Grifos do autor.

²⁷⁴ A experiência humana é o princípio hermenêutico da experiência da fé na obra de Schillebeeckx. Sobre este princípio, ver: CRUZ, D. B. *El caracter único y definitivo de la misión de Jesucristo en la cristología de Edward Schillebeeckx*. In: Revista Iberoamericana de Teología, 12 (Enero-Junio) 2011. Ciudad de México, Universidad Iberoamericana, 2011, p. 9-46.

²⁷⁵ SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 387. Grifo do autor.

²⁷⁶ Para aprofundamento do tema da compreensão de Jesus a partir da visão da fé da comunidade apostólica, ver: GONÇALVES, P. S. L. *Liberationis Mysterium*. O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da *regula fidei*. Roma, Editrice Pontifica Università Gregoriana, 1997, p. 195-198.

A conversão pós pascal é ação da graça de Deus²⁷⁷, primeiramente para Pedro (protophania após a Páscoa), e depois para os outros, reagrupados por iniciativa dele, ao qual Jesus Ressuscitado teria confiado tal tarefa: “Simão, Simão... *quando tiveres voltado* (“epistrepsas”: convertido), *confirma teus irmãos*” (cf. Lc 22,32)²⁷⁸. Portanto, aparição, iluminação e conversão inauguram a trilogia da fé dos discípulos em sua experiência pascal, que determina a vocação e missão deles diante da urgência do anúncio do Reino e o testemunho que dele decorre²⁷⁹. Para Schillebeeckx, “a base da fé dos discípulos é Jesus de Nazaré na sua oferta de salvação durante sua vida terrena, oferta renovada depois de sua morte, oferta vivida e comunicada por Pedro e pelos Doze”²⁸⁰, o que supõe que Deus se pronunciou a favor de Jesus, levantando-o de dentre os mortos (cf. 1Ts 1,10; Rm 10,9; At 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,30.37; Rm 4,24; 2Cor 4,14; Cl 2,12; 1Pd 1,21).

Todavia, o modo para identificar Jesus de Nazaré com o Ressuscitado reside na ligação entre “ressurreição” e “perdão dos pecados”, presente na teologia do Novo Testamento, especialmente a partir do “dia da Páscoa”, no qual – segundo cita o Evangelho de João - Jesus apareceu aos discípulos e lhes conferiu o poder de perdoar: “A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados” (Jo 20,22-23). De fato, o “ministério da reconciliação” é confiado pelo Ressuscitado aos discípulos em todas as aparições oficiais (cf. Lc 24,47; Mt 28,19; Jo 20,23). Schillebeeckx diz que “o perdão dos pecados é uma graça pascal. Depois de suas experiências pascais, os discípulos pregam ‘o perdão dos pecados’ (Lc 24,47; At 26)”²⁸¹, e o perdão dos pecados está ligado do nome de “Jesus” (cf. At 5,31; 10,43; 26,18), como o Vivente, porque um morto não tem condições de perdoar; e, assim, se restabeleceu a comunhão atual com Jesus. E tal experiência de ser perdoado da covardia e falta de fé, tornou-se a matriz da qual nasceu a fé em Jesus como o Ressuscitado. Embora o processo de conversão tenha certamente exigido um processo de maturação, “a

²⁷⁷ Igualmente como graça divina, Schillebeeckx considera a livre iniciativa de Jesus de aparecer a Simão, e depois aos outros discípulos, já reagrupados por ele. Trata-se de um acontecimento gratuito e surpreendente, que determina a iluminação dos discípulos e sua conversão, seu retorno à Fé em Jesus, o Crucificado vivente. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 390.

²⁷⁸ Cf. *Ibid.*, p. 389. Grifos do autor.

²⁷⁹ A experiência pascal de Saulo de Tarso ilustra bem esta trilogia e consequência missionária do anúncio de Cristo e do seu Reino, conforme Schillebeeckx o expõe em sua obra. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 359-373.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 391.

²⁸¹ *Ibid.*

experiência de uma nova existência pessoal implica também a certeza desta fé: que Jesus está vivo, e que ele é o futuro juiz do mundo”²⁸².

Schillebeeckx põe em destaque outro elemento distintivo na ressurreição de Jesus, que se lhe referia direta, embora vagamente: “a fé em Deus como o Senhor da vida e da morte: Javé é o ‘Deus de viventes’. Mais tarde seria, na mentalidade grega: Deus tem poder para devolver a vida aos mortos”²⁸³, chamando para si os mortos que se encontram no *hades*, o reino dos mortos²⁸⁴. Ao invés, para o judeu de língua aramaica, o homem inteiro (corporalmente) está no reino dos mortos, mas reduzido a um espectro e, por isso, sua libertação desta situação, feita por Deus, denominava-se “ressurreição”²⁸⁵. É dentro deste horizonte de compreensão que os cristãos, depois da morte de Jesus, referem-se a ele como o Jesus vivente. Todavia, explica Schillebeeckx:

Mas os cristãos imaginavam de maneira não-apocalíptica esse novo estado de Jesus. Em primeiro lugar: a ideia judaica sobre a ressurreição era escatológica e (para os fiéis) coletiva; que uma pessoa já chegasse sozinha à ressurreição escatológica antes do fim dos tempos, disso não se encontra nenhum precedente judaico; está mesmo fora do quadro apocalíptico²⁸⁶.

Na literatura judaica, há conhecimento de ressurreições não-escatológicas. Nestas, os indivíduos voltam do reino dos mortos com missões específicas em vista do fim iminente do mundo. Assim, Jesus foi identificado com João Batista que talvez tivesse ressuscitado, que se levantou dentre os mortos (cf. Mc 6,14; Lc 9,7-9). Entretanto, no Novo Testamento, a noção cristã de ressurreição é radicalmente diferente da ideia do morto voltar vivo ao mundo. “Trata-se da ressurreição escatológica [...]. Para os cristãos, significava que já havia começado o tempo escatológico do fim do mundo. Jesus é ‘o primeiro (acordado) dentre os

²⁸² SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 392.

²⁸³ Ibid., p. 394-395.

²⁸⁴ O autor precisa bem que “na opinião dos gregos as almas não se encontravam ‘junto a Deus’. [...] o ser humano morria mesmo, e a alma ficava no *reino dos mortos* (o *hades*, equivalente grego do *sheól* judaico), mas aí também se reconhecia o poder divino de buscar as almas de volta do reino dos mortos”. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 395. Grifos do autor.

²⁸⁵ A Apocalíptica judaica possuía uma ideia materialista da ressurreição, que postulava uma volta do morto à vida, inclusive com as *mesmas* roupas, como diziam os rabinos. Mais tarde se passou a acreditar numa “ressurreição progressiva”. Contudo, o núcleo da fé judaica centra sua fé unicamente em Deus, que tem o poder de tirar os mortos do *sheól*, devolvendo-lhes a vida. Na literatura judaica tardia era frequente a ideia de uma “assunção ao céu”, sem nenhuma “ressurreição”. Cf. Ibid., p. 395. Grifos do autor.

²⁸⁶ Ibid., p. 395-396.

adormecidos’. Em breve, viria o novo céu e a nova terra”²⁸⁷. Portanto, na comunidade cristã, a experiência pascal é a entusiástica experiência da presença do Senhor Jesus, que opera na sua comunidade e que em breve virá: uma experiência de “maranatha”²⁸⁸.

Schillebeekx constata que o núcleo da experiência pascal contém a crescente convicção da solidária e salvadora presença de Jesus, que é o Filho de Deus que se identifica com os excluídos. Tanto as aparições do Ressuscitado como as tradições do sepulcro vazio já não se consideram mais como indícios solitários e únicos da experiência pascal; aliás, juntamente com a ressurreição de Jesus, o envio do Espírito, a fundação da Igreja, elas são aspectos reais de um grande acontecimento salvífico: “pela ressurreição, Jesus está *conosco* de maneira nova. É isso que as ‘aparições’ querem dizer”²⁸⁹. E nesta maneira nova de estar com seus discípulos, Jesus antecipa o Reino de Deus já na caminhada de sua Comunidade, enquanto esta, com seu testemunho de pregação e de prática do amor e justiça, aponta e se dirige para a plenitude do Reino no futuro de Deus.

A interpretação da ressurreição de Jesus só pode ser entendida a partir das narrativas sobre sua mensagem, sua atuação, seus feitos poderosos, sua convivência com todos, inclusive pecadores, enfim, sua maneira de viver e de morrer: através de tudo isso, Jesus falava da causa de Deus e com ela se identificava. Na base do que viveram após a morte de Jesus, os discípulos pensavam numa ressurreição e numa *parusia* vindouras de Jesus, enquanto contavam as narrativas evangélicas sobre Jesus, que, por sua vez, tornavam-se hermenêutica da *parusia* e ressurreição de Jesus, enquanto fé na *parusia* e na ressurreição que nascia da lembrança da vida terrena de Jesus. Em outras palavras, a pregação e práxis de Jesus interpretavam e geravam a fé em sua ressurreição e futura vinda definitiva, ao mesmo tempo em que a narrativa da vida dos seus discípulos acabava por aprofundar a história sobre Jesus, pois eles realmente “seguiram Jesus”, e em tal seguimento, ficaram os vestígios da passagem de Jesus por esta vida.

Jesus não havia deixado nada escrito. Apenas pregou o Reino aos seus discípulos. A propósito do resultado da pregação feita por Jesus, Schillebeekx recorda da frase de Alfred Loisy: “Jesus pregou a vinda do Reino de Deus, mas o

²⁸⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 396.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 397.

²⁸⁹ *Ibid.*

que veio foi a Igreja”²⁹⁰; todavia, Schillebeeckx faz uma paráfrase de Loisy e diz que seria mais exato dizer: “Sem egoísmo, somente preocupado com os outros, Jesus pregou a vinda do Reino de Deus e veio este Reino que se chama ‘o Crucificado ressuscitado’”²⁹¹. E isso aconteceu porque Jesus sempre se esqueceu de si mesmo, por ter pensado mais no Pai, a quem ele livremente chamava de *Abba*. Por outro lado, o Pai não se esqueceu de Jesus. Aliás, Deus “lembra-se” do Jesus histórico, e a ressurreição e a *parusia* são o resultado final dessa lembrança divina: “o próprio Deus identifica o Reino de Deus com Jesus de Nazaré, o Crucificado”²⁹². Independentemente do que Jesus tenha imaginado concretamente ao anunciar o Reino, este Reino anunciado efetivamente chegou, e sua concretização mais absoluta é o Crucificado vivente. Desse modo, Jesus é o abnegado pregador que se tornou o anunciado, centro da profissão da fé cristã.

Para concluir esta reflexão, Schillebeeckx exhibe sua convicção genial de concretização do Reino de Deus em Jesus, e sua continuidade histórica na Comunidade cristã: Jesus Cristo é o primeiro membro e o predecessor do Reino de Deus, e esta convicção foi vivida intensamente pelos primeiros cristãos, enquanto esperavam que o Reino de Cristo logo fosse inaugurado, com o fim do mundo, mas na verdade o que surgiu na evolução histórica da experiência da comunidade com Jesus de Nazaré foi um prosseguimento histórico de comunhão, obediência e fidelidade criativa ao que foi realizado em Jesus pela ação salvífica de Deus.

4.2

Jesus, o profeta escatológico

A interpretação da experiência do encontro dos discípulos com Jesus de Nazaré, como nos referimos acima, formulou - na comunidade cristã e na Teologia nascida a partir dela - os títulos cristológicos úteis para destacar o que havia de mais relevante na pessoa de Jesus e na revelação divina que nele se manifestava. Dentre

²⁹⁰ Alfred Loisy (1857-1940), publicou a obra *Il Vangelo e la Chiesa*, em 1902, na qual sua frase ficou famosa na ironia aplicada à vinda da Igreja no lugar do Reino pregado por Jesus. Apud GIBELLINI, R. Op. Cit., p. 154-156. Também Bento XVI comenta a frase de Loisy em sua obra. Cf. BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Do batismo no Jordão à transfiguração, p. 57-70.

²⁹¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 402.

²⁹² Ibid.

tantos títulos dados a Jesus, encontramos nos Evangelhos alguns como: “Filho de Deus”, “Filho de Davi”, “Filho do Homem”, “o Nazareno”, “o Logos”, “o Crucificado”, “o Ressuscitado”, “o Cristo” e “o Messias”. Todos os títulos cristológicos nasceram da reflexão sistemática sobre o significado da experiência do encontro com Jesus, e de uma identificação interpretativa, já inerente à experiência do próprio encontro com aquele que foi sendo assimilado na fé dos discípulos como o mediador histórico da salvação divina. Os títulos cristológicos, por si, são confissões da fé daqueles que conviveram com Jesus e dos demais que receberam por tradição (transmissão) os relatos da experiência do encontro com Jesus, com sua mensagem, suas ações benfazejas, sua morte e ressurreição.

Na obra cristológica de Schillebeeckx, o título mais recorrente dado a Jesus, e que nos interessa nesta pesquisa, é aquele que lhe confere a missão de “profeta escatológico”²⁹³, oriundo de uma primeira interpretação pré-neotestamentária do ‘fenômeno Jesus’. Trata-se de um “conceito intertestamentário que, porém, nos remete à tradição deuteronomista mais antiga (Dt 18,15-19; 30,15-20; 32,2)”²⁹⁴. Estes textos se referem à profecia de um “Anjo enviado diante de ti” (Ex 23,20), e o envio de um “profeta como eu (= Moisés) no meio de ti” (Dt 18,15).

A tradição de um profeta do final dos tempos, mais que à espera de Elias (cf. Mt 3,1.23-24), pertencia à tradição mosaica. No judaísmo, a figura de Elias começa a funcionar como a do precursor do profeta escatológico, do Ungido. Segundo Brambilla, na tradição deuteronomista, Moisés é um profeta: um mensageiro sofredor. Ele é um intermediário entre Deus e o povo (cf. Dt 5,5), que assume o sofrimento por causa de sua missão de defensor que intercede pelo povo (cf. Dt 9,15-19; 9,25-29). Os grandes profetas gostam de se apresentar com os traços de Moisés (tais como: Jeremias - cf. Jr 15,1; Elias e Eliseu – cf. 1Rs 19,19-21; 2Rs 2,1-15, confrontar com Dt 34,9 e Nm 27,15-23)²⁹⁵. Javé falava com Moisés “face a

²⁹³ Na obra *Jesus, a história de um vivente*, a partir da página 170, Schillebeeckx afirma ser Jesus o “profeta escatológico”, portador de uma alegre notícia aos pobres: a bem-aventurança da vinda do auxílio e da salvação de Deus, que se aproxima da humanidade e vai reinar por meio do que o próprio “profeta escatológico” anuncia e demonstra por sinais e ações. Da percepção que a comunidade, sobretudo os pobres e pecadores, têm de Jesus, como profeta escatológico, resulta uma exultante e reveladora confissão de fé: “Ele fez bem todas as coisas” (Mc 7,37). Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 170; 178; 181-192.

²⁹⁴ Quanto ao conceito de “intertestamento” (período situado entre os dois Testamentos – aproximadamente 50 a. C, quando foi escrito o Livro da Sabedoria – ao ano 50 d. C., aproximadamente, Paulo escreveu a Carta aos Tessalonicenses). BRAMBILLA, F. G. *Edward Schillebeeckx*, p. 123, nota 12.

²⁹⁵ Cf. BRAMBILLA, F. G. *Edward Schillebeeckx*, p. 124.

face”, como um homem fala com outro (cf. Ex 33,11; Nm 12,6-8). Por fim, segundo a tradição deuteronomista, “Moisés é *Ebed YHWH*, o Servo de Deus (cf. Ex 24,31; Nm 12,7-8; Dt 34,5; Is 1,27; 59,10-16; 63,11). Moisés é o servo sofredor de Deus, carrega os pecados do povo (confrontar Nm 17,14 com Is 53,4)”²⁹⁶.

Além disso, Moisés é o “profeta e o Servo sofredor de Deus”, conforme imagem que aparece nos cânticos do Servo sofredor em Is 42,1-4; 49,1-6; 50,4-11a; 52,13-53,12. Porém, o Dêutero-Isaías apresentou a figura do “servo sofredor” com os traços da figura emergente do “profeta escatológico” maior que Moisés, que – na obra de Schillebeeckx – apontam para Jesus: mediador da lei e da justiça (cf. Is 42,6; 49,8 – cf. Mt 5,21-48); “luz do mundo” (cf. Is 49,4-9; 42,1-6 – cf. Jo 8,12); intermediário da aliança (cf. Is 42,6; 49,8 – cf. Lc 22,20). Ele é o guia do novo Êxodo, no qual o profeta escatológico maior que Moisés vai fazer jorrar de novo a água do rochedo e dará ao povo a água da vida (cf. Is 41,18; 43,20; 48,21; 49,10 – cf. Jo 4).

Schillebeeckx julga fundamentalmente importante a pesquisa sobre a “identificação da pessoa de Jesus com o profeta messiânico do evangelho escatológico sobre a chegada do Reino de Deus, como elo entre o Jesus histórico e o Cristo querigmático”²⁹⁷, porque as tradições que geraram o Novo Testamento revelam profunda unidade, ainda que em correntes paralelas. Para Schillebeeckx, “o Novo Testamento é globalmente, com fé, reflexo da atuação histórica de Jesus de Nazaré”²⁹⁸.

Portanto, a expressão “profeta escatológico” designa um profeta que tem a pretensão de levar à humanidade uma mensagem de validade escatológica para a história presente e futura do mundo. Jesus estava persuadido da importância escatológica de sua pessoa: “Bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim!” (Lc 7,23; Mc 11,6). Jesus compreendia a si mesmo na relação adotada pela humanidade com referência a ele, e desta relação dependia o destino último das pessoas, portanto, seu futuro escatológico: “Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus” (Lc 12,8-9; Mc 10,32-33; confrontar com Lc 7,18-22; Mc 11,2-

²⁹⁶ BRAMBILLA, F. G. *Edward Schillebeeckx*, p. 125.

²⁹⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 516.

²⁹⁸ *Ibid.*

6; ver Lc 11,20; Mc 12,28, que é desenvolvido em seguida nos sinóticos: Mt 12,32; Lc 12,10; Mc 3,28-29).

Segundo Brambilla,

Esse conceito de profeta escatológico, profeta como Moisés e maior que ele, profeta messiânico, o Ungido, é uma matriz (não digo a única) da qual saíram quatro tipos de confissões da fé pré-neotestamentária, que foram em seguida sintetizadas no Novo Testamento, sob a forma globalizada de uma cristologia pascal²⁹⁹.

Schillebeeckx comenta os credos cristológicos oriundos do conceito de “profeta escatológico”. Cada um deles, por sua vez, gerou uma cristologia de caráter escatológico. Elas são basicamente 4: a cristologia escatológica apocalíptica da *Parusia* ou do *Maranatha*; a cristologia do “theiós anèr”, que professa sua fé em Jesus como taumaturgo divino e salomônico filho de Davi; as cristologias sapienciais, identificando Jesus como o mensageiro e o mestre da sabedoria, e, mais ainda, como Sabedoria preexistente, encarnada, humilhada mas exaltada; e, por fim, as cristologias pascais, que professam a fé em Jesus, o Crucificado ressuscitado. A seguir, colocaremos em destaque alguns aspectos relevantes de cada uma delas.

4.3

Os credos escatológicos

Veremos como Schillebeeckx comenta o aspecto escatológico presente nas profissões de fé surgidas nas primeiras Comunidades a partir do título “profeta escatológico”, dado a Jesus de Nazaré.

A primeira profissão de fé é a *cristologia escatológica apocalíptica da Parusia ou do Maranatha*³⁰⁰, que proclama o senhorio de Jesus no tempo futuro, quando de sua vinda como Juiz e Salvador escatológico do mundo³⁰¹. Esta corrente

²⁹⁹ BRAMBILLA, F. G. *Edward Schillebeeckx*, p. 130.

³⁰⁰ Este credo escatológico tem origem no termo *Mar* ou *Marán* (o Senhor ou *Kyrios*) e Filho do Homem. Em aramaico: “o Senhor está vindo” se diz “*Marán atha*”, que expressava a expectativa do Senhor que viria para julgar (salvar ou condenar). Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 407.

³⁰¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 405-424. Nesta sucessão de páginas citadas na obra de Schillebeeckx (que compreende as páginas de 405 a 438), encontram-se as confissões do credo cristológico formado na Comunidade cristã, aludidas por Franco Giulio Brambilla em seu comentário sobre as consequências cristológicas do conceito de “Profeta escatológico” aplicado a Jesus.

evidencia Jesus em sua história como o anunciador da mensagem do Reino de Deus³⁰².

“Esse credo escatológico, em primeira instância, se baseia numa tradição de *logia* proféticos e apocalípticos existentes na Igreja primitiva [...], usado por essa tendência escatológica”³⁰³, que professava sua fé em Jesus de Nazaré como Senhor que vem no fim dos tempos para salvação e juízo. Este é um credo escatológico que já olhava para a frente, para as coisas que virão, e para o que já existe como realidade celeste: olhava para Jesus, como o juiz do mundo, já glorificado, mas que ainda devia voltar. As comunidades que geraram esse credo concentraram seu olhar no Jesus terreno, particularmente na mensagem dele sobre a chegada do Reino de Deus, de modo que acreditavam que, “seguindo Jesus”, fariam o que ele havia feito: anunciar a proximidade do Reino de Deus³⁰⁴, pois Jesus havia se tornado para a Comunidade objeto de sua própria mensagem, já que não se havia pregado a si mesmo, mas pregado o vindouro reinado de Deus, cuja causa ele a assumiu como sua causa. “O abnegado anúncio de Jesus sobre a proximidade do Reino de Deus foi ‘personalizado’ por estas comunidades”³⁰⁵.

Ao analisar as tradições da Comunidade Q e as tradições pré-marcas, Schillebeeckx percebe no credo escatológico que surgiram destas fontes duas continuidades: a primeira é a identificação entre Jesus e o salvador escatológico, e ele vê – de um lado – a continuidade com o dado histórico do Reino de Deus, e – de outro – a formulação desta identificação na noção-chave já existente na religiosidade judaica da época: o salvador escatológico. A segunda continuidade reside na identificação entre a mensagem de Jesus sobre a proximidade do Reino de Deus e a pregação eclesial sobre a *parusia* de Jesus. Na práxis dos discípulos na comunidade, a missão dada pelo Jesus pré-pascal foi assumida, de modo tal que os discípulos transmitiam a mensagem de Jesus e assumiam a tarefa de curar doentes e expulsar demônios (cf. Mc 6,6b-13; Mt 9,37-38; 10,16.9-10a.11-13.10b.7-8.14-15; Lc 10,2-12).

³⁰² Em relação à expectativa do profeta escatológico, o autor informa que “entre 400 a.C. e 70/71 d.C., aproximadamente, surgiram expectativas a respeito de toda espécie de ‘profetas dos últimos tempos’ e salvadores escatológicos [...], houve a expectativa de um profeta e um messias dos últimos tempos; também se esperou um ‘profeta como Moisés’ [...]. Em consequência, há no Novo Testamento grande número de ecos das expectativas populares sobre ‘aquele que devia vir’: Jo 6,14-15; 1,15.21; Mt 3,11; 11,3; Lc 3,16; 7,19.20b”. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 406, nota 3.

³⁰³ Ibid., p. 406. Grifo do autor.

³⁰⁴ Cf. Ibid., p. 408.

³⁰⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 409.

O projeto da comunidade Q não era elaborar um querigma formal sobre a atuação de Jesus, e sim centrar seu interesse na mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, que estava próximo: já estava chegando³⁰⁶. Inclusive a oração da comunidade, o “Pai nosso”, consta da súplica pela vinda do Reino e pede para ser preservada ou libertada do *peirasmós*, as provações do fim do mundo. Schillebeeckx informa que o texto da oração continha as seguintes súplicas: “*Abba*, santificado seja teu nome, venha o teu Reino, dá-nos o pão necessário para hoje, perdoa-nos o que estamos devendo, assim como nós também perdoamos o que alguém nos deve. E não nos introduzas na provação”³⁰⁷. Ademais, cada um pedia para si mesmo somente o que era ainda necessário antes de acontecer a *parusia*: o que precisava para um só dia, enquanto a *parusia* não chegava. Por fim, “esta comunidade ora para não apostatar nas calamidades finais, escatológicas; é uma oração (não desconhecida na tradição judaica), na qual se pede também que os eleitos (aqui os cristãos) sejam admitidos diretamente no Reino de Deus, sem provações”³⁰⁸.

Na versão mais antiga da Fonte Q, conhece-se a ideia de proximidade do Reino de Deus (cf. Lc 6,20b), como a da vinda iminente do Filho do Homem nos últimos dias (cf. Lc 12,8-9). “No pensamento judaico, as noções de ‘basiléia’ (realeza e Reino de Deus) e ‘Filho do homem’ pertenciam a diferentes complexos de tradições, mas em Q estão combinados entre si: é o ‘Filho do homem’ que traz a basiléia”³⁰⁹. Igualmente, na tradição Q mais antiga, o Jesus terreno é o profeta escatológico; o “Filho do homem” que virá é identificado somente com o Jesus celeste. Ele é anunciado pelos profetas cristãos e atua neles como salvador escatológico, que virá como juiz para aqueles que não aceitam a mensagem pregada por esta comunidade a seu respeito, pois a tomada de posição diante do “Filho do Homem”, o elevado, aquele que virá, anunciado pela Comunidade, é decisiva para a salvação ou a desgraça escatológica, no “último juízo”. “O Jesus celeste é o salvador escatológico, mas, para quem não aceita a mensagem da Igreja sobre Jesus, ele é o juiz”³¹⁰.

³⁰⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 410.

³⁰⁷ Cf. Lc 11,1-4 = Mt 6,9-13. Cf. Ibid., p. 410, nota 19. Grifos do autor.

³⁰⁸ Ibid., p. 410.

³⁰⁹ Ibid., p. 411.

³¹⁰ Todas as expressões entre aspas neste parágrafo são do autor. Cf. Ibid., p. 411.

Schillebeeckx põe em evidência a continuidade e identificação que há entre Jesus e sua comunidade. A atuação celeste de Jesus garante o envio do Espírito Santo para a atividade profética da Comunidade, e aquela atuação de Jesus é, para a comunidade, a certeza da sua vinda em breve. Desse modo, a Comunidade já faz sua experiência pascal, e “o anúncio cristão-profético, ‘eclesial’, da futura *parusia* de Jesus já é a chegada do Reino de Deus. Em outras palavras: na base do Jesus celeste, a própria comunidade escatológica já é a chegada do Reino definitivo”³¹¹, e a presença atuante do Reino na Comunidade é atestada pela conduta de cada um e de todos dentro dela e desta no meio da humanidade, vocacionada a acolher o Reino³¹².

Schillebeeckx se ocupa bem em esclarecer que a Comunidade identificou rapidamente o Jesus terreno com o “Filho do Homem”, que devia vir (segundo a pergunta feita a Jesus pelos discípulos de João, se era ele o Messias que devia vir ou se devia esperar outro – cf. Mt 11,2-6 = Lc 7,18-23). “É desde já que a própria atuação de Jesus se torna acontecimento escatológico, e não é a comunidade escatológica que inicia o Reino”³¹³. Ao responder aos discípulos de João: “Olhai o que eu estou fazendo”³¹⁴, Jesus aponta para a chegada do Reino de Deus na sua própria atuação, sobretudo na “boa nova para os pobres” (à luz de Is 29,18-19; 35,5; 61,1). “Nesses textos”³¹⁵, Jesus apela para as funções do profeta dos últimos dias [...]; o reinado de Deus já está presente para todos os que aceitam a sua mensagem e dela não se escandalizam”³¹⁶.

Os milagres de Jesus, conhecidos pela Comunidade Q (apenas dois: Mt 12,22-30 = Lc 11,14-23; Mt 8,5-13 = Lc 7,1-10), são interpretados como sinais da chegada da salvação e do Reino de Deus. “A basileia *vem* e *já chegou*, não somente na mensagem profética da comunidade, mas antes ainda, já no Jesus terreno; por Jesus, ela já alcançou as pessoas (*eph tasèn eph èmas hè basileia tou theou*, Mt 12,28b)”³¹⁷. Com isso, a Comunidade Q adota uma “escatologia que se realiza a si mesma”, pois

³¹¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 412.

³¹² Schillebeeckx elabora uma encantadora síntese do perfil e da conduta da Comunidade (cristã) escatológica, registrada na mais antiga tradição Q. Vale a pena conferir também a riqueza das citações que o autor faz dos Evangelhos Sinóticos que servem de fonte para ilustrar a conduta da Comunidade. Para isso, ver: SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 412, nota 28.

³¹³ *Ibid.*, p. 414.

³¹⁴ Paráfrase de Jesus, elaborada pelo autor. Cf. *Ibid.*, p. 414.

³¹⁵ Os textos de Isaías, na interpretação do judaísmo tardio: Is 29,18-19; 35,5; 61,1.

³¹⁶ SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 414-415.

³¹⁷ Traduzindo: “Chegou para vós o Reino de Deus de Deus”. *Ibid.*, p. 415. Grifos do autor.

– para a Comunidade – Jesus é um “fenômeno escatológico”, e, diante desse Jesus, uma atitude neutra não é possível (cf. Mt 12,30 = Lc 11,23).

Por outro lado, Schillebeeckx observa que a tese central de Marcos é a vinda escatológica de Jesus, sua *parusia*, acontecimento que já era esperado por uma geração inteira. E isso é feito de propósito, pois havia uma tendência para centrar a pregação não na *parusia* mas na ressurreição, que, para Marcos, é base, fundamento e pressuposto da expectativa da *parusia*. “Marcos quis fundamentar a fé dos cristãos em Jesus de Nazaré, Filho de Deus e ‘Filho do Homem’, que veio em sofrimento e rejeição, mas em breve virá com poder”³¹⁸. O jejum feito pela Igreja acusa a ausência de Jesus; ele não bebe mais o vinho com os seus discípulos até “aquele dia” em que novamente estarão unidos (Mc 14,25). “O ‘sepulcro’ está entre estas duas manifestações do mesmo Jesus de Nazaré: de um lado, sua aparição terrena em pregação e práxis, em sofrimento e rejeição; de outro lado, sua aparição escatológica ‘em poder, e glória’”³¹⁹. Enquanto aguarda a vinda de Jesus com poder, a comunidade depende das palavras, das obras e de toda a atuação terrena de Jesus, para com ele se identificar.

Portanto, Marcos sintetiza em seu evangelho algo do conceito cristológico paulino e algo do querigma escatológico da comunidade Q, porém, seu querigma próprio coliga o Jesus terreno (sofredor) e a *parusia* (cf. Mc 8,7 - 9,8; 10,32-40). “A vinda do Reino de Deus e a vinda de Jesus, ‘Filho do Homem’ com poder (*parusia*), para ele coincidem (9,1 com 13,26-27; cf. 14,25)”³²⁰. Enquanto isso, a Igreja está como que “órfã”, porém, consolada e fortalecida pelo dom do Espírito escatológico de Deus, e pela esperança da vinda iminente de Jesus, o “Filho do homem”.

Schillebeeckx informa que o evangelho de Marcos é, ao mesmo tempo, o “evangelho da ‘ausência de Jesus’ e, por excelência, o evangelho da lembrança do *Jesus terreno* [...], o qual virá, na expectativa de sua exaltação, que há de inaugurar o definitivo Reino escatológico, o reinado de Deus”. Enquanto ele não volta, sua comunidade vive um período interino, um tanto cinzento, mas necessário (cf. Mc

³¹⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 419.

³¹⁹ Ibid.

³²⁰ Ibid.

13,9-13), em que a fé cristã sofre uma pesada provação, mas quem aceitar esta espera será salvo. Eis a “teologia negativa de Marcos”³²¹.

As comunidades escatológicas – da tradição Q e do evangelho de Marcos³²² – divergem em pontos fundamentais, mas convergem no seu credo fundamental: Jesus, como “Filho do homem”, que virá, é o *Senhor do futuro*. Ambas representam a cristologia-escatológica de “Maranatha”: Jesus é quem traz a futura salvação escatológica³²³, proposta em mensagem e em práxis, com as quais ele antecipa e inaugura o Reino de Deus que se aproximava da humanidade. Neste credo cristológico, a morte de Jesus, ao invés de percebida como ruptura, é crida como a primeira fase e o início dos “ais” escatológicos.

O segundo credo escatológico dá origem à cristologia que vê Jesus como um grande taumaturgo, operador de sinais benfazejos, cheio de sabedoria (na linha salomônica do benfeitor real), que fez milagres não em proveito próprio, mas para a salvação dos outros³²⁴. Jesus fez os sinais para demonstrar que o Reino de Deus estava chegando (cf. Mt 11,5; Lc 11,20), e não para dar provas de seu poder divino. “Milagres são sinais de um acontecimento escatológico, ilustrações da proclamação escatológica de Jesus”³²⁵. Quem atesta os sinais que ele realizou se sentiu chamado a entrar no Reino de Deus, pois os milagres fazem parte da práxis do Reino na vida de Jesus, em cuja base reside uma força (*aretè*) ou virtude que é própria de Deus. Por isso, no fim, Jesus torna-se o sábio sofredor, vingado, porém, por Deus. Para os propagadores do credo do grande taumaturgo, Jesus é “aquele que passou fazendo o bem” (At 10,38; cf. Mc 7,37).

O terceiro credo gerou as cristologias sapienciais, que evidenciam a origem divina de Jesus, enviado pela Sabedoria, já hipostasiada nele, capaz de nos revelar os mistérios de Deus, ao mesmo tempo em que revela o significado da pessoa humana a si mesma³²⁶. “Jesus é relacionado com a sabedoria preexistente; esta envia os seus mensageiros, os profetas, mas também o profeta escatológico; Jesus, porém, nunca é identificado com a sabedoria preexistente”³²⁷ (cf. Mt 11,25-27 = Lc

³²¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 422-423. Grifos do autor.

³²² Consequência essencial do querigma marciano é o interesse histórico por todos os aspectos da vida de Jesus de Nazaré, enquanto se deve ao querigma Q o interesse pela mensagem histórica do Jesus terreno sobre o reinado de Deus. Cf. *Ibid.*, p. 424.

³²³ Cf. *Ibid.*, p. 423. Grifos do autor.

³²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 425-430.

³²⁵ *Ibid.*, p. 428.

³²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 430-433.

³²⁷ *Ibid.*, p. 431.

10,21-22; ver Sb 6-10. Também Mt 23,34-36 = Lc 11,49-51; Mt 9,37-38; 10,7-16 = Lc 10,2-12). Sendo Filho, conhecido somente pelo Pai, Jesus atua como o mensageiro escatológico da Sabedoria preexistente.

O quarto credo deu origem às várias formas de cristologia pascal³²⁸, centralizadas na morte e ressurreição de Jesus, destacando-o como o justificado, o condenado à cruz (*kenosis*), mas elevado por Deus (cf. Fl 2,6-11). Este modelo de credo é propriamente “paulino”. Para Paulo, “o credo do Crucificado ressuscitado é ‘o evangelho’ (cf. 1Cor 15,1ss); morte e ressurreição de Jesus não são um pressuposto para a pregação sobre a *parusia*”³²⁹, que ele supunha próxima. Segundo Paulo, o batismo nos faz participar da morte de Jesus, e não diretamente da sua ressurreição: “Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pelo poder de seu Pai, assim também nós andemos em novidade de vida... Se morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele” (Rm 6,4-11).

“Paulo fala em ‘morrer com’ (pelo batismo); no entanto, o ‘ressuscitar com’ é um acontecimento estritamente escatológico”³³⁰. Nas cartas deuteropaulinas, os cristãos, pelo seu batismo, já ressuscitaram: “Jesus nos ressuscitou com ele, e nos fez sentar nos céus em Cristo Jesus” (Ef 2,4-7). Schillebeeckx afirma que:

Os coríntios não negam a ressurreição de Jesus (cf. 1Cor 15,12); eles receberam a fé, que é a base de sua vida (cf. 1Cor 15,1-7; 15,11). Cristo ressuscitou, sim. Porém, na opinião dos coríntios, pelo batismo, os cristãos não apenas morreram com Cristo, mas também já ressuscitaram com ele; já estão no trono celeste. Os Coríntios confessam uma escatologia já realizada; pelo batismo já ressuscitaram, e por isso não existe mais uma ressurreição *futura* (Cf. 1Cor 15,12); já passaram por ela³³¹.

Existia uma tradição pré-paulina onde não havia mais lugar para a *parusia*, porque, pela própria ressurreição de Jesus, tudo estava realizado e completado, e de tudo o cristão participava pelo seu batismo. Portanto, esta tradição continha uma escatologia já realizada e totalmente presente. Segundo Schillebeeckx, “Ef 2,6 – Ele nos ressuscitou e nos fez sentar no céu juntamente com ele” – são palavras de uma antiga canção batismal em que o próprio batismo é interpretado como

³²⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 433-438.

³²⁹ Ibid., p. 433. Grifo nosso.

³³⁰ Ibid.

³³¹ Percebe-se aqui uma repetição proposital do “já”, para reafirmar o credo da comunidade paulina na escatologia realizada. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 433-434. Grifos do autor.

ressurreição”³³². Por isso, a canção diz: “Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará” (Ef 5,14), pois, por meio de Jesus, Deus “livrou-nos do poder das trevas e transportou-nos para o reino de seu Filho amado” (Cl 1,13).

Portanto, não existia apenas uma, mas várias escatologias. “Uma ‘escatologia já presente’ não é o ponto final de uma longa evolução; é uma das muitas escatologias do cristianismo primitivo; e até pré-paulina”³³³. Para Paulo, “A ressurreição já se realizou” (2Tm 2,18) na ocasião em que o cristão foi batizado, e por isso não há uma ressurreição futura: “... ressuscitou-o dos mortos, fazendo-o sentar à sua direita nos céus, acima de todo principado, potestade, forças e dominações, e de todo nome que é mencionado não só neste mundo, mas também no futuro. E sujeitou aos seus pés todas as coisas e o constituiu cabeça suprema de toda a Igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que preenche tudo em todos” (Ef 1,20-23).

É fácil perceber que em todas as linhas dos credos escatológicos encontra-se em evidência a importância da própria pessoa de Jesus, e não somente sua mensagem e sua ressurreição, pois a pessoa de Jesus é o futuro juiz do mundo, trazendo salvação ou condenação; porque Jesus em pessoa é um homem divino, taumaturgo, a ser imitado, estando presente e agindo em seus seguidores; porque ele mesmo é uma “história de Deus” para nós e, por isso, somente ele pode fazer-nos participar de sua ressurreição.

A profissão de fé em Jesus como profeta dos últimos dias, “mensageiro de Deus” implicou uma identificação profética dele com a causa de Deus e com o próprio Deus: “o nome de Deus, ‘o Senhor’, está sobre ele. Mc 3,28 identifica o nome de Deus, imposto ao Cristo-mensageiro, ao profeta ungido com o Pneuma, o Espírito”³³⁴. Essa identificação tem tamanha importância na comunidade cristã, de modo que quem rejeita o Jesus terreno já cometeu um pecado imperdoável (cf. Mc 3,28-29). Isso se torna compreensível pelo fato de que Jesus é visto como o profeta do fim do mundo, ou seja, o mensageiro da última chance de receber a graça de Deus. Por isso, a atitude de adesão pela fé ou rejeição a esse mensageiro tem relevância escatológica: torna-se decisão definitiva em favor ou contra Deus que o

³³² SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 434.

³³³ Ibid.

³³⁴ Ibid., p. 488.

enviou. Reconhecer ou rejeitar Jesus decide definitivamente sobre salvação ou perdição de quem o acolhe ou o rejeita.

Em suma, Schillebeeckx conclui que a mensagem histórica sobre a vinda do Reino de Deus tem valor permanente pelo fato de ter acontecido a partir de um contato especial com a pessoa de Jesus. “No cristianismo, não se trata apenas da permanente mensagem de Jesus e da relevância definitiva dessa mensagem, mas no fundo trata-se da relevância permanente, escatológica, de sua própria pessoa”³³⁵. Portanto, é a pessoa de Jesus que une os quatro tipos de credo, sintetizando e realizando em si as figuras messiânicas e escatológicas do judaísmo, que eram: o profeta-taumaturgo escatológico; o Elias redivivo (figura do salvador escatológico); o profeta messiânico dos últimos tempos; o escatológico “profeta como Moisés; e, por fim, o “Moisés redivivo escatológico”³³⁶.

4.4

Ressurreição: o Pai aprova o Filho e inaugura a era escatológica

A partir de sua ressurreição, Jesus é também considerado na comunidade como “o Senhor do futuro”, conceito ulteriormente elaborado alegando-se outras tradições (Sl 2; Sl 110,1; Dn 7,3-14), segundo as quais a ressurreição/glorificação dá uma profundidade de “fim deste mundo” ao conceito escatológico de “Senhor”, que no entanto já competia a Jesus na base de sua missão como mensageiro de Deus para os últimos dias. “Na comunidade cristã, essa noção de mensageiro será aplicada também aos mensageiros de Jesus Cristo”³³⁷. Do mesmo modo como quem acolhe Jesus acolhe o Pai que o enviou, aquele que acolhe o enviado por Jesus, acolhe quem o enviou (cf. Jo 13,20). O mensageiro ou enviado fica em segundo plano para facilitar sua identificação com a causa de Deus que lhe foi confiada. Para a comunidade apostólica, esta causa é a causa de Cristo (Cf. 2Cor 4,5).

³³⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 438.

³³⁶ Na narrativa da transfiguração, Jesus aparece entre as figuras escatológicas de Elias e Moisés, o que sugere que no judaísmo a função e o significado de ambos não coincidiam completamente. Moisés é o legislador; Elias é o intérprete; Jesus, ao mesmo tempo, legisla e interpreta a Lei. Cf. *Ibid.*, p. 448-450; cf. p. 473-474.

³³⁷ A noção de enviado coincide com a noção de “apóstolo” em 2Cor 4,5. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 489.

Identificado como profeta escatológico, dono da “verdadeira doutrina”, o ungido pelo Espírito, e que soube falar sobre Deus de maneira certa e definitiva, Jesus foi considerado como o verdadeiro intérprete da Lei de Deus, e consequentemente intérprete do que deve significar “ser humano”. “A unção pelo Espírito de Deus, isto é, o ‘ser cristo’, indica a origem divina da sabedoria que este profeta anuncia”³³⁸. A mensagem que Jesus anuncia é mensagem do Pai, acolhida pelos discípulos na verdade e na fé (cf. Jo 17,8); as palavras vindas do Pai realizam em Jesus a sua obra (cf. Jo 14,10). Ele não fala por si mesmo, mas pelo Pai que o enviou (cf. Jo 12,49). Ele é profeta escatológico que traz o evangelho (cf. Is 61,1-2) do Reino de Deus (cf. Is 52,7), para falar da maneira certa sobre Deus e sobre o ser humano. “É isso que os cristãos constataram realizado em Jesus de Nazaré”³³⁹.

Enquanto os discípulos viram em Jesus o Cristo, o profeta escatológico, que chamava o povo de Deus para a metanóia e a conversão de sua apostasia em relação à Lei, os chefes de Israel viram nele o anticristo, o falso profeta dos últimos dias, o contraditor que enganava o povo e o levava à apostasia (cf. At 7,51-53). Diante de tal recusa, Jesus não precisou fazer nada para legitimar-se como profeta escatológico; antes, “recusou legitimar-se em seu próprio proveito; foi condenado como ‘falso profeta’ e entregue aos romanos na base de um jogo político com o termo ‘rei dos judeus’. Foi somente pela ressurreição que Deus legitimou o seu mensageiro”³⁴⁰, após este ter passado pela paixão e morte.

Segundo a expectativa escatológica da vida após a morte em Israel, “somente quando o Espírito de Deus mora numa pessoa, tal pessoa é imortal (Sb 1,4-7)”³⁴¹. Enquanto que no judaísmo se considera a “ressurreição dos mortos” (*anástasis nekrón*), a Jesus se confere sempre o conceito de ressuscitado “dentre os mortos” (*ek nekrón*). Portanto, “a ressurreição de Jesus é intrinsecamente um ato salutar, não uma condição para alguém poder aparecer diante do trono de Deus, a fim de ser

³³⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 496.

³³⁹ Ibid.

³⁴⁰ Ibid., p. 508.

³⁴¹ A expectativa da vida após a morte difere entre gregos e judeus. Enquanto que para os primeiros, após a morte, os justos e sábios são levados ao céu, ou a bem dizer não morrem, são imortais (cf. Sb 1,4-14.15; 5,15), para os judeus, após a morte, os justos são premiados com uma assunção ao céu, enquanto que os pecadores não participam da vida após a morte, aliás, são punidos após a morte, apesar de terem perseguido e terem tido sucesso terreno. Cf. SCHILLEBEECKX, E. Idem, p. 519-524.

então julgado. Sua ressurreição é logo julgada como o ‘amém’ de Deus ao homem Jesus”³⁴².

A ressurreição de Jesus é ato divino e escatológico realizado em Jesus, interpretado como aprovação do profeta escatológico³⁴³. O “terceiro dia”³⁴⁴, após o supremo sacrifício de Jesus, por sua morte, Deus determina o momento decisivo da história em que, findas todas as expectativas humanas, dá-se a redenção escatológica na pessoa do seu Cristo, iniciando-se igualmente a nova existência do discípulo do Reino³⁴⁵. Schillebeeckx informa que, “quando os cristãos confessam que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos ao terceiro dia, estão confessando que o Reino de Deus adquiriu o rosto do Crucificado ressuscitado, Jesus de Nazaré”³⁴⁶. Sua ressurreição é uma realidade escatológica que rompe o conceito apocalíptico de ressurreição. “O terceiro dia, o dia da salvação, já é realidade viva, e abre dentro da nossa história que simplesmente continua [...], uma novidade radical e um futuro esperançoso”³⁴⁷.

A ressurreição não é vista como uma correção divina do escândalo da cruz, mas “como base para a *parusia* que se aproxima, como inauguração da ressurreição escatologicamente universal dos mortos e como acontecimento que confirma a mensagem de Jesus sobre o vindouro reinado de Deus”³⁴⁸, de modo que Jesus ressuscitado (no presente) já é a vinda do futuro (a *parusia* do reinado de Deus). “O Ressuscitado ou, (para outros), o Exaltado é aquele que em breve virá: o *escatón* já está quase acontecendo! Foi essa a original experiência pascal”³⁴⁹. Ressurreição e *parusia*, embora distintas, estavam muito perto uma da outra. “A experiência pascal foi originariamente a experiência de que Jesus era aquele que viria em breve; a certeza da proximidade da *parusia*, a confirmação da vinda do reinado de Deus, era o conteúdo da pregação de Jesus”³⁵⁰. Na origem, a vinda do Reino de Deus estava

³⁴² SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 525.

³⁴³ No cristianismo primitivo é acentuada a ação salvífica de Deus que faz Jesus se levantar dentre os mortos (“Ho egeiras” = “Deus, que desperta para a vida”). Portanto, a ressurreição é considerada um atributo divino, um louvor a Deus. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Idem*, p. 527.

³⁴⁴ Schillebeeckx explica que o “terceiro dia” não tem a ver com “três dias a partir da Sexta-feira Santa”, em que se baseia o “tríduo pascal”. Na liturgia esta historização tem razão e sentido, mas não deve fazer-nos esquecer o significado mais profundo, soteriológico, da reviravolta decisiva. Cf. *Ibid.*, p. 532, nota 33. Grifos do autor.

³⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 532.

³⁴⁶ *Ibid.*, p. 533.

³⁴⁷ *Ibid.*, p. 534.

³⁴⁸ *Ibid.*, p. 542. Grifo nosso.

³⁴⁹ *Ibid.* Grifo do autor.

³⁵⁰ *Ibid.*

ligada à *parusia*. Elas não eram antitéticas, mas uma síntese com a qual o Pai aprovava o Filho e nele confirmava a vinda do Reino.

Então, quanto à questão cronológica da volta de Jesus, teria ele se enganado acerca do que anunciara sobre seu retorno em breve? Schillebeeckx reflete sobre esta questão e oferece a resposta em chave escatológica:

A convicção cristã de que Jesus não se tinha enganado na sua experiência com o “Abba”, foi portanto um dos elementos que levaram os cristãos a identificarem o Reino de Deus, cuja vinda Jesus proclamara, com o próprio Crucificado ressuscitado: nele o Reino de Deus chegou³⁵¹.

Foi assim que os cristãos entenderam a *parusia*: o Reino de Deus anunciado por Jesus viria da maneira como ele havia dito: no Crucificado ressuscitado, pois eles estavam acreditando que estavam vivendo “no fim dos dias” (cf. 1Pd 1,20; 2Pd 3,3; Jd 18; também 2Tm 3,1; Mc 9,1). Portanto, assim como Jesus se identificara com a causa de Deus e com a vinda do Reino de Deus, assim também com ele se identificou o próprio Deus, fazendo-o levantar-se dentre os mortos, pelo que se entende logo que o próprio Jesus é esse Reino de Deus. “Jesus se proclamou, por assim dizer, sem querer, a si mesmo: o Anunciante é o Anunciado”³⁵².

Com isso, os tempos escatológicos estavam inaugurados e caracterizados pelo dom escatológico do Espírito de Jesus, ou Espírito de Deus. A era escatológica começaria com a missão do Espírito, e o credo fundamental da comunidade cristã primitiva foi este: “Jesus de Nazaré é o Cristo, aquele que está totalmente cheio do escatológico Espírito de Deus. Jesus é a divina revelação definitiva, a revelação dos últimos dias, e assim é ao mesmo tempo o paradigma da humanidade escatológica”³⁵³.

³⁵¹ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 545.

³⁵² Fascinante é esta conclusão de Schillebeeckx com a qual ele identifica Jesus Crucificado Ressuscitado com o Reino de Deus. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 546.

³⁵³ Ibid.

4.5

Reino de Deus: síntese do anúncio e da práxis de Jesus no pensamento de Schillebeeckx

Tal como o título de “profeta escatológico”, atribuído por Schillebeeckx a Jesus de Nazaré, o conceito de Reino de Deus ocupa lugar central no curso do pensamento do autor, seja como mensagem central da *pregação* de Jesus, seja como *práxis* adotada pelo mesmo Jesus, bem como realidade produzida pela continuidade de idêntica prédica e prática na vida dos seus discípulos, que são os *destinatários* do Reino³⁵⁴. Trata-se de uma temática transversal em toda a obra de Schillebeeckx, cuja finalidade é fazer brilhar em Jesus sua missão de enviado do Pai para tornar o Reino compreendido e visível na história através do anúncio da salvação para a humanidade, concretizada na devolução da vida negada aos pobres, já nas circunstâncias materiais e urgentes, e implantar neles a esperança do amor divino que os chama à vida plena no futuro escatológico. O Reino é a vida de Jesus e, para torná-lo visível na vida das pessoas, Jesus está disposto a gastar a própria vida.

O Reino é expressão da natureza de Deus, amor soberano e incondicional, na medida em que este se cumpre nas vidas de homens e mulheres que fazem a vontade de Deus e se manifesta nos mesmos. O Reino significa também “uma nova relação dos seres humanos com Deus, que tem como aspecto tangível e visível um novo tipo de relação libertadora entre homens e mulheres dentro de uma sociedade reconciliada e pacífica”³⁵⁵. A imaginação humana não consegue especificar os termos do que o Reino significa, mas pode se aproximar de sua realização sensível e antecipada na história através das experiências humanas de bondade, sentido e amor, bem como em qualquer situação em que a humanidade se encontre ameaçada, escravizada e obscurecida, até ao ponto de suscitar as mesmas atitudes, por vezes rebeldes, de Jesus, ao ponto de que, quem adere pela fé à pessoa e à mensagem de Jesus, acabe por dar à sua vida a mesma forma que teve a vida dele, e abraçar a

³⁵⁴ Também Jon Sobrino comenta esta tríade (via nocional, via da prática de Jesus, e via do destinatário do Reino) como as vias que determinam a centralidade do Reino de Deus na Teologia da Libertação. No artigo, o Autor faz uma rica releitura da temática do Reino sob as chaves hermenêuticas que lhe capacitam a organizar todos os conteúdos da Teologia da Libertação Cf. SOBRINO, J. “Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación”. In: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación, I. Madrid, Editorial Trotta, S. A., 1990, p. 476.

³⁵⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política, p. 31. Tradução nossa.

causa do Reino, que ele abraçou. Nisso, pode-se ter uma visão eficaz do que venha a ser o Reino de Deus.

Do anúncio do Reino feito por Jesus (cf. Mc 1,15; Lc 11,20; Mt 3,2; 4,17; 10,7), à confissão de fé pós-pascal da Comunidade cristã em Jesus como o Cristo, podemos conhecer o significado permanente e decisivo da proximidade do Reino de Deus, e, por ele, da salvação total e completa trazida por Jesus à humanidade. Agir como Jesus agiu significa assumir a mesma práxis do Reino de Deus: salvar a humanidade.

Em Jesus, o anúncio do Reino, a proximidade deste percebida pelos pobres, pecadores e todos os que a Jesus aderem pela fé, bem como os sinais (milagres) operados por Jesus, constituem realidades inseparáveis, um todo que convencionamos chamar anúncio e práxis do Reino de Deus. Inaugurado por Jesus, este itinerário existencial, uma existência segundo o Reino de Deus, prolonga-se ao longo da história, por mandato do próprio Jesus, na mensagem e nas atividades dos seus discípulos. “O fundamento do estilo de vida dos discípulos de Jesus se baseia no estilo de vida que o mesmo Jesus viveu”³⁵⁶. E a mesma história da salvação, que é história do Reino, e o Reino sendo revelado ao longo da história, caminha rumo à sua plenitude em Deus, após a volta definitiva do Filho (*parusia*), como Juiz escatológico para o juízo de vivos e mortos, para recompensar a cada um conforme sua adesão ao Reino e respectiva conduta, segundo o Reino, ou oposta a ele (cf. Mt 25,31-46)³⁵⁷.

É surpreendente, para Schillebeeckx, a íntima conexão existente entre Jesus, sua mensagem (anúncio) e sua ação (práxis do Reino). “Com sua pessoa, mensagem e estilo de vida, Jesus aparece como garante do Deus libertador que ama aos homens e mulheres”³⁵⁸, resultando daí uma vida positiva para a humanidade. A proclamação e estilo de vida de Jesus se interpretam mutuamente, e não há quem escute o anúncio do Reino feito por Jesus, e se depare com seus gestos salvíficos, ou ateste seus

³⁵⁶ Ibid., p. 34. Tradução nossa. A respeito do nexo existente entre Jesus e seus discípulos, no tocante à mensagem e práxis do Reino de Deus, ver também: JÚNIOR, L. C. G.; ALMEIDA, A. J. de. *O Reino de Deus: Como a praxe de vida de Jesus revela o projeto de amor de Deus para a humanidade. Um estudo do livro “Jesus: aproximação histórica”, de José Antônio Pagola*. In: Caderno Teológico da PUCPR, v.1, n.1, Curitiba, 2013, p.74-123, com muitas referências à obra *Jesus, a história de um vivente*, de Schillebeeckx.

³⁵⁷ Na segunda obra de sua trilogia, o autor comenta a busca da justiça do Reino na práxis dos discípulos de Jesus. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo y los cristianos*. Gracia y liberación, p. 528-531.

³⁵⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política, p. 34. Tradução nossa.

milagres, que consiga ficar neutral: o Reino que em Jesus se aproxima, de algum modo, clama pela conversão daqueles que o encontram, e, se lhe permitem agir em si, mudam de vida para daí em diante se tornarem discípulos do Reino em mensagem e em atitudes a ele correspondentes.

Supõe-se que o mesmo Jesus foi confirmado da parte de Deus. A tradição cristã confirmou com seu Credo que a relação entre Jesus e Deus foi de Filho para Pai: ele é o Filho de Deus. A experiência que Jesus teve com Deus foi a mesma experiência judaica do *Abba*, e tal experiência se constituiu como a fonte de sua mensagem, do anúncio do Reino do Pai, de seu estilo de vida e de sua proximidade aos pecadores, doentes e de todos os que tinham sido excluídos da salvação.

A mensagem e práxis do Reino se constituíram em ameaça mortal e fatal para Jesus. Como João Batista e os demais profetas, Jesus, o profeta escatológico dos últimos tempos, maior que Moisés, afetou a Herodes Antipas e ao Sinédrio, ou seja, ao poder temporal e religioso de seu tempo. O humilde e potente Reino de Deus entrou em rota de colisão com os poderes vigentes na inteira Palestina. De um lado, o humilde e potente poder de restituir a vida aos semimortos que jaziam sob o poder que a práxis dos fariseus faziam da Lei; do outro, o Sinédrio e os fariseus que instigavam as multidões e estas a Herodes e Pilatos para que condenassem Jesus à morte de cruz.

A morte de Jesus está intimamente ligada à sua mensagem e práxis do Reino, e Jesus está consciente do significado de sua morte: é pela causa do Reino que ele vai morrer³⁵⁹. Apesar da consciente iminência de sua morte (cf. Jo 13,1), Jesus permanece fiel à sua mensagem, toma decididamente o caminho de Jerusalém (cf. Lc 9,51), e celebra sua despedida pascal com os discípulos numa Ceia (cf. Mc 14,12-17), advertindo-os a respeito do significado escatológico da mesma Ceia: “... já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus” (cf. Lc 22,16)³⁶⁰.

Para Schillebeeckx, a morte de Jesus foi a consumação de sua mensagem e estilo de vida: “ele sofreu por e para os outros, como validação incondicional de uma práxis que implicava o fazer o bem e opor-se ao mal e ao sofrimento. Temos,

³⁵⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política, p. 35-36. Tradução nossa.

³⁶⁰ A nota “g” relativa a esta citação, na Bíblia de Jerusalém, diz que a Ceia de Jesus “cumprir-se-á de maneira inicial pela instituição da Eucaristia, centro da vida espiritual do Reino fundado por Jesus, porém de maneira total, e sem véus, no fim dos tempos”. Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, nota “g”, comentando a passagem de Lc 22,16.

pois, de tomar a vida e a morte de Jesus como uma entidade única”³⁶¹. O sentido de sua morte não pode ser isolado do sentido de sua vida. Além disso, tendo se recusado desde o início do seu ministério público a ser identificado com um Messias triunfal, o significado da morte dele é um atestado de coerência. A ele só se pode aplicar o título de Messias se considerado ao Servo sofredor de Javé (cf. Is 42; 49; 52-53). Portanto, a morte de cruz redimensiona o título de Messias, de modo que a Comunidade cristã passa a identificar Jesus crucificado como o Messias. Tendo se aproximado e se identificado radicalmente com os pecadores e excluídos do Reino, Jesus os assumiu todos em si na sua morte humilhante e excludora, e os introduziu no Reino de Deus com sua ressurreição, ao vencer a própria morte.

A ressurreição de Jesus foi ação escatológica de Deus que conectou a vida histórica de Jesus de modo superior à ruptura de sua morte com o Cristo da fé da Igreja. Com a ressurreição, o Pai autentica a pessoa, a mensagem e o estilo de viver de Jesus; aprova o que o Filho fez e reprovava o que os seres humanos fizeram com o Filho. Igual ao significado da morte, a ressurreição de Jesus não se separa de sua vida e de sua morte. A ressurreição de Jesus é também um avanço ou manifestação de algo já presente na vida e morte de Jesus: sua comunhão de vida ou graça com o Deus vivente, comunhão que não podia ser rompida com a morte, e esta comunhão, já na terra, é o início do que logo se passou a chamar de “vida eterna”. Por fim, segundo Schillebeeckx, a ressurreição de Jesus reveste um significado eminentemente escatológico: não se trata apenas de uma continuidade de comunhão de vida de Cristo com Deus, mas da instauração em gérmen do Reino de Deus que se revela na exaltação e glorificação de Jesus como Deus, tornado Senhor (*Kυριος*) pelo próprio Pai, e atestado em seu senhorio dentro da Comunidade que professa sua fé, dizendo: “Creio em Jesus, o Senhor”³⁶².

Contudo, o olhar teológico de Schillebeeckx se revela aquilino, quando é capaz de perceber que tudo o que acima foi exposto sequer merece ser considerada uma boa teologia se excluirmos a viva presença “pneumática” de Jesus em sua Igreja. Para Schillebeeckx, a ressurreição de Jesus, seu envio do Espírito, o surgir da comunidade de Deus, como a Igreja de Cristo que vive do Espírito e o testemunho do Novo Testamento acerca de tudo isso, assim como também a fé na

³⁶¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política, p. 36. Tradução nossa.

³⁶² Cf. Ibid., p. 41. Tradução nossa.

ressurreição, se definem reciprocamente, ainda quando uma não possa ser identificada com a outra. O autor afirma que a Igreja que surgiu na base da fé na ressurreição de Jesus é o significado mais profundo das aparições de Jesus. Na Igreja reunida, Jesus crucificado se torna presente como ressuscitado. Onde a Igreja de Jesus Cristo está viva e Jesus é seguido em oração e libertação, a fé na ressurreição não experimenta crise alguma.

Porém, fiel ao seu critério hermenêutico fundamental, Schillebeeckx prefere não reconhecer a Deus e não crer na vida eterna, do que crer em um Deus que despreza, oprime e humilha a humanidade com o seu olhar fixado no além, pois no evangelho cristão, tanto “Deus” como “Jesus” adquirem um poder libertador, crítico e produtivo, e este critério de “humanização” proclamado por Jesus acima de todas as expectativas humanas do *humanum* que é desejado e constantemente ameaçado, e o *pathos* pela humanidade do ser humano, por nossa integridade e sanção como algo próximo ao coração de Deus, não significam uma redução do evangelho, pois o evangelho significa boa nova não somente aos olhos de Jesus, mas também aos olhos do Deus de Jesus, o criador do céu e da terra, o Deus de todos os homens e mulheres. “A mensagem de Jesus abarca o Reino de Deus em toda a sua profundidade, altura e longitude; não simplesmente o perdão dos pecados e a vida eterna, aspectos também incluídos”³⁶³. Trata-se de algo muito superior a tudo isso, pois Jesus proclamou a proximidade absoluta, gratuita e efetiva do Deus que cria e traz a salvação.

Por fim, Schillebeeckx indica que, partindo da mensagem e estilo de vida de Jesus, ou seja, do anúncio e da práxis do Reino de Deus, palpita na humanidade um futuro escatológico esperado, um vir-a-ser, como algo buscado e continuamente encontrado em forma fragmentária e de novo ameaçada, que são a perfeição escatológica e a liberdade. Essas duas aspirações, segundo o Autor, só podem ser entendidas e expressas em linguagem simbólica e metafórica. Três grandes metáforas, expressas com distintas variantes na Bíblia cristã e judaica, nos sugerem a direção do que a humanidade pode chegar a ser:

- a) A salvação definitiva ou libertação radical da humanidade para converter-se em uma sociedade de irmãos e irmãs, em uma comunidade viva em que já não existam as relações “senhor-servo”, da qual a dor e

³⁶³ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política, p. 42. Tradução nossa.

as lágrimas desaparecem após terem sido ouvidas, se chama “Reino de Deus”.

- b) A salvação completa e a felicidade do indivíduo (chamado *sarx*, corpo ou carne na Bíblia), dentro de uma comunidade perfeita, a tradição cristã chama de “ressurreição da carne”, isto é, a pessoa humana incluindo sua corporeidade humana, corporeidade como uma orquestração visível, a melodia distintiva de uma pessoa que os demais desfrutam.
- c) Finalmente, consumação do “ambiente ecológico” puro que os seres humanos necessitam para viver nele, vem sugerida pela grande metáfora do “novo céu e a nova terra”.

Estas três visões metafóricas do futuro previstas por Deus para a humanidade orientam já a ação dos cristãos no mundo, não de um modo indeterminado ou indireto, mas de uma direção muito definida, indicada pela dinâmica destes três símbolos: inquietude por uma sociedade melhor para toda a humanidade, especialmente para os marginalizados, excluídos e isolados; inquietude pastoral pela comunicação concebida como um criticismo social e cultural constantes, lá onde a injustiça é evidente; inquietude pelo corpo humano, a saúde psicológica e sociológica; inquietude também pelo entorno natural humano, pelo conjunto da fé cristã, esperança e amor, pela oração litúrgica e os sacramentos para que sejam significativos; e finalmente, inquietude por uma pastoral individual, especialmente até os solitários e carentes de esperança. Assim, a espiritualidade cristã adquire seu poder e sua alegria desta esperança escatológica com a qual os cristãos realizam tudo isso³⁶⁴.

4.6

Reflexões conclusivas

De tudo quanto expusemos acima, percebemos que Schillebeeckx nos situa na centralidade da temática do Reino de Deus, como o coração da revelação divina, manifestado na palavra e nas obras, na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

³⁶⁴ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política, p. 43-44. Tradução nossa.

Tal descoberta se dá no encontro dos discípulos com Jesus de Nazaré, que lhes anunciava a proximidade do Reino e os conclamava à conversão. Ao anunciar o Reino de Deus, Jesus revela a vontade salvadora do seu *Abbà*, e convoca a todos a percorrer o caminho da conversão, na maneira de pensar e de agir, para que o Reino ocupe e informe a vida toda de quem se torna seu discípulo. Identificando-se profundamente com a mensagem do Reino que anuncia, Jesus deixa perceber que há como que uma hipóstase do Reino com sua pessoa. Como vimos ao longo da pesquisa, em uníssono, os teólogos apontam para uma identidade existente entre Jesus e o Reino, e veem nele o Reino em ação na história, inaugurado com sua pregação, e atuante por meio de seus milagres, que são sinais pelos quais ele devolve a vida aos pobres, des-graçados e morrentes, colocando-os de novo na graça do convívio filial, fraterno e digno (cf. Mc 5,34), e convidando todos ao congoçamento que o banquete do Reino representa como ícone de esperança, antecipado já na comensalidade de Jesus com os pecadores, e prenúncio daquele futuro, alegre e eterno banquete, servido pelo próprio Pai, na comunhão com todos no Céu (cf. Mt 22,2-14).

Depreende-se que o que Jesus queria mesmo era implantar o Reino de Deus, como semente geradora de uma cultura (a cultura do Reino) no coração da humanidade, sem pretensões de grandezas nem precipitações espetaculares, mas com a dinamicidade da esperança que sabe aguardar, ainda que no absurdo e no silêncio da ingratidão, da dor e da morte, a chegada da hora certa de Deus, que traz a nova aurora da ressurreição e da vitória, antecipando-a do futuro para o presente, mantendo nas pessoas a sede escatológica pelas surpresas amorosas de Deus Pai, que anima na luta contra o mal. No fim, não será a morte e o nada, mas o Deus que ama é quem dará a última palavra, o *éschaton* da vida plena a quem aderiu ao seu Cristo e ao Reino que ele anunciou.

O que era uma histórica expectativa messiânica e apocalíptica em Israel, Deus a realizou, enviando ao mundo o seu Filho, como Profeta escatológico, nascido de uma mulher (cf. Gl 4,4), do meio dos pobres, que sintetiza em si a Lei e os Profetas (cf. Mt 7,12), que atualiza em si Moisés e Elias (cf. Mt 17,3), e ao mesmo tempo os supera, capaz de reler a Lei, reformulando-a, para que retomasse todo o seu poder de dar vida ao Povo, aplicando-a à defesa do direito de viver feliz a todos a quem este direito havia sido negado, iluminando com a Lei do amor recíproco, a partir da misericórdia paterna de Deus, a nova maneira de viver na comunidade humana, que

é a ética do reinado de Deus, onde Deus é Pai e todos são irmãos. E o próprio Jesus realiza por suas atitudes amorosas o que anuncia. Ele é, ao mesmo tempo, o anunciador e o anunciado: Ele é, em pessoa, o Reino de Deus que chegou!

Uma vez implantado pelo Cristo Senhor, o Reino se difunde através da comunidade dos seus discípulos. Tanto os discípulos de ontem como os atuais têm uma missão precípua e urgente, missão que se estende no tempo ao longo de toda a história: atualizar Jesus Cristo, o anúncio e a práxis do Reino, assumindo intrepidamente as escolhas dele, abrindo as portas da comunidade para os que foram colocados para fora dela, ou indo em busca dos que se sentem indignos de serem amados por Deus e capacitados de amar a todos como irmãos.

Após perceber a urgência da mensagem do Reino de Deus, que Jesus revelou no evangelho, e a comunidade dos discípulos fielmente transmitiu ao longo da história, o desafio agora é bater às portas de cada cultura e sociedade para permeá-las do mesmo anúncio e testemunhar dentro delas o Reino com as práticas ensinadas por Jesus Cristo, ainda que isso comporte o risco da recusa, do aparente triunfo do pecado, da corrupção e da morte. Para isso, cada discípulo e todos dentro da Comunidade haverão de percorrer um caminho contínuo de reformas e conversão. Sem tal conversão, a prédica e prática do Reino poderão ser confiadas pelo próprio Jesus a quem se decidir a aderir com paixão e firmeza ao evangelho do Reino, e o fizer frutificar na vida das pessoas que o esperam (cf. Mt 21,33-43).

O mesmo desafio dos primeiros discípulos do Reino se encontra diante e no coração dos atuais discípulos. Trata-se do desafio de acreditar no Reino de Deus, convertendo-se ao evangelho do Reino que Jesus anunciou e por ele deu a vida. O destino do Mestre vai se repetir na vida do discípulo de cada época. A experiência pascal de ontem se atualiza hoje pela urgência da conversão, da recusa aos pactos da morte, travestidos hoje até mesmo da pieguice, dos atuais farisaísmos e fanatismos com que os discípulos do Reino têm que se confrontar e até conviver, dentro e fora da comunidade. Todavia, a comunidade está no mundo e na história como um fermento na massa (cf. Mt 13,33), e é agente do Reino de Deus, como enviada por Cristo na força do Espírito Santo (cf. Mc 16,15). Mais do que uma pregação ostensiva e ostentadora de poder e força, a comunidade escatológica atualmente precisa estar munida de valores transcendentais, daquilo que contrasta com o anti-Reino, que assusta pelo consumismo, hedonismo, e todas as variantes da idolatria do dinheiro, do poder e do abandono do Reino de Deus nos pobres.

Valores como o serviço humilde, o heroico testemunho da verdade, a solidária presença lá onde a humanidade está mais desprezada e desesperada, sem nada para viver e para sustentar sua Fé, eis o campo fértil do plantio do Reino a ser anunciado e testemunhado numa nova práxis e numa renovada experiência pascal hoje.

A comunidade dos discípulos do Reino não há de trair quem lhe enviou, pois o Espírito é o garante do Reino de Deus, a blindagem da Comunidade escatológica do Reino. O poder do inferno foi esvaziado pela força da páscoa de Cristo, e o poder da morte que antes ameaçava os discípulos, impondo-lhes o medo e covardia, já foi vencido por Jesus em sua morte de cruz, e na sua ressurreição. A coragem (*parresia*) dada pelo Espírito, que está atuando na história, vai fortalecer cada discípulo na fidelidade comunitária, na luta que não se arrefece nem mesmo diante do pecado, para fazer novos discípulos do Reino, até que fascine toda a humanidade, com a luz de Cristo que resplandece no rosto dos seus santos, a fim de realizar nos discípulos a completa adesão ao Reino de Deus. Aí, Ele mesmo será tudo em todos (cf. 1Cor 15,28).

Estamos conscientes de que muitas outras reflexões poderiam ser motivadas pela empolgante temática que pesquisamos. Contudo nem está ao nosso alcance, nem é nossa intenção, elaborar todas as possíveis reflexões sobre o anúncio e a práxis do Reino de Deus na pessoa de Jesus. Estamos conscientes de que o caminho da pesquisa está aberto e ainda tem muito a ser percorrido. Quisemos apenas perceber como Schillebeeckx nos introduz neste amplo e espaçoso caminho de pesquisa do ponto de vista da Escatologia, tendo em conta que nem ele mesmo quis encerrar o diálogo com as fontes das Escrituras e suas tradições. Aliás, ele apenas abriu o caminho para que este diálogo seja continuado e enriquecido na pesquisa teológica de cada tempo. Entretanto, olhando panoramicamente a atuação da comunidade dos discípulos do Reino, percebemos sempre de novo o anúncio de Jesus, como nos primeiros dias de sua vida pública na Galileia: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no evangelho” (Mc 1,14-15). O anúncio do Reino há de ocupar sempre mais a sua centralidade no discurso e na prática de todos na Igreja. Teoricamente isso está pressuposto; na prática, nem sempre é fácil de ser percebido. E quando se trata do anúncio escatológico do Reino, como realidade do além que se antecipa no aqui e agora da história das comunidades, percebe-se que este oxigênio necessário para a respiração da ação evangelizadora do Corpo de Cristo se torna sempre mais rarefeito, em

virtude dos poluentes de sempre: o egoísmo, o fascínio pelos modismos de interesse efêmero, os novos racionalismos, e o projeto pessoal que se impõe sobre o projeto comunitário do Reino de Deus.

São desafios enfrentados por todas as instâncias da Igreja, perante os quais ela terá que recorrer a cada dia ao Espírito do Ressuscitado, e com Ele dizer: “Vem!” (cf. Ap 22,17). Há de repetir sempre a oração de Jesus, clamando: “Venha o teu Reino!” (Mt 6,10). Em tempos de contínuos desafios e de necessária conversão, a melhor atitude é a da vigilância orante, do diálogo desarmado e respeitoso com todos, a firmeza da fidelidade ao Evangelho, e a alegria de se confessar como discípulo do Reino de Deus. De fato, a alegria do evangelho do Reino invade o coração dos que se encontraram, ontem, como hoje, com Jesus Cristo³⁶⁵, e moldam sua vida por ele. É assim que percebemos Schillebeeckx em sua exposição da temática do anúncio e da práxis do Reino de Deus na pessoa de Jesus, em chave escatológica. Em meio à cristologia narrativa, o autor consegue vislumbrar e fundamentar o perfil escatológico do Reino, fazendo o leitor entender a identidade existente entre Jesus e o Reino que ele anuncia e concretiza.

³⁶⁵ Cf. PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Evangelii Gaudium*, 1.

5

Conclusão

Ao concluir esta pesquisa, recolhemos a riqueza de informações que Schillebeeckx nos disponibiliza em sua obra *Jesus, a história de um vivente*, e nas demais referências bibliográficas congêneres à temática do Reino de Deus, tratada por ele e por comentaristas, com quem o colocamos em diálogo ao longo do texto.

Antes de tudo, Schillebeeckx relê as Escrituras a partir da escatológica proximidade e revelação do Reino de Deus, que Jesus anunciou e tornou visível por meio de suas atitudes. Em Jesus, encontramos a síntese do Reino em seu anúncio e práxis. Sendo e vindo de Deus, como profeta enviado do Pai, Jesus traz e revela à humanidade Deus mesmo, aproximando-se e salvando as pessoas, com amor e compaixão pelos pobres. Seu anúncio se concentra no Reino de Deus que, com ele, se aproximou e chegou às pessoas (cf. Mc 1,14).

O anúncio do Reino é para todos uma boa notícia, um εὐαγγέλιον. Jesus abriu as portas do Reino para quantos nele quisessem entrar; todavia, não encontrou todos dispostos a acolherem o Reino. Os passos fundamentais a serem dados para acolher e adentrar ao Reino que se aproximava eram dois: o da conversão e o da fé em Jesus (cf. Mc 1,15). Nos pobres, famintos, doentes, incultos e excluídos da comunidade judaica, já presumida salva pelas práticas da Lei, e até nos estrangeiros e pagãos, igualmente considerados indignos de Deus, a fé em Jesus foi manifestada com mais liberdade e rapidez. Ao invés, nos fariseus, doutores da Lei e Sacerdotes do Templo, a fé em Jesus era considerada um delito contra a Lei mosaica. Para os primeiros, o Reino era causa de alegria e esperança; para os últimos, uma afronta e causa da reprovação, condenação e morte impostas a Jesus. Em contrapartida, aos pobres, Jesus manifestava a compaixão divina; por outro lado, aos presunçosos fariseus, a mensagem do Reino lhes desmascarava a hipocrisia, e os desarmava perante a própria consciência, deixando-os sob o juízo de Deus.

Jesus interpretava a Lei e os Profetas à luz das exigências que o Reino impunha: devolver o direito de viver àqueles a quem este direito foi negado. Vida feliz já na terra era o dom escatológico do Reino, prenúncio da vida plena que ainda estava por vir na eternidade. Assim, o caráter escatológico do Reino vai sendo percebido na pregação de Jesus, ao assumir a causa da felicidade humana,

revelando-a como a causa assumida pelo próprio Deus em sua vontade salvífica. Com Jesus, o Reino futuro se antecipou, e os tempos escatológicos foram inaugurados. Acabou o tempo da espera messiânica, pois o próprio Jesus é o Messias, o profeta escatológico, prenunciado por João Batista, esperado por todos e enviado pelo Pai.

O programa de vida do Reino se encontrava na proclamação das bem-aventuranças (cf. Mt 5,1-12). Elas são a carta magna do Reino de Deus, e delas nasce a nova Lei do Reino (cf. Mt 7,12), na qual consistem a Lei e os Profetas: amar a Deus com todo o coração e ao próximo como a si mesmo, pois no amor está a plenitude da Lei (cf. Rm 13,8). A futura comunidade dos discípulos do Reino vai ter na Lei do Amor o seu maior mandamento e sua identidade (cf. Jo 13,35).

Para ilustrar o anúncio do Reino aos pobres, Jesus se serviu de parábolas. No conteúdo do que elas anunciavam, estava a vida do próprio anunciante. As parábolas do Reino, em suma, se referiam ao próprio Jesus em sua missão de trazer o Deus que ama e dá a vida para junto do povo não amado e morrente. Jesus mesmo era a parábola vivente do Pai, a Palavra viva de Deus, de modo que quem o via e o ouvia, via e ouvia o próprio Pai (cf. Jo 14,9-10). Por meio das parábolas, a mensagem do Reino era facilmente entendida, e Jesus não falava aos discípulos noutra, mas somente na linguagem das parábolas (cf. Mc 4,34).

Jesus se alegrava porque o Pai escondera os mistérios do Reino aos sábios e entendidos, e os revelara aos pequeninos (cf. Mt 11,25). E para revelar os mistérios do Reino aos pobres, as parábolas eram o recurso de linguagem que mais facilitava a sua compreensão. Assim, o Reino de Deus poderia ser facilmente compreendido quando comparado ao lançamento de frágeis sementes na terra, que dependiam do tipo de terreno para germinar e dar frutos, mas que acabariam produzindo frutos. Jesus comparava as dificuldades que os discípulos encontrariam no anúncio do Reino à presença do joio, que cresce em meio ao trigo, e que somente poderiam ser separados um do outro quando ambos amadurecessem. O trabalho doméstico de mulheres que preparavam o pão serviu de símbolo para explicar o mistério do Reino: tal qual uma pequena quantia de fermento, que se mistura à massa, a aparente pequenez do Reino haveria de modificar toda a realidade do mundo. Ou ainda, o Reino podia ser comparado a um tesouro escondido no campo, ou a uma pérola de grande valor, para os quais, os interessados se disporiam a vender tudo a fim de poder comprá-los. Por fim, Jesus comparou o Reino a uma rede que, lançada ao

mar, recolhia todo tipo de peixe, e no fim do trabalho, os pescadores haveriam de separar dentre eles os bons dos maus (cf. Mt 13,1-50). Quem compreendesse as parábolas do Reino se tornaria doutor da Lei e discípulo do Reino de Deus, podendo tirar do seu patrimônio de conhecimentos e sabedoria de vida – como um pai de família – coisas novas e velhas (cf. Mt 13,51-52).

Entretanto, outras parábolas de Jesus se referiam igualmente ao Reino, e eram capazes de solicitar a adesão a ele pela fé em Deus, julgar os que excluía os outros da possibilidade de participar da vida do Reino, e manifestar a atuação de Jesus mesmo como um profeta escatológico, cujo destino estaria marcado pela recusa e condenação à morte por causa do Reino de Deus (cf. Mt 21,33-43).

O anúncio do Reino se destinava a formar uma comunidade de discípulos, que, pela fé e a conversão, se tornariam capacitados para anunciar o Reino como enviados por Jesus (apóstolos), indo pelo mundo inteiro para fazer outros discípulos, assumindo as mesmas atitudes do Mestre. O Reino plasmava nos discípulos a identidade de Jesus, e o destino do Mestre seria o mesmo dos discípulos (cf. Mt 10,24-25; Lc 6,40). O Reino é o que há de mais profundamente comum entre Jesus e seus discípulos, que os liga entre si através do anúncio, da práxis e do testemunho, que implica como consequência para ambos a morte e a ressurreição. A conversão ao Reino e o seguimento de Jesus coincidem na vida dos discípulos, que se veem em uma reviravolta escatológica e vocacional: são chamados a deixar tudo e seguir Jesus com disposição até a dar a vida por causa dele e por causa do Reino de Deus.

Jesus é o realizador das obras que inauguram o ano da graça de Deus, que Isaías havia anunciado (cf. Lc 4,17-21; cf. Is 61,1-3). O Reino se mostra aos pobres e pecadores por meio das ações miraculosas e salvadoras de Jesus, como a ajuda que ele traz do Pai para a humanidade, que jaz sem esperança pelas estradas da vida (cf. Lc 10,25-37). Ele é o “bom samaritano da humanidade”, que lhe ajuda a levantar, a recuperar-se e, para isso, paga quanto for necessário. A ação salvadora de Jesus foi além do “fazer”; alcançou o “estar presente” e junto dos pecadores e excluídos, chegando a sentar-se à mesa com eles (comensalidade), deixando-se inclusive tocar por eles para poder suscitar neles a fé, e mediante esta, curá-los e perdoar-lhes os pecados, libertando-os totalmente: no corpo, na mente e no espírito.

A práxis libertadora e salvadora de Jesus era a práxis do Reino de Deus. Ela contrastava com a práxis da Lei, feita pelos fariseus. De um lado, Jesus interpreta a

Lei para dar vida aos pobres; do outro, os fariseus e doutores exigem a obsessiva observância da Lei como subterfúgio para adiar a obtenção da vida para os pobres e pecadores (cf. Lc 14,1-6). Os pobres e pecadores eram a opção e o endereço de Jesus de Nazaré, e ele é encontrado no meio deles ao longo de toda a sua vida, inclusive no momento de sua morte (cf. Lc 23,33.39-43). Ao interpretar a Lei a favor da vida dos pobres e pecadores, Jesus reconhece na Lei sua prerrogativa de pedagoga do Povo em sua condução ao Reino de Deus, e se torna o doutor da Lei por excelência, com a autoridade dada a ele pelo Pai para dispensar dos preceitos inumanos da Lei todos a quem os fariseus haviam escravizado com a cega exigência de sua observância. Com essa atitude, Jesus opunha sua práxis libertadora à práxis escravizadora dos fariseus; enquanto para estes, a Lei era a meta da vida, para Jesus, o amor a Deus e ao próximo era a síntese da Lei e dos Profetas (cf. Mt 7,12); enquanto os fariseus exigiam sacrifícios, Jesus, em consonância com os Profetas, requeria a misericórdia (cf. Mt 9,13; cf. Os 6,6), pois na missão de Jesus, a justiça do Reino é inseparável da misericórdia³⁶⁶.

Schillebeeckx nos ofereceu ao longo desta pesquisa uma nova leitura do Reino de Deus em chave escatológica. Ao final da obra, o próprio autor sintetiza tal leitura, dizendo:

A iminente salvação vinda de Deus, que Jesus anunciava e para a qual viveu e morreu, e o Reino de um Deus que quer a felicidade de todos, afinal mostrou ser a própria pessoa de Jesus Cristo, o homem escatológico Jesus de Nazaré, exaltado para junto de Deus, que abre ‘comunicação’ entre os humanos. Assim, a própria pessoa de Jesus de Nazaré é a revelação do rosto escatológico de tudo o que é realmente humano, e nisso é a revelação da plenitude trinitária da única essência divina, dando-se à humanidade pela sua própria essência, mas em liberdade absoluta³⁶⁷.

Nesta releitura do Reino, Schillebeeckx menciona os elementos escatológicos do anúncio e práxis do Reino na pessoa de Jesus. O Reino é salvação vinda de Deus, trazida e anunciada por Jesus, como profeta escatológico, que custou o preço de sua vida e sua morte. O Reino é a felicidade de todos, e esta felicidade, em última análise, é o próprio Jesus Cristo, o homem escatológico, exaltado junto de Deus. O Reino se irradia na comunidade dos discípulos, e tende a alcançar toda a humanidade. O Reino revela ao mesmo tempo, em Jesus Cristo, o rosto escatológico

³⁶⁶ BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Cf. Nota de rodapé, comentando Mt 9,13.

³⁶⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 675.

da humanidade e a essência da Trindade que se doa à humanidade em absoluta liberdade, e, com liberdade, a humanidade é chamada a aderir à Trindade.

O autor nos ajudou a perceber a identidade hipostática existente entre o Reino e a pessoa de Jesus, que se identificou ao mesmo tempo com a causa de Deus, que é a causa da humanidade. O próprio Deus confluíu para a mesma identificação com a humanidade na pessoa de Jesus Cristo. Nele, Deus confirmou a primazia de uma nova humanidade por ele ter vivido antecipadamente a práxis do Reino, confirmada pelo próprio Deus.

Ao assumir a maneira de viver de Jesus, pela conversão (*metanóia*), que é a maneira de viver segundo o Reino de Deus, a humanidade pode se reconciliar com o seu passado e com a história, de modo que o futuro não lhe causará mais medo, inobstante os riscos que sempre possuirá. Segundo Schillebeeckx, Jesus há de ser a única e universal referência da humanidade, o “modelo” a ser seguido e imitado, à luz do qual cada um de nós poderá chegar “à metanóia, a uma revisão de vida, e a descobrirmos quão medíocre está sendo a nossa vida cristã, e como a praxe consequente do Reino de Deus acontece raramente, também entre nós cristãos”³⁶⁸.

Schillebeeckx nos conduziu ao longo deste itinerário escatológico a perceber que o mistério de Jesus Cristo, com o qual o Reino de Deus se funde e se revela, envolve-nos eficazmente, como fascinante vocação e empenhadora missão, em ortodoxia e em ortopraxia, de modo a nos levar, pessoalmente, a dar também a Jesus Cristo, com real liberdade, a nossa resposta àquela sua pergunta: “E você, leitor, quem você acha que eu, Jesus de Nazaré, sou?”³⁶⁹. Com este propósito, Schillebeeckx nos entrega um legado de alto valor e responsabilidade teológica. Ele define sua obra como “uma ‘introdução responsável’ para uma retomada do ‘crer narrando’, com efeito prático e crítico, a partir de uma vida em oração, dentro do mundo do Reino de Deus, com uma praxe adequada”³⁷⁰. E se isso acontecer, diz Schillebeeckx, “então me sentirei feliz”³⁷¹.

³⁶⁸ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, p. 678.

³⁶⁹ Ibid.

³⁷⁰ Ibid., p. 679.

³⁷¹ Ibid.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCONA, G. *Escatologia cristã*. São Paulo, Loyola, 2013.

AUER, J.; RATZINGER, J. *Escatología. La muerte y la vida eterna*. Curso de Teología Dogmática. Tomo IX. Barcelona, Editorial Herder, 1984.

AURRECOECHEA, J. L. “Reino de Deus”. In: *Dicionário Teológico O Deus dos Cristãos*. São Paulo, Paulus.

BELLOSO, J. M. R. “Esperança”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999.

BENTHO, E. C. *O sinal misterioso de Caim*. In: <http://cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/63/o-sinal-misterioso-de-caim.html> (acesso em: 24.07.2014).

BENTO XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte. Do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2007.

_____. *Carta Encíclica Spe Salvi, sobre a Esperança Cristã*. São Paulo, Paulinas, 2007.

BERNABÉ, C. “Reino de Deus”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999.

BÍBLIA. Grego. NESTLE, E.; ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. 28. Edição Revista. Stuttgart. Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

BÍBLIA. Português. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulinas, 1985.

BÍBLIA. Português. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo, Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1990.

BINGEMER, M. C. L. *Ele fala com autoridade* (Artigo). In: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=6639&cod_canal=30 (acesso em 19.07.2014).

BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa*. Vida, morte e ressurreição. (Escatologia I). São Paulo, Paulus, 2000.

_____. *Escatologia do mundo*. O projeto cósmico de Deus. (Escatologia II). São Paulo, Paulus, 2001.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A. *Introduzione allo studio della Bibbia – Grammatica del greco del Nuovo Testamento*. Brescia, Paideia Editrice, 1997.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, 21ª ed., Petrópolis, Vozes, 2012.

_____. *Vida para além da morte*. O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação. 15ª ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena em Cristo*. Vivendo as realidades que entrevemos. Juiz de Fora-MG, Editar Editora Associada, 2010.

BRAMBILLA, F. G. *Edward Schillebeeckx*. Col. Teólogos do Século XX. São Paulo, Loyola, 2006.

BUSSMANN, M. “Reino de Deus”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus.

COENEN, L.; BROWN, C., *Dicionário Internacional de Teologia Bíblica: Novo Testamento*. 2º Vol., São Paulo, Vida Nova, 2000.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. 21ª ed., Petrópolis, Vozes, 1991.

CONGAR, Y. “Ele é o Senhor e dá a vida”. Col. Creio no Espírito Santo, n. 2. São Paulo, Paulinas, 2005.

CRUZ, D. B. “El caracter único y definitivo de la misión de Jesucristo en la cristología de Edward Schillebeeckx”. In: *Revista Iberoamericana de Teologia*, 12 (Enero-Junio) 2011. Ciudad de México, Universidad Iberoamericana, 2011.

DANTAS, A. B. *O anúncio do reino de Deus*. Reflexões sobre as Parábolas. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1974.

EICHER, P. (dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993.

ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación, I. Madrid, Editorial Trotta, S. A., 1990.

ENGELHARDT, P. “Esperança”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993.

FUELLENBACH, J. “Reino de Deus”. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida-SP, Vozes/Editora Santuário, 1994.

GARRIDO, J.; BARBOSA, M.; CARVALHO, J. O. *Solenidade de todos os Santos*. In: http://www.dehonianos.org/porta1/liturgia_dominical_ver.asp?liturgiaid=381 > (acesso em: 27.07.2014).

GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo. Loyola, 1998.

_____. *Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural*. In: REB, 277 (Janeiro) 2010, Petrópolis, Vozes, 2010.

GONÇALVES, P. S. L. *Liberationis Mysterium*. O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da *regula fidei*. Roma, Editrice Pontifica Università Gregoriana, 1997.

GRESHAKE, G. “Escatologia”. In: *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo, Paulinas/Loyola, 2004.

JÚNIOR, L. C. G.; ALMEIDA, A. J. de. “O Reino de Deus: Como a praxe de vida de Jesus revela o projeto de amor de Deus para a humanidade. Um estudo do livro “Jesus: aproximação histórica”, de José Antônio Pagola”. In: *Caderno Teológico da PUCPR*, v.1, n.1, Curitiba, 2013.

KASPER, W. *Jesus, el Cristo*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1986.

KONINGS, J. *Liturgia dominical*. Solenidade de Todos os Santos. In: <<http://homiliadominical.blogspot.com.br/2011/11/bem-aventurados-sao-os-que-sofrem.html>> (acesso em 27.07.2014).

KUZMA, C. A. *A esperança cristã*. Fundamentos e reflexões na teologia de Jurgen Moltmann. Dissertação (Mestrado em Teologia). Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007.

_____. *O futuro de Deus na missão da esperança*. Uma aproximação escatológica. São Paulo, Paulinas, 2014.

LACOSTE, J.-Y. “Esperança”. In: *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo, Paulinas/Loyola, 2004.

LADARIA, L. F. “Escatologia”. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida-SP, Vozes/Editora Santuário, 1994.

LIBÂNIO, J. B. *Jesus e os grupos sociais de seu tempo*. Artigo publicado em 02.04.2011. In: <<http://www.jbllibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=161>> (acesso em 12.07.2014).

LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã*. O Novo Céu e a Nova terra. Col. Teologia e Libertação, Série III, A Libertação na História, 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1996.

LOHFINK, G. *Deus precisa da Igreja?* Teologia do povo de Deus. São Paulo, Loyola, 2008.

MALONEY, E. C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje*. O Reino de Deus no Evangelho de Marcos. São Paulo, Paulinas, 2008.

MARCHESI, G. *Gesù Cristo: “Il Profeta escatologico”*. L’interpretazione cristologica di E. Schillebeeckx. In: *La Civiltà Cattolica*, Roma, Anno 136, Volume II, Quaderno 3237; 4 maggio, 1985.

MARDONES, J. M. “Esperança”. In: *Dicionário Teológico O Deus dos Cristãos*. São Paulo, Paulus, 1998.

MOINGT, J. *Deus que vem ao homem*. Do luto à revelação de Deus. Vol. 1. São Paulo, Loyola, 2010.

MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança*: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo, Teológica/Loyola, 2005.

MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*. Vol. 1. São Paulo, Paulinas, 1979.

MOSCONI, L. *A vida é missão*: para uma missiologia mística popular. 1ª ed. Belém-PA, Marques Editora, 2012.

NAVARRO, J. B. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*. Burgos, Monte Carmelo, 2004.

NEUTZLING, I. *O reino de Deus e os pobres*. Coleção “Fé e Realidade” - 20. São Paulo, Loyola, 1986.

OLIVEIRA, D. R. de. *Humano, cosmos e Deus: alteridade ontológico-relacional*. O princípio fundamental do conceito “Reino de Deus”. Sua permanência na Teologia de Leonardo Boff. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PADRES *amanhã? Deus criou o padre. O Diabo criou a casa*. Introdução de Fernando Vittorino Joannes. Coleção IDO-C2. Os grandes temas do cristianismo moderno. Petrópolis, Vozes, 1970.

PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. 6ª ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

PANNEMBERG, W. *Teologia Sistemática*. Vol. 3, Santo André; São Paulo, Editora Academia Cristã Ltda; Paulus, 2009.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Evangelii Gaudium*. Paulinas, São Paulo, 2013.

PIAZZA, O. F. *A esperança*. Lógica do impossível. São Paulo, Paulinas, 2004.

POZO, C.; COLLANTES, J.; CABA, J. *Teologia del más allá*. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1992.

QUEIRUGA, A. T. “O projeto cristológico de Edward Schillebeeckx” – Partes I, II e III. In: *Ciberteologia. Revista de Teologia & Cultura*, Ano II (Julho/Agosto) 2006, n. 6. São Paulo, Paulinas, 2006.

RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*: um ensaio de cristologia para os nossos dias. 15ª ed., São Paulo, Paulinas, 2012.

RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo, Paulus, 2003.

SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J.-J. (Dir.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999.

SCHILLEBEECKX, E. *Cristo y los cristianos*. Gracia y liberación. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1982.

_____. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo, Paulus, 1994.

_____. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo, Paulus, 2008.

_____. *Jesús en nuestra cultura*. Mística, ética y política. Segunda edición. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2001.

_____. *Reflexões acerca da interpretação da Escatologia*. In: CONCILIUM. Revista Internacional de Teologia, 1-5 (1969). Petrópolis, Vozes, 1969.

_____. *Uma espiritualidade para o homem de hoje*. In: GRANDE SINAL. Revista de Espiritualidade. Ano XXXIX (1995). Petrópolis, Vozes, 1995.

_____. “Virgo Immaculata”. In: *Acta Congressus Mariologici-Mariani, Romae MCMLIV celebrati*, Vol. IX – De immaculata conceptione aliisque privilegiis B. V. Mariae pro statu Christum natum antecedente et concomitante. Academia Mariana Internationalis, Roma, 1957.

SCHNACKEMBURG, R. *Règne et Royaume de Dieu*. Essai de Théologie Biblique. Études Théologiques, 2. Paris, Éditions de L’Orante, 1965.

SOBRINO, J. «Carta a Ignacio Ellacuría». In: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=20035>>. Acesso em 18.11.2014.

TAMAYO, J. J. (Dir.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo, Paulus, 2009.

TEIXEIRA, F. L. C. “Colloqui con Francesco Strazzari, por Edward Schillebeeckx”. Edizioni Dehoniane, Bologna, 1993. In: *Revista Eclesiástica Brasileira – REB*, 218 (Junho) 1995, Petrópolis, Vozes, 1995.

THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo, Loyola, 2002.

VITÓRIO, J. *Um obstáculo para a fé*. In: <http://www.domtotal.com.br/religiao/meu_dia_com_deus/evangelho_dia.php> (acesso em 01.08.2014).

VORGRIMLER, H. “Escatologia/Juízo”. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo, Paulus, 1993.

XABIER PIKAZA, O. de M.; NEREO SILANES, O. SS. T. (diretores). *Dicionário Teológico O Deus dos Cristãos*. São Paulo, Paulus, 1988.